

DO MESMO AUTOR DE "O VÔO DA ÁGUIA"

KEN FOLLETT



ALTA FINANÇA

Um dos principais livros de Ken Follett — « um clássico » de sempre
mais bem atualizado — só agora publicado no Brasil.

2ª EDIÇÃO





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ALTA FINANÇA

Ken Follett

Tradução de ANTÔNIO CARLOS GONÇALVES PENNA

Título original norte-americano PAPER MONEY

Prefácio

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados ficcionalmente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

ESTE LIVRO FOI ESCRITO em 1976, imediatamente antes de *O Buraco da Agulha*, e para mim é o melhor dos meus livros que não fizeram sucesso. Foi publicado sob o pseudônimo de Zachary Stone, da mesma forma que foi *O Escândalo Modigliani*, porque os livros são semelhantes: carecem de um personagem central, mas têm vários grupos de personagens cujas histórias são interligadas e que participam de um clímax comum.

Em *Alta Finança* os laços entre eles são menos fortuitos, pois o livro pretende mostrar como o crime, as altas finanças e o jornalismo são corruptamente interligados.

O final é bastante sombrio quando comparado com o de *O Escândalo Modigliani* — de fato ele é quase trágico. Entretanto as diferenças entre *Alta Finança* e *O Buraco da Agulha* é que são instrutivas. (Leitores que desejam o bolo, não a receita, devem abandonar esta introdução e ir direto ao primeiro capítulo.) O enredo de *Alta Finança* é o mais engenhoso que jamais arquitetei, e a pequena vendagem do livro convenceu-me de que enredos engenhosos satisfazem mais aos autores do que aos leitores.

O enredo de *O Buraco da Agulha* é naturalmente muito simples — de fato pode ser explicado em três parágrafos, como na realidade o escrevi quando pensei nele na primeira vez. *O Buraco da Agulha* tem apenas três ou quatro personagens principais enquanto *Alta Finança* tem cerca de uma dúzia. Entretanto, com seu complexo enredo e grande elenco, *Alta Finança* tem apenas a metade da extensão de *O Buraco da Agulha*. Como escritor, sempre tive de lutar contra a tendência de resumir, e em *Alta Finança* posso ser observado lutando em vão. Consequentemente, os muitos personagens são apresentados em pinceladas ousadas e rápidas, e o livro carece da sensação de um envolvimento pessoal e detalhado com a vida privada dos personagens que os leitores demandam de um bestseller.

Um dos pontos mais altos do livro é a sua forma. A ação tem lugar no período de um dia na vida de um jornal vespertino de Londres (trabalhei para determinado jornal em 1973 e 1974), e cada capítulo é a crônica de uma hora daquele dia em três ou quatro cenas que descrevem tanto o que se passa na redação quanto o que acontece nas histórias que o jornal está cobrindo (ou perdendo...). *O Buraco da Agulha* tem uma estrutura ainda mais rígida, embora ninguém, ao que eu saiba, jamais o notou: há seis partes, cada uma com seis capítulos (exceto a última, com sete), o primeiro capítulo trata do espião, o segundo dos perseguidores do espião, e assim por diante, até o sexto, que sempre fala sobre as consequências militares internacionais daquilo que aconteceu antes. Os leitores não observam tais detalhes — afinal de contas, por que deveriam? — mesmo assim, suspeito que a regularidade, até mesmo a simetria, contribui para o que eles concebem como uma história bem contada.

Outra característica que *Alta Finança* compartilha com *O Buraco da Agulha* é um grande número de bons personagens secundários: prostitutas, ladrões, crianças débeis mentais, mulheres casadas da classe proletária e velhos abandonados. Em livros subsequentes, não fiz isso porque só serve para desviar a atenção dos personagens principais e de sua história; entretanto, muitas vezes penso que talvez esteja sendo esperto demais.

Hoje em dia não estou tão seguro, como em 1976, dos laços entre o crime, as altas finanças e

o jornalismo, mas vejo este livro como um retrato da vida sob outro aspecto. Ele apresenta um quadro detalhado da Londres que conheci nos anos setenta, com seus policiais e ladrões, banqueiros e prostitutas, repórteres e políticos, lojas e bairros pobres, suas ruas e seu rio. Eu a amava e espero que o leitor também a ame.

Foi a noite de mais sorte da vida de Tim Fitzpeterson.

Ele teve este pensamento assim que abriu os olhos e deu com a pequena, na cama a seu lado, ainda dormindo. Não se moveu, com medo de acordá-la, mas olhou para ela quase furtivamente, à fria luz da madrugada londrina. Ela dormia inteiramente de costas, com o relaxamento absoluto de uma criança. Tim lembrou-se de sua Adrienne, quando ela era pequena, mas logo afastou aquele pensamento impróprio da cabeça.

A pequena a seu lado tinha os cabelos vermelhos, que se adaptavam à cabeça como um capacete, deixando à mostra as pequenas orelhas. As feições eram miúdas: nariz, queixo, maçãs do rosto, dentes delicados. A uma certa hora, durante a noite, Tim havia coberto o rosto dela com suas largas e pesadas mãos, apertando-lhe os olhos e os málares, delicadamente, com os dedos, abrindo-lhe os macios lábios com os polegares, como se a pele dele pudesse sentir-lhe a beleza como sentia o calor de uma fogueira.

O braço esquerdo dela repousava inerte por fora da colcha, a qual estava puxada para baixo e revelava seus estreitos e delicados ombros e um seio pequeno, o mamilo amolecido no sono pesado.

Os dois estavam deitados separados, sem se tocar, embora Tim pudesse sentir o calor de sua coxa próximo à dele. Desviou os olhos da pequena e fixou-os no teto, deixando por um momento que a pura alegria da lembrança de sua cópula se apossasse dele como um prazer físico. Depois levantou-se.

Ficou de pé ao lado da cama e voltou a admirar a moça, que continuava imperturbada. A fraca luz da manhã fazia-a não menos adorável, apesar dos cabelos desmanchados e dos restos borrados do que havia sido uma caprichada maquilagem.

A madrugada era menos generosa com Tim Fitzpeterson, ele sabia. Por isso não tentara acordá-la; desejava olhar-se num espelho antes que ela o visse.

Caminhou nu, com os pés descalços, cruzando o tapete de um verde sujo da sala de estar em direção ao banheiro. Em pouco tempo, viu o lugar como se fosse pela primeira vez, achando-o irremediavelmente quase nada atraente. O tapete combinava com um sofá de um verde ainda mais morto, com almofadas de flores desbotadas. Havia uma escrivaninha simples de madeira, das que se encontra em milhões de escritórios; um aparelho antigo de televisão, em preto e branco; um armário de arquivo e uma prateleira de livros de Direito e de Economia, mais alguns volumes de Hansard — o registro oficial das sessões do Parlamento. Certa ocasião, Tim pensara que era elegante ter um pied-à-terre em Londres.

No banheiro destacava-se um espelho de corpo inteiro — comprado não por Tim, mas pela esposa, antes de ela haver-se retirado totalmente da vida na cidade. Admirou-se no espelho enquanto aguardava a banheira encher, intrigado no que haveria nesse corpo de meia-idade que podia levar uma bela moça de... o quê, 25 anos?... a um paroxismo de luxúria. Tinha saúde mas não um belo físico, como os frequentadores de academias de ginástica. Era baixo, e o corpo, naturalmente atarracado, era engrossado por um pouco de gordura supérflua, em particular no peito, na cintura e nas nádegas. Para um homem de 45 anos, tinha um bom físico, mas nada que pudesse excitar mesmo mulheres que só admiravam o físico em um homem.

O espelho ficou embaciado com o vapor, e Tim entrou na banheira. Descansou a cabeça e fechou os olhos. Ocorreu-lhe que tivera menos de duas horas de sono, mesmo assim se sentia

bem disposto. Sua educação deveria levá-lo a pensar que a dor e o desconforto, senão mesmo uma doença de verdade, deveriam ser consequência de noites maldormidas, de dançar, de cometer adultério e de beber muito. Todos esses pecados juntos deveriam provocar a ira de Deus.

Não: os resultados do pecado eram uma pura delícia. Ele começou a ensaboar-se vagarosamente. Tudo começara num desses horrorosos jantares: coquetel de grapefruit, um bife bem passado demais, e uma bombe que não era lá nenhuma surprise, para trezentos membros de uma organização sem nenhuma utilidade. O discurso de Tim fora apenas mais uma exposição da presente estratégia do governo, com um toque de emoção a fim de apelar para as simpatias particulares da audiência. Após o jantar, ele concordara em ir a algum lugar com um dos colegas — um jovem e brilhante economista — e dois sujeitos algo interessantes da audiência.

Acontece que o lugar era um clube noturno que normalmente estaria fora do alcance financeiro de Tim, mas alguém tinha pago as entradas. Uma vez lá dentro, ele começou a divertir-se, tanto que chegou a comprar uma garrafa de champanha com cartão de crédito. Mais algumas pessoas juntaram-se a seu grupo: um executivo de uma companhia cinematográfica do qual Tim já ouvira vagamente falar; um escritor teatral do qual nunca ouvira falar; um economista de esquerda que trocou um aperto de mão com um sorriso irônico e que evitava falar de economia; e as pequenas.

O champanha e o show deixaram-no um pouco entusiasmado. Em outra época nesta altura, Tim levava Julia para casa e fazia amor com ela de forma meio brutal — de vez em quando isso a atraía. Agora, porém, ela não vinha mais à cidade, e Tim não ia mais a clubes; não normalmente.

As pequenas não haviam sido apresentadas. Tim começou a falar com a que estava mais perto dele, uma moça de cabelos vermelhos, peito achatado e um vestido longo de uma cor pálida indefinida. Parecia uma modelo e disse que era atriz. A primeira impressão de Tim era que iria achá-la chata e que ela também o acharia insípido.

Foi então que ele teve a primeira intuição que aquela noite seria especial: pelo visto, a pequena achara-o fascinante.

A conversa íntima deles dois isolou-os, aos poucos, do restante do grupo, até que alguém sugeriu que fossem a outro clube.

Tim logo disse que iria para casa. A pequena de cabelos vermelhos pegou-lhe no braço e pediu-lhe para ficar. Tim, que estava sendo galante para uma bela mulher pela primeira vez em vinte anos, concordou então em acompanhar o grupo.

Ao sair do banho, Tim recordou sobre o que os dois haviam conversado durante tanto tempo. O trabalho de um vice-ministro no Ministério de Energia dificilmente era conversa própria para um coquetel: quando não era técnico, era altamente confidencial. Talvez houvessem discutido política.

Será que ele havia contado anedotas salgadas acerca de velhos políticos, naquele tom de cara-de-pau que era a única maneira que tinha de fazer humor? Não podia recordar-se.

Lembrava-se apenas de como ela havia se sentado, com o corpo todo decididamente virado para ele: cabeça, ombros, joelhos, pés; uma atitude física que era ao mesmo tempo íntima e provocadora.

Tim desembaciou o espelho para barbear-se e coçou o queixo especulativamente, para avaliar o trabalho que teria. Os cabelos eram pretos, e a barba, se a deixasse crescer, seria

espessa. O restante do rosto era, para dizer o mínimo, ordinário. O queixo era meio encolhido, o nariz bem pontudo com duas marcas brancas em cada um dos lados onde os óculos repousavam há 25 anos, a boca não muito pequena, mas meio dura, as orelhas grandes demais, a testa alta, como a de um intelectual. Não se podia deduzir seu caráter tomando como referência o seu rosto.

Era um rosto treinado para esconder pensamentos, em vez de expor emoções.

Ligou o barbeador elétrico e fez uma careta para expor toda a face esquerda. Apesar de tudo, não era feio. Algumas pequenas tinham uma cisma com homens feios, segundo ele ouvira dizer — ele não estava em condições de verificar tais generalizações acerca de mulheres, — mas Tim Fitzpeterson nem mesmo se enquadrava naquela dubiamente afortunada categoria.

Talvez, entretanto, fosse a hora de pensar de novo sobre as categorias em que se enquadrava. O segundo clube que haviam visitado era a espécie de lugar no qual ele jamais entraria de moto-próprio. Não gostava de música e, se gostasse, não incluiria a estridência e a constante barulheira que sufocavam a conversa no The Black Hole. Apesar de tudo, ele havia dançado ao som daquela música — o modo de dançar agitado e exibicionista que parecia ser de rigueur ali. Gostou da dança e achava que tivera um excelente desempenho; não viu olhares divertidos dos outros fregueses, como ele achava que poderia acontecer.

Talvez fosse porque muitos deles eram de sua idade.

O disc-jockey, um jovem barbado, com uma camiseta estampada incongruentemente com as palavras "Harvard Business School", colocou uma lenta balada cantada por um americano com voz de quem está com um forte resfriado. Na ocasião os dois estavam na estreita pista de dança. A pequena apertou-se contra ele e enlaçou-o pelo pescoço.

Tim percebeu então que ela queria algo; e tinha de decidir se também estava disposto, com o quente e esguio corpo dela colado nele como uma toalha molhada, ele logo tomou uma decisão. Abaixou a cabeça — a pequena era ligeiramente mais baixa do que ele — e murmurou em seu ouvido: "Venha comigo tomar um drinque em meu apartamento."

Beijou-a no táxi — ali estava algo que não fazia há muitos anos. O beijo foi tão gostoso, como um beijo trocado num sonho, que apalpou os seios dela, maravilhosamente pequenos e duros sob a roupa frouxa. Depois disso foi muito difícil para ambos se conterem até chegar em casa.

O drinque combinado ficou esquecido. Devemos ter caído na cama em menos de um minuto, pensou Tim divertido. Acabou de fazer a barba e olhou em volta à procura de uma colônia. No armário de parede havia um antigo frasco.

Retornou ao quarto. A garota ainda dormia. Ele encontrou seu robe, os cigarros e sentou-se numa cadeira de costas retas ao lado da janela. "Eu fui formidável na cama, pensou ele. Sabia que estava se iludindo: ela fora a ativista, a criativa. Por iniciativa dela eles haviam feito coisas que Tim não poderia sugerir a Julia depois de 15 anos no mesmo leito.

Sim, Julia. Ele estendeu o olhar vagamente da janela do primeiro andar, através da estreita rua até o edifício vitoriano de uma escola daquela época, seu acanhado pátio de recreio pintado com as linhas amarelas desbotadas de um campo de neiball. Ainda se sentia o mesmo em relação a Julia: se a amara antes, amava-a agora. Essa pequena era uma coisa diferente. Mas não era isso o que os tolos sempre diziam para si mesmos antes de embarcarem numa aventura amorosa?

Não sejamos apressados, disse para si mesmo. Para ela isto pode ter sido um caso de uma noite. Tim não podia supor se a pequena quereria vê-lo de novo. No entanto desejava decidir

quais eram seus objetivos antes de perguntar a ela quais eram as opções. O governo ensinara-o a recapitular as questões antes de uma reunião.

Ele tinha uma fórmula para a abordagem das questões complexas: em primeiro lugar, o que tenho a perder?

Julia, de novo: gordinha, inteligente, contente da vida, seus horizontes se contraindo de forma inexorável com cada ano de maternidade. Houvera uma época em que Tim vivia para ela: comprava as roupas que ela gostava, lia romances porque a esposa estava interessada em romances, e seus sucessos políticos agradavam-no tanto mais porque agradavam a ela. Mas o centro de gravitação de sua vida mudara: agora Julia tinha domínio apenas sobre as coisas triviais. Ela desejava viver em Hampshire, aquilo não tinha importância para Tim: então os dois mudaram-se para Hampshire. Ela desejava que Tim usasse paletós xadrez mas o chique de Westminster demandava o uso de ternos sóbrios: então ele usava roupas escuras, com estamparia leve, de cor cinza e azul-marinho.

Quando Tim analisava seus sentimentos, descobria que não havia muito que o ligasse a Julia. Um pouco de sentimento, talvez; uma nostálgica imagem dela, com seu cabelo arrumado num rabo-de-cavalo, dançando jazz com sua saia rodada. Aquilo era amor ou outro sentimento? Não sabia ao certo.

As meninas? Aquilo era outra coisa. Katie, Penny e Adrienne: apenas Katie tinha idade suficiente para entender amor e casamento. As filhas não o viam com frequência, mas ele aceitava o ponto de vista de que um pouco de amor paterno alcança longe e é muito melhor que não ter pai. Não havia espaço para debate sobre isso: a opinião dele era firme.

E havia a carreira dele. Um divórcio poderia não prejudicar muito um vice-ministro, mas podia arruinar um homem um pouco mais alto na escala. Nunca houvera um primeiro-ministro divorciado. Tim Fitzpeterson queria aquele posto.

Assim havia muito a perder — de fato tudo o que Tim tanto desejava. Ele desviou o olhar da janela para a cama. A pequena se virara de lado, dando-lhe as costas.

O corte de cabelo curto caía-lhe bem, pois realçava seu delgado pescoço e os belos ombros. Suas costas encurvavam-se até uma esguia cintura e depois desapareciam embaixo de um lençol amassado. A pele era ligeiramente queimada de sol.

Havia tanto a ganhar. "Alegria" era uma palavra para a qual Tim tinha pouco uso, mas agora ela lhe ocupava o pensamento.

Se é que antes conhecera alegria, não podia lembrar-se de quando. Satisfação, sim: ao escrever um sólido e abrangente relatório; ao ganhar uma daquelas incontáveis batalhas em comitês e na Casa dos Comuns, num livro bem escrito ou num vinho perfeito. Porém o prazer selvagemmente químico que tivera com essa pequena era novo.

Ali estava tudo: os prós e os contras. A fórmula dizia: agora some-os e veja qual o maior. Desta vez, porém, a fórmula não funcionou. Amigos dele afirmavam que ela nunca funcionava. Talvez estivessem certos. Poderia ser um erro pensar que razões pudessem ser contadas como notas de libras esterlinas. Recordava-se, curiosamente, de uma frase numa conferência na universidade sobre filosofia: "O enfeitiçamento de nossa inteligência por meio da linguagem."

Qual é mais longo: um avião ou uma peça de um só ato? O que prefiro eu: satisfação ou alegria? O pensamento dele estava-se tornando confuso. Teve uma exclamação de desgosto e depois olhou rapidamente para a cama para ver se a havia perturbado. Ela continuava dormindo. bom.

Lá na rua um Rolls-Royce cinzento encostou no meio-fio a cerca de cem metros de distância. Ninguém saltou. Tim examinou-o melhor e viu o chofer abrir um jornal.

Um carro, talvez, apanhando alguém às seis e meia? Um homem de negócios que viajara durante a noite e que chegara cedo demais?

Tim não podia ler a placa do carro, mas podia ver que o motorista era um sujeito grandalhão — grande o bastante para dar a impressão de que o interior do carro estava tão cheio quanto o de um Mini.

Voltou a pensar em seu dilema. O que fazemos nós na política, pensou, quando temos que encarar duas fortes mas conflitantes solicitações? A resposta veio de imediato: escolhemos um curso de ação que, real ou aparentemente, atenda a ambas as necessidades. O paralelismo era óbvio. Ele continuaria casado com Julia e teria um affaire com esta pequena. Parecia-lhe uma solução muito política e agradava-lhe.

Acendeu outro cigarro e pensou no futuro. Era um passatempo agradável. Haveria muitas noites mais aqui no apartamento; de vez em quando um fim de semana num pequeno hotel na campanha, talvez até mesmo duas semanas ao sol, em alguma praia discreta na África ou nas índias Ocidentais. Ela deveria ser sensacional num biquini.

Outras esperanças perdiam a importância ao lado destas. Ficava tentado a pensar que sua vida anterior havia sido desperdiçada, mas sabia que a ideia era extravagante.

Não desperdiçada, propriamente; mas era como se ele tivesse despendido sua juventude trabalhando em cálculos de divisões e nunca tivesse descoberto o cálculo diferencial.

Decidiu falar com a pequena sobre o problema e a solução achada por ele. Ela diria que não poderia dar certo, e Tim lhe explicaria que resolver dificuldades era seu talento especial.

Como deveria ele começar? "Querida, eu gostaria de fazer isto de novo, muitas vezes." Isto parecia-lhe bom. O que diria ela? "Eu também", ou "Chame-me neste número", ou "Desculpe, Timmy. Eu sou uma pequena de uma noite só."

Não, isso não! Não era possível. A última noite fora boa para ela também. Sabia que era especial para ela, pois assim o confessara na noite anterior.

Tim levantou-se e apagou o cigarro. — Vou até a cama, pensou, e puxo delicadamente as cobertas de cima dela, olho para sua nudez por uns momentos; depois deito-me ao seu lado, beijo-lhe a barriga, e as coxas e os seios, até que ela acorde. Depois trepo com ela de novo.

Afastou os olhos dela e olhou para fora da janela, saboreando a antecipação do que faria. O Rolls permanecia lá como uma grande lesma, parado na sarjeta. Por alguma razão, aquilo o incomodou. Afastou-o da mente e foi acordar a pequena.

Felix laski não tinha muito dinheiro, apesar de ser muito rico. Sua riqueza tinha a forma de ações, terras, edifícios e, ocasionalmente, ativos mais nebulosos, como a metade do texto de um filme ou um terço de uma invenção para fazer batatas fritas instantâneas. Os jornais gostavam de dizer que se todas as riquezas dele fossem convertidas em dinheiro ele teria muitos milhões de libras. Laski, por sua vez, gostava de dizer que transformar todas as suas riquezas em dinheiro era quase impossível.

Caminhou da estação Waterloo da estrada de ferro até a City, porque acreditava que a preguiça era causadora de ataques de coração em homens de sua idade. Essa preocupação com saúde não procedia, pois era um cinquentão tão saudável quanto qualquer outro que pudesse ser encontrado naquela área da cidade. com pouco menos de um metro e oitenta, o peito parecido

com a proa de um navio de guerra, mostrava-se tão vulnerável a uma parada cardíaca quanto um jovem touro.

Era uma figura impressionante, atravessando a ponte de Blackfriars, à fraca luz do sol naquela hora matinal. Usava roupas caras, desde a camisa azul de seda até os elegantes sapatos. Pelos padrões da City, ele era um homem requintado. Sua elegância no trajar devia-se ao fato de todos os homens na vila onde Laski nascera usarem macacões de algodão e um boné de pano. Agora as belas roupas excitavam-no porque o lembravam do que deixara para trás.

As roupas faziam parte de sua imagem, ou seja, a de um pirata. Os negócios dele em geral envolviam risco ou oportunismo, ou ambos. Ele procurava assegurar-se de que, olhados de fora, os negócios parecessem mais engenhosos do que eram. Uma reputação de possuir um toque mágico valia mais do que um banco comercial.

Fora essa imagem que seduzira Peters. Laski pensava em Peters ao passar apressado pela Catedral de São Paulo, em direção a seu encontro. Peters era um homem pequeno, de mentalidade acanhada; sua especialidade era a movimentação de dinheiro: não de créditos, mas de fundos físicos, papel-moeda. Ele trabalhava para o Banco da Inglaterra, a fonte original de todos os valores legais. O serviço dele era tratar da criação e destruição de notas e moedas. Não estabelecia uma política — isso era feito em um nível mais alto, talvez no gabinete — mas sabia quantas notas de cinco libras o Banco Barclay necessitava antes do próprio banco.

Laski encontrara-o pela primeira vez no coquetel de inauguração de um bloco de escritórios construído por uma firma de desconto de títulos. Laski frequentava tais acontecimentos apenas porque deparava com pessoas como Peters, que poderiam um dia vir a ser-lhe úteis. Cinco anos mais tarde Peters tornou-se útil. Laski telefonou para ele no banco e pediu que recomendasse um numismata para aconselhá-lo numa fictícia compra de moedas antigas. Peters revelou-lhe que ele próprio era um colecionador, embora modesto, e que daria uma olhada nas moedas pessoalmente, se Laski desejasse. "Esplêndido", concordou Laski, e foi logo buscar as moedas. Peters aconselhou-o a comprar. Subitamente, tornaram-se amigos.

(Aquela compra constituiu o alicerce de uma coleção que agora valia o dobro do que Laski pagara por ela. Este não fora o propósito da compra, mas ficou muito orgulhoso do fato.)

Acontece que Peters era madrugador, em parte porque gostava, mas também porque o dinheiro era movimentado durante as manhãs, e assim a maior parte de seu serviço devia ser feita antes das nove horas. Laski descobriu que era hábito de Peters tomar seu desjejum diário num certo café por volta das seis e meia e começou a encontrá-lo ali, a princípio de vez em quando, depois regularmente. Laski pretextava ser ele próprio um madrugador e juntava-se a Peters no elogio das ruas sossegadas e do ar fresco da manhã. Na verdade, ele gostava de acordar tarde, mas estava disposto a fazer qualquer sacrifício se houvesse pelo menos metade de chance para que aquele arrojado plano desse certo.

Laski entrou no café com a respiração ofegante. Na idade dele, mesmo um homem saudável tinha direito a respirar com dificuldade após uma longa caminhada. O lugar cheirava a café e pão fresco. As paredes eram decoradas com tomates de plástico e aquarelas da cidade natal do proprietário, na Itália. Atrás do balcão uma mulher de avental e um rapaz de cabelos compridos faziam montanhas de sanduíches, aprontando-os para as centenas de pessoas que iriam devorá-los em suas mesas de trabalho na hora do almoço. Em alguma parte, um rádio estava ligado, mas não alto. Peters já estava lá, numa mesa ao lado das janelas.

Laski comprou seu café e um sanduíche de leberwurst e foi sentar-se em frente a Peters, que estava comendo roscas — parecia ser uma dessas pessoas que nunca ganhavam peso. Laski

disse:

— Vai ser um belo dia. — A voz dele era profunda e ressoava no ambiente, como a de um ator, apenas com um ligeiro sotaque do leste europeu.

— Belo dia — concordou Peters. — E eu estarei em meu jardim às quatro e meia.

Laski bebia o café em pequenos goles e olhava para o outro homem. Peters usava o cabelo muito curto e um pequeno bigode; tinha as maçãs do rosto coradas. Ainda não começara a trabalhar e já estava pensando em ir para casa. Laski considerava isso trágico. Sentiu uma momentânea compaixão por Peters e por todos os pequenos homens para os quais o trabalho significava um meio e não um fim.

— Gosto do meu trabalho — disse Peters, como se estivesse lendo o pensamento de Laski.

Laski escondeu sua surpresa.

— Mas gosta mais de seu jardim.

— Nesta época do ano, sim. Você tem um jardim... Felix?

— Minha governanta cuida das jardineiras nas janelas. Não sou um homem de hobbies. — Laski ficou refletindo na forma hesitante como Peters usou seu nome de batismo.

O homem estava ligeiramente assustado, concluiu ele. bom.

— Não tem tempo, suponho. Deve trabalhar muito.

— É o que me dizem. Acontece que prefiro passar o tempo entre as seis da tarde e meia-noite ganhando cinquenta mil dólares a ver atores fingindo matar-se uns aos outros na televisão.

Peters riu.

— O cérebro mais criativo da City acontece não ter imaginação.

— Não entendo o que quer dizer.

— Você também não lê romances ou vai ao cinema?

— Não.

— Está vendo? Você tem um ponto cego... não pode sentir empatia pela ficção. Isto ocorre com inúmeros outros homens de negócios. Essa incapacidade parece combinar com uma exagerada perspicácia, como a hipersensitividade auditiva dos cegos.

Laski franziu a testa. Ser analisado era algo que o colocava numa posição desvantajosa.

— Talvez — disse ele.

Peters pareceu perceber o incômodo do outro.

— Sou fascinado pelas carreiras dos grandes empreendedores comentou Peters.

— Eu também — disse Laski. — Sou inteiramente a favor de surrupiar as emanções cerebrais das outras pessoas.

— Qual foi o seu primeiro golpe, Felix?

Laski relaxou. Aquele era um território mais familiar.

— Suponho que foi a Companhia de Produtos Químicos Woolwich. Era uma modesta fabricante de produtos farmacêuticos. Depois da guerra montaram uma pequena cadeia de farmácias, visando garantir seus mercados. Apesar de conhecerem tudo sobre química, nada sabiam acerca do comércio varejista, e as farmácias consumiam a maior parte dos lucros

realizados pela fábrica.

"Eu trabalhava para um corretor de ações na ocasião e ganhava algum dinheiro investindo na Bolsa. Fui ao meu patrão e lhe ofereci metade dos lucros se ele quisesse financiar o negócio. Compramos a companhia e logo vendemos a fábrica para a Imperial Chemical Industries, ICI, por quase o mesmo dinheiro que havíamos pago pelas ações. Então fechamos as farmácias e as vendemos uma a uma... elas estavam todas localizadas em excelentes pontos de comércio na cidade.

— Nunca entendi essa espécie de transação — disse Peters. Se a fábrica e as farmácias valiam tanto, por que as ações eram tão baratas?

— Porque a empresa estava perdendo dinheiro. Há anos que não pagavam dividendos. A diretoria não tinha coragem para trocar suas fichas por dinheiro, por assim dizer.

Nós o fizemos. Em negócios deve-se ser ousado. — Ele começou a comer o sanduíche.

— É fascinante — disse Peters, e olhou para o relógio. — Preciso ir.

— É um grande dia hoje? — perguntou Laski, num tom indiferente.

— Hoje é um dos dias, e isso sempre significa dores de cabeça.

— Você resolveu aquele problema?

— Que problema?

— O dos itinerários — respondeu Laski, baixando um pouco a voz. — Seu pessoal de segurança desejava que você mandasse o comboio por um caminho diferente cada vez.

— Não — respondeu Peters, embaraçado. Fora indiscrição da parte dele falar a Laski acerca daquele dilema. — Realmente só há um caminho sensato para chegar lá. Entretanto... — ele se levantou.

Laski sorriu e manteve a voz desinteressada.

— Então o grande embarque de hoje vai pela velha rota direta... Peters colocou um dedo nos lábios.

— É mais seguro! — disse ele.

— Certamente.

— Adeus — despediu-se Peters e pegou a capa de chuva.

— Vejo você amanhã — disse Laski.

Arthur cole subiu os degraus da estação do metrô, a respiração fazendo o peito arfar doentamente. Um bafo de ar quente, vindo das entranhas do metrô, girou em torno dele e desapareceu. Quando saiu para a rua teve um tremor de frio.

A luz do sol colheu-o de surpresa, pois quando entrara no trem subterrâneo era de madrugada. O ar estava frio e agradável. Mais tarde ele estaria suficientemente envenenado para derrubar um policial de serviço na rua. Cole lembrava-se da primeira vez que isso acontecera: a história fora uma reportagem exclusiva do Evening Post.

Caminhou vagarosamente até a respiração tornar-se mais fácil. Vinte e cinco anos de jornalismo arruinaram minha saúde, pensou. Na verdade, qualquer carreira teria feito o mesmo, pois era um sujeito que se preocupava muito, mas gostava de beber, e seu peito era fraco;

confortava-o, no entanto, culpar sua profissão.

De qualquer forma, resolvera parar de fumar. Era um não-fumante — olhou para o seu relógio — havia 128 minutos, a não ser que contasse a noite, pois nesse caso seriam oito horas. Já experimentara diversos momentos de risco: logo após o despertador acordá-lo às quatro e meia (usualmente fumava um cigarro no banheiro); ao afastar-se de casa dirigindo, assim que engrenou a marcha e ligou o rádio pronto para o noticiário das cinco; acelerando ao longo do primeiro trecho de pista livre da A-12, quando seu possante Ford ganhou velocidade; e quando esperava, numa fria estação ao ar livre do metrô em East London, pelo primeiro trem do dia.

O boletim de notícias de cinco horas da BBC não o animara. Escutara-o com atenção enquanto dirigia, pois o percurso era tão familiar que fazia as curvas e os círculos de interseção automaticamente. A história principal vinha de Westminster: a última lei sobre relações industriais tinha sido aprovada pelo Parlamento, mas a margem da maioria fora muito apertada. Cole pegara a história a noite passada na televisão. Isto queria dizer que os matutinos a estampariam, o que por sua vez significava que o Post nada poderia fazer com a história a não ser que mais tarde, durante o dia, surgisse alguma novidade.

Havia uma história sobre o índice dos Preços no Varejo. A fonte devia ser as estatísticas oficiais do governo, que teriam sofrido um embargo até a meia-noite; de novo, os jornais matutinos a explorariam.

Não foi surpresa saber que a greve dos operários na indústria automobilística continuava — dificilmente poderia ter sido resolvida durante a noite.

Partidas de críquete na Austrália que contavam para o campeonato resolviam o problema do editor de esportes, mas o resultado não era sensacional o suficiente para aparecer na primeira página.

Cole começou a preocupar-se.

Entrou no edifício do Evening Post e pegou o elevador. A sala de noticiário ocupava todo o primeiro andar. Era um enorme escritório, aberto, em formato de I. Cole entrou pelo pé do I. À sua esquerda ficavam as máquinas de escrever e os telefones dos redatores, que datilografavam as histórias ditadas pelo telefone; à direita os arquivos e as estantes de livros dos redatores especializados — em política, na indústria, no crime, na defesa nacional e em outras áreas. Cole andou pela haste do I, ao longo de uma sucessão de mesas pertencentes aos repórteres comuns, vulgares ou ordinários, até a longa mesa da redação de notícias que dividia a sala em duas. Além dela estava a mesa dos editores-assistentes em forma de U, e, adiante dessa, no cruzamento superior do I, ficava o departamento de esportes — um reino semiindependente, com seu próprio editor, assistentes e repórteres. Cole, de vez em quando, acompanhava parentes curiosos numa visita à redação; sempre lhes dizia: "Supostamente isto funciona como uma linha de produção. Usualmente se parece mais com um mercado persa..." Era um exagero, mas sempre provocava risos.

A sala estava bem iluminada e vazia. Como vice-editor-chefe de notícias, Cole tinha uma seção da mesa de notícias só para si. Abriu a gaveta, tirou uma moeda, foi até uma máquina automática no departamento de esportes e apertou os botões para chá instantâneo, leite e açúcar. Uma teiimprensa começou a funcionar e quebrou o silêncio da sala.

Quando Cole andava para sua mesa com o copo descartável com o chá, a porta do outro lado abriu-se ruidosamente e por ela entrou uma figura baixa, de cabelos grisalhos, vestindo um volumoso agasalho com capuz e tornozleiras de prender as pernas das calças usadas por

ciclistas. Cole acenou para ele e cumprimentou-o: — bom dia, George

— Alo, Arthur. Que tal este friozinho? — disse George, começando a tirar o agasalho, que escondia um corpo pequeno e magro. Apesar da idade, o título de George era

"Chefe dos Rapazes": ele era o chefe do time de mensageiros do escritório. Morava em Potters Bar e vinha de bicicleta para o trabalho, o que causava espanto para Arthur.

Arthur descansou o chá, livrou-se da capa de chuva, ligou o rádio e sentou-se.

O rádio começou a falar baixinho. Ele bebericava o chá enquanto olhava vagamente para a frente. A sala da redação era uma bagunça: cadeiras espalhadas por toda a parte, jornais e folhas de papel para minutas enchiam as mesas, e a redecoração tinha sido adiada no esforço para fazer economias do ano passado. A cena, entretanto, era por demais familiar para despertar-lhe atenção. Cole ocupava-se da primeira edição, que dentro de três horas estaria nas ruas.

O jornal de hoje teria dezesseis páginas. Quatorze das páginas da primeira edição já estavam gravadas nas chapas na impressora, no andar térreo. Elas continham anúncios, artigos de destaque, programas de televisão e notícias cuja falta de atualidade — segundo se esperava — passaria despercebida pelos leitores. Isso deixava a última página para o editor de esportes e a primeira para Arthur Cole.

O Parlamento, uma greve e a inflação — eram todas notícias do dia anterior. Não havia muito que Cole pudesse fazer com elas. Qualquer uma delas poderia ser adornada com uma introdução de hoje, como "Membros do Gabinete procederam a um inquérito hoje sobre a estreita margem do governo na..." Havia uma introdução destas para cada situação. O desastre do dia anterior se tornava uma história para o noticiário de hoje com, por exemplo, uma nota: "A madrugada de hoje revelou todo o horror..."

Um assassinato de ontem beneficiava-se com: "Detetives vasculham hoje Londres atrás do homem..." O problema com que se defrontava Arthur originara centenas de clichês como esses. Numa cidade civilizada, pensava ele, quando não houvesse mais notícias não haveria mais jornais. Era um velho pensamento, e ele o afastou de sua cabeça impacientemente.

Todo mundo concordava em que a primeira edição era muito ruim três dias em cada seis. Isto, no entanto, não servia de consolo para ele porque era a própria razão pela qual Arthur Cole tinha a tarefa de produzir aquela edição. Ele era vice-editor-chefe de notícias há cinco anos. Duas vezes durante esse período a cadeira de editor-chefe ficara vaga, e em ambas as vezes um homem mais moço do que Cole fora promovido. Alguém decidira que o cargo número dois era o limite da capacidade dele.

Cole discordava.

A única maneira pela qual podia demonstrar seu talento era produzindo uma excelente primeira edição. Infelizmente a qualidade da edição dependia em grande parte de sorte. A estratégia de Cole era esforçar-se para fazer um jornal cuja primeira edição fosse consistentemente um pouco melhor que a de seus concorrentes. Ele achava que estava tendo sucesso; se alguém nos andares superiores percebera isto, era coisa de que ele não tinha ideia e não iria deixar-se aborrecer por isto. George veio por trás dele e deixou cair uma pilha de jornais na sua mesa.

— O jovem Stephen resolveu ficar doente de novo — resmungou.

— O que é? — perguntou Arthur, com um sorriso. — Uma ressaca ou um resfriado?

— Você se lembra o que eles costumavam dizer para nós? "Se você pode andar, você pode

trabalhar." Não essa turma de hoje...

Arthur concordou com a cabeça.

— Não estou certo? — indagou George.

— Claro. — Os dois haviam sido "rapazes" juntos no Post. Arthur tirara seu registro de jornalista depois da guerra. George, que não fora convocado para a guerra, permanecera mensageiro.

— Éramos interessados — disse George. — Queríamos trabalhar. Arthur pegou o jornal de cima da pilha. Não era a primeira vez que George se queixava dos seus auxiliares, nem que Arthur solidarizava-se com ele. Arthur, no entanto, sabia o que havia de errado com os jovens de hoje. Há trinta anos um jovem esperto podia tornar-se um repórter; hoje em dia aquele caminho estava fechado. O novo sistema tinha um duplo impacto: os jovens mais brilhantes permaneciam na escola em vez de se tornarem mensageiros, e os que se tornavam mensageiros sabiam que não tinham perspectivas, de forma que trabalhavam o mínimo possível. Arthur, porém, não podia dizer isso a George porque assim chamaria atenção para o fato de que Arthur se saíra tão melhor que seu velho colega. Então ele concordou que a juventude de hoje era podre. George parecia disposto a persistir em sua reclamação. Arthur interrompeu-o:

— Há alguma coisa no telex da noite?

— Vou buscá-lo. O diabo é que tenho também de apanhar todos os jornais...

— É melhor eu ver primeiro a teleimpressora — disse Arthur, virando-se de costas. Detestava bancar o superior. Nunca tinha aprendido a fazê-lo de modo natural, talvez porque não tivesse nenhum prazer naquilo. Olhou para o Morning Star: ele trazia uma matéria referente à lei sobre a indústria.

Era pouco provável já haver qualquer notícia nacional na teleimpressora; era cedo demais. Notícias do exterior, entretanto, vinham esporadicamente durante a noite, e muito comumente incluíam uma história que podia ser sensacional, numa emergência. Na maior parte das noites havia um importante incêndio, um múltiplo assassinato, um motim ou um golpe de Estado em algum lugar do mundo. O Post era um jornal londrino e não gostava de sair com notícias estrangeiras, só se fossem sensacionais. Poderia ser melhor, entretanto, do que "Membros do Gabinete procederam hoje a um inquérito..."

George colocou em sua mesa uma folha de papel de vários metros. Deixar de cortar a folha em histórias individuais era seu método de mostrar descontentamento. Provavelmente queria que Arthur se queixasse de forma que ele pudesse mostrar-lhe quanto trabalho recaíra sobre seus ombros com o jovem da manhã doente. Arthur procurou uma tesoura em sua mesa e começou a ler.

Leu uma história política de Washington, um relatório da partida de campeonato de críquete e uma resenha das notícias do Oriente Médio. Estava na metade de um divórcio sem maior importância em Hollywood quando o telefone tocou.

— Redação de notícias — falou, ao atender.

— Tenho algo para sua coluna de fofocas. — Era voz de homem com um forte sotaque cockney.

Cole ficou instantaneamente cético. Aquela não era a voz de alguém que tivesse informações internas sobre a vida amorosa dos aristocratas.

— Muito bem. Gostaria de dizer-me seu nome? — indagou ele.

— Deixe isso de lado. Você sabe quem é Tim Fitzpeterson?

— Claro.

— Muito bem. Ele está se envolvendo, como um trouxa, com uma pequena de cabelos vermelhos. Ela deve ser vinte anos mais moça do que ele. Quer o número do telefone dele?

— Por favor. — Arthur anotou-o. Agora estava interessado. Se o casamento de um ministro afundara, isso seria uma boa história, não apenas uma fofoca. — Quem é a pequena? — perguntou ele.

— Intitula-se uma atriz. Na verdade é uma prostituta. Dê um telefonema para ele imediatamente e pergunte-lhe sobre Dizi Disney. De repente a linha ficou muda.

Cole franziu a testa. Aquilo era muito estranho: em geral os sujeitos que davam notícias, em especial as deste tipo, queriam dinheiro. Ele encolheu os ombros. Valia a pena verificar. Entregaria a história mais tarde para um repórter.

Em seguida, mudou de ideia: várias histórias tinham sido perdidas para sempre por terem sido postergadas por alguns minutos. Fitzpeterson podia sair de casa para ir à Câmara ou a seu escritório em Whitehall. E o informante dissera: telefone-lhe imediatamente.

Cole leu o número em seu caderno de anotações e discou.

Sete Horas da Manhã

— Você alguma vez já se viu fazendo amor na frente do espelho? — perguntara ela, e quando Tim admitira que nunca o fizera, ela insistiu que os dois experimentassem.

Eles estavam de pé em frente ao espelho de corpo inteiro do banheiro quando o telefone tocou. O ruído fez Tim dar um pulo, e ela disse:

— Ai! Cuidado!

Tim teve vontade de ignorar o telefone, mas a intromissão do mundo exterior fez desaparecer seu desejo. Largou-a e foi até o quarto. O telefone estava em cima de uma cadeira, por baixo de várias roupas dela. Encontrou-o e levantou o fone.

— Sim?

— Sr. Fitzpeterson? — A voz era a de um homem de meia-idade, com um sotaque londrino; parecia ligeiramente asmático.

— Sim. Quem está falando?

— Aqui é do Evening Post. Desculpe-me por chamá-lo tão cedo. Preciso perguntar-lhe se é verdade que o senhor está se divorciando.

Tim sentou-se pesadamente. Por um momento, ficou incapacitado de falar.

— O senhor ainda está na linha?

— Quem lhe falou sobre isso?

— O informante mencionou uma mulher chamada Dizi Disney. O senhor a conhece?

— Nunca ouvi falar nela. — Tim estava recuperando a serenidade. — Não me acorde a esta hora da manhã com rumores vagos. E desligou.

A pequena entrou no quarto.

— Você está branco! — exclamou ela. — Quem era?

— Como é seu nome?

— Dizi Disney.

— Meu Deus! — As mãos dele estavam tremendo; cerrou os punhos e levantou-se. — Os jornais souberam de um boato que estou me divorciando!

— Eles devem ouvir isso a toda hora acerca de gente famosa.

— Eles mencionaram seu nome! — Bateu com força com um punho na palma da outra mão. — Como é que poderiam descobrir tão rápido? O que devo fazer?

Ela virou-se de costas para ele e vestiu a calcinha.

Tim olhou pela janela. O Rolls cinza continuava lá, mas agora vazio. Ele se perguntou aonde teria ido o motorista. Esse estranho pensamento chateou-o. Tentou avaliar a situação com frieza. Alguém o havia visto sair de um clube noturno com uma pequena e passou a informação ao repórter pelo telefone. O informante exagerara o incidente para dar-lhe um efeito dramático. Tim estava, porém, seguro que ninguém os havia visto entrarem juntos no apartamento.

— Escute — disse ele. — À noite passada você disse que não estava se sentindo bem. Eu saí com você do clube e tomamos um táxi, que me deixou em casa e depois levou você para a sua.

Entendeu?

— Como você queira... — respondeu ela com um ar desinteressado. A atitude dela enfureceu-o.

— Pelo amor de Deus! Isso envolve você também.

— Acho que minha parte nisso terminou.

— Não entendi.

Ouviu-se uma batida na porta.

— Meu Deus, não! — exclamou Tim.

A pequena acabou de fechar o zíper do vestido.

— Eu estou indo.

— Não seja tão idiota! — Agarrou-a pelo braço. — Não deve ser vista aqui, será que não compreende? Fique aqui no quarto; vou abrir a porta. Se tiver que mandar entrar quem está batendo, apenas fique quieta até que a visita saia.

Tim vestiu a cueca e lutou para enfiar o roupão enquanto cruzava a sala de estar. Havia um pequeno vestibulo e uma porta com um visor. Afastou a tampa do visor e olhou.

O homem do lado de fora parecia-lhe vagamente familiar. Tinha cara de boxeador, os ombros largos e bem forte. Deveria ter sido um peso-pesado. Usava sobretudo cinza com gola de veludo. Tim calculou que ele teria cerca de trinta anos. Nada parecido com repórter de jornal.

Soltou o fecho de segurança da porta e abriu-a.

— O que há?

Sem dizer uma palavra, o homem empurrou Tim para o lado, entrou e fechou a porta. A seguir foi para a sala de estar.

Tim respirou fundo e tentou não entrar em pânico. Seguiu o homem e disse:

— Vou chamar a polícia.

O homem sentou-se e falou em voz alta:

— Você está aí, Dizi?

A pequena chegou na porta do quarto.

— Faça-nos uma xícara de chá, garota! — pediu o homem.

— Você o conhece? — perguntou Tim, incrédulo. A pequena não ligou para ele e foi para a cozinha.

— Se ela me conhece? Ela trabalha para mim — falou o homem, com um sorriso.

Tim caiu sentado.

— Que negócio é esse? — indagou ele com a voz fraca.

— Tudo em seu devido tempo. — O homem relanceou os olhos em volta. — Não poderia dizer que você tem um belo lugar aqui porque não é verdade. Eu esperava que tivesse algo um tanto sofisticado, entende o que quero dizer? Aproveitando a ocasião, caso não tenha me reconhecido, sou Tony Cox. — Ele estendeu a mão.

Tim fingiu que não viu o gesto.

— Como quiser... — retrucou Cox.

Tim estava se recordando: o rosto e o nome eram familiares. Ele tinha ideia que Cox era um homem de negócios bastante rico mas não podia lembrar-se de que espécie de negócio. Achava que tinha visto a foto dele nos jornais, algo a ver com uma coleta de fundos para um clube de meninos no East End.

Cox fez um gesto com a cabeça em direção à cozinha:

— Gostou dela?

— Pelo amor de Deus! — disse Tim.

A pequena entrou trazendo duas canecas numa bandeja. Cox perguntou-lhe:

— Ele gostou da trepada?

— O que você acha? — indagou ela, com a cara amarrada. Cox tirou a carteira e contou algumas notas.

— Tome — disse para ela. — Fez um bom serviço. E agora se manda!

Ela pegou o dinheiro, colocou-o na bolsa e disse:

— Quer saber de uma coisa, Tone? O que mais admiro em você são suas belas maneiras. — E saiu, sem olhar para Tim.

"Cometi o maior erro de minha vida!", pensou Tim. Quando a pequena saiu, a porta bateu com força. Cox piscou um olho:

— Ela é uma boa pequena.

— Ela é a mais baixa forma de vida humana — disse Tim cuspindo.

— Ora, não fale assim! É apenas uma boa atriz. Poderia estar no cinema se eu não a houvesse achado primeiro.

— Presumo que você é um cafetão.

A cólera brilhou nos olhos de Cox, mas ele controlou-a.

— Você vai se arrepender dessa piadinha — disse, suavemente.

— Tudo o que precisa saber sobre eu e Dizi é que ela faz tudo o que lhe digo para fazer. Se eu disser: "Fique com a boca calada", ela obedece. E se digo: "Conte ao homem bonzinho do News of The World como o Sr. Fitzpeterson seduziu você", ela também obedecerá. Entende o que quero dizer?

— Suponho que foi você quem entrou em contato com o Evening Post!

— Não se preocupe. Sem confirmação, eles nada podem fazer. E apenas três pessoas podem confirmar a história: você, Dizi e eu. Você não irá dizer nada. Dizi não tem vontade própria, e eu sou capaz de guardar um segredo.

Tim acendeu um cigarro; estava recuperando sua confiança. Cox era apenas um simples malandro, apesar de sua gola de veludo e de seu Rolls-Royce. Tim tinha a sensação que poderia cuidar dele e disse:

— Se isto é uma chantagem, você se deu mal. Não tenho dinheiro.

— Está quente aqui, não está? — Cox levantou-se e tirou o sobretudo. — Bem — prosseguiu ele, — se você não tem dinheiro, precisamos pensar em algo mais que você possa dar-me.

Tim franziu a testa. Estava de novo perdido.

— Durante os últimos meses — continuou Cox, — cerca de meia dúzia de companhias apresentaram propostas para adquirir os direitos de perfuração em um novo campo de petróleo chamado Shield, certo?

Tim ficou atônito. Por certo esse bandido não poderia estar ligado com qualquer uma daquelas respeitáveis companhias?

— Sim, mas é tarde demais para eu influenciar no resultado, pois a decisão já foi feita. Será anunciada esta tarde.

— Não se precipite nas suas conclusões. Sei que é muito tarde para mudá-la. Você, porém, poderá dizer-me quem ganhou a licitação.

Tim olhou-o espantado. Seria isso tudo o que ele queria? Era bom demais para ser verdade!

— Que possível uso você teria para tal espécie de informação? indagou Tim.

— Realmente nenhum. Vou trocá-la por outra informação. Tenho um negócio em andamento com esse cara, entende? Ele não sabe onde consigo minhas dicas internas e também não sabe o que faço com o que ele conta para mim. Desta maneira, ele não suja as mãos, entende o que quero dizer? Agora, vamos lá: quem vai receber a licença para a perfuração?

Era tão fácil, pensou Tim. Duas palavras e o pesadelo se esvaneceria. Uma quebra de confiança com essa poderia arruinar sua carreira, mas, de outra forma, se ele não contasse, sua carreira estaria de qualquer forma terminada.

— Se você não está certo sobre o que fazer, pense apenas nas manchetes: "O ministro e a atriz. "Ele não quis fazer-me uma mulher honrada", chorou a atriz." Lembra-se do pobre do Tony Lambton?

— Cale-se — disse Tim. — A firma é Hamilton Holdings.

— Meu amigo vai ficar contente — falou Cox, com um sorriso.

— Onde fica o telefone?

Tim fez um sinal com o polegar.

— No quarto — disse, com um ar cansado.

Cox entrou no quarto, e Tim fechou os olhos. Como havia sido ingênuo, pensar que uma mulher jovem como Dizi poderia ficar entusiasmada fazendo amor com um sujeito como ele. Era um otário, sendo usado em algum plano complexo, muito maior do que uma simples chantagem.

Podia ouvir Cox falando:

— Laski? Sou eu. Hamilton Holdings. Entendeu? O anúncio será feito esta tarde. Agora, quanto a seu lado? — Houve uma pausa na conversa. — Hoje? Formidável! Você me fez ganhar meu dia, companheiro. E a rota? — Outra pausa. — O que quer dizer com isso? Você pensa que é a usual? O entendimento era que... Certo... Certo. Até logo.

Tim ouvira falar de Laski: ele era um antigo jovem bem-sucedido da City, que ficara velho. Sentia-se, porém, por demais exausto emocionalmente para ficar embasbacado.

Agora podia acreditar em qualquer coisa de qualquer pessoa.

Cox voltou para a sala. Tim levantou-se, e Cox disse:

— Bem, uma manhã bem-sucedida, de um lado e do outro. E não se sinta tão infeliz com isso. Afinal foi a melhor farra que você já fez numa noite de amor.

— Quer fazer o favor de se retirar — pediu Tim.

— Bem, há mais um pequeno assunto a discutir. Me dê seu robe.

— Por quê?

— Eu lhe mostro. Vamos!

Tim sentia-se muito desanimado para discutir. Tirou o robe e entregou-o para Cox, ficando de cueca, à espera do que vinha. Cox jogou o robe para um lado e disse:

— Quero que se lembre da palavra "cafetão" — e ao mesmo tempo deu um soco no estômago de Tim.

Tim virou-se de lado e curvou-se com a dor. Cox chegou perto dele, agarrou-lhe os órgãos genitais com a enorme mão e apertou-os. Tim tentou gritar, mas não teve fôlego. Sua boca escancarou-se num grito mudo quando ele tentava desesperadamente inspirar.

Cox soltou-o e deu-lhe um chute. Tim caiu no chão e ficou encolhido, os olhos cheios de lágrimas. Ele não tinha mais orgulho, sua dignidade se fora.

— Por favor, não me machuque mais! Tony Cox sorriu e colocou seu sobretudo.

— Por enquanto não! — disse ele, e saiu.

O honorável derek hamilton acordou sentindo uma dor. Ficou na cama com os olhos fechados enquanto descobriu que o incômodo era em seu abdome; examinou-o e concluiu que a dor era forte, mas não paralisante. Lembrou-se então do jantar da noite passada. Musse de aspargos era inofensiva; havia recusado as panquecas de frutos do mar. Seu bife fora bem passado; preferira queijo à torta de maçã. Um vinho branco leve, café com leite, conhaque...

O conhaque! Droga! Ele deveria ter ficado no vinho do Porto.

Sabia como o dia correria. Ficaria sem o desjejum, e pelo meio da manhã a fome seria tão ruim quanto a dor da úlcera, e ele comeria algo. Na hora do almoço a fome voltaria e a dor da úlcera seria pior. Na parte da tarde, qualquer coisa sem importância o irritaria de uma forma irracional, ele gritaria com seus auxiliares, e o estômago se enrolaria numa bola de dor que o tornaria incapaz de pensar em qualquer coisa.

Iria para casa e tomaria muitos analgésicos. Dormiria, acordaria com dor de cabeça, jantaria, tomaria comprimidos para dormir e iria para a cama.

Pelo menos podia antegozar a hora de dormir.

Rolou para o lado na cama, puxou a gaveta da mesinha-de-cabeceira, encontrou um comprimido e colocou-o na boca. Depois sentouse e pegou a xícara de chá, provou-o, engoliu o comprimido e disse:

— Bom dia, querida.

— Bom dia! — Ellen Hamilton estava sentada na beira da cama gêmea, vestida com um robe de seda, equilibrando sua xícara no magro joelho. Já havia escovado os cabelos, e sua camisola de dormir era tão elegante quanto o restante de seu enorme guarda-roupa, apesar de vê-la sempre de camisola, não estava interessado. Aquilo não tinha importância, achava ele: não que ela quisesse que os homens a desejassem, apenas que fosse capaz de pensar em si mesma

como sendo desejável.

Ele acabou de tomar o chá e virou as pernas para o chão. Sua úlcera protestou com o brusco movimento, e ele fez uma careta de dor.

— De novo? — indagou Ellen. Ele concordou com a cabeça:

— Foi o conhaque à noite passada. Eu deveria ter mais juízo.

— Suponho que isso nada tenha a ver com os resultados do semestre revelados ontem — falou ela, com um rosto inexpressivo.

Ele ficou de pé e caminhou vagarosamente, cruzando o tapete cinza até o banheiro. O rosto que viu no espelho era redondo e corado, com uma calvície incipiente, e algumas dobras de gordura embaixo do queixo. Examinou a barba que amanhecera crescida, puxando a pele para um lado e para o outro para fazer os pêlos ficarem de pé. Começou a barbear-se. Fazia isso todos os dias, há quarenta anos, e ainda achava cansativo.

Sim, os resultados do semestre eram ruins. A Hamilton Holdings encontrava-se em dificuldades.

Quando herdara a Gráfica Hamilton do pai, a firma era eficiente, bem-sucedida e lucrativa. Jasper Hamilton fora um impressor, fascinado pelos tipos, interessado na nova tecnologia, amando o cheiro de óleo das impressoras. Seu filho era um homem de negócios. Ele pegara o fluxo de lucros da oficina impressora e o dirigira para outros negócios: importação de vinhos, comércio varejista, uma editora, fábricas de papel, rádio comercial. com isso conseguira realizar o primeiro propósito que era transformar renda em riqueza e assim evitar os impostos. Em vez de brochuras e bíblias e cartazes, ele preocupara-se com liquidez e rendimentos.

Comprara companhias e iniciara novos empreendimentos, construindo um império.

O contínuo sucesso do negócio original escondeu a fragilidade da superestrutura por um longo tempo. Quando, porém, o complexo das impressoras enfraqueceu, Hamilton descobriu que a maioria de seus outros negócios eram marginais. Havia subestimado o investimento de capital necessário para alimentá-los até seu amadurecimento.

Alguns deles eram de fato rentáveis a longo prazo. Ele então vendeu 49% de seu capital em cada uma das companhias, depois transferiu suas ações para uma companhia holding e vendeu 49% desta. Levantou mais dinheiro e negociou um saque a descoberto que alcançava uma cifra de sete algarismos. O empréstimo manteve a organização viva, mas os juros, que cresciam com muita rapidez durante a década, devoravam todos os pequenos lucros obtidos.

Neste interim, Derek Hamilton teve uma úlcera. O programa de recuperação do negócio fora iniciado há quase um ano. O crédito fora apertado, numa tentativa de reduzir os empréstimos; os custos foram cortados de toda forma possível, desde o cancelamento de campanhas de publicidade até a utilização de sobras das impressoras como papel de expediente. Hamilton dirigia agora um negócio com contenção de despesa, mas a inflação e a depressão econômica corriam mais rápidas. Esperara-se que os resultados do semestre mostrassem ao mundo que Hamilton Holdings tinha-se equilibrado; em vez disso, eles demonstraram um declínio ainda maior.

Ele bateu no rosto secando-o com uma toalha quente, passou uma generosa porção de água-de-colônia e voltou para o quarto. Ellen estava vestida, sentada em frente ao espelho, se maquiando. Sempre dava um jeito de vestir-se e despir-se enquanto o marido estava fora do quarto; ocorreu-lhe que ele não a via nua há anos. Isso o intrigava. Será que ela envelhecera, sua

pele de 55 anos se enrugara e ela ficara toda flácida? Será que a nudez destruía a ilusão de ser desejável? Talvez; mas ele suspeitava de algo mais complexo. Era algo obscuramente relacionado com a forma pela qual seu próprio corpo havia envelhecido, pensou, enquanto vestia sua enorme cueca. Ellen estava sempre vestida de forma decente; consequentemente, ele nunca sentia desejo por ela, consequentemente ela nunca tivera que revelar quão indesejável o achava. Uma tal combinação de tortuosidade e sensibilidade da parte dela seria característica.

O que você vai fazer? — indagou Ellen.

A pergunta apanhou-o despreparado. A princípio, pensou que a esposa deveria saber o que ele estava pensando e que se referia a isso; depois compreendeu que ela estava continuando a conversa acerca dos negócios. Prendeu os suspensórios, pensando sobre o que deveria responder-lhe.

— Não estou certo — respondeu com evasiva.

Ellen aproximou-se mais do espelho, fazendo qualquer coisa com as pestanas.

— Às vezes fico pensando o que você deseja da vida.

Ele encarou-a. Sua educação ensinara-lhe a ser indireta e a nunca fazer perguntas pessoais, uma vez que a seriedade e a emoção arruinavam as festas e faziam as senhoras desmaiarem. Devia ter-lhe custado um considerável esforço inquirir acerca do propósito da existência de alguém.

Ele sentou-se na beira da cama e falou enquanto Ellen se mantinha de costas.

— Devo cortar o conhaque, é só isso.

— Estou certa de que você sabe que isto nada tem a ver com o que você come e bebe. — Ela colocava o batom, torcendo a boca para espalhá-lo bem. — Começou há nove anos, e seu pai morreu há dez.

— Tenho tinta de impressão em meu sangue. — A resposta veio formalmente, como um preceito do catecismo.

A conversa pareceria desconexa para alguém que os escutasse escondido, mas os dois conheciam sua lógica. Havia um código: a morte do pai dele significava sua assunção do controle dos negócios; úlcera significava os problemas de Hamilton com eles.

— Você não tem tinta de impressão nas veias. Seu pai tinha, mas você não tolera nem o cheiro das velhas oficinas.

— Herdei um grande negócio e quero legar a meus filhos um ainda mais forte. Não é isso que se espera que gente de nossa classe faça com suas vidas?

— Nossos filhos não estão interessados no que deixaremos para eles. Michael está construindo seu próprio negócio, partindo do zero, e tudo a que Andrew aspira é vacinar todo o continente africano contra a varicela.

Ele não podia dizer quão séria ela estava sendo agora. Aquela maquilagem toda tornava sua expressão ilegível. Sem dúvida, aquilo era deliberado. Quase tudo o que Ellen fazia era deliberado.

— Tenho um dever. Emprego mais de duas mil pessoas, e um número muito maior de empregos depende da saúde financeira de minhas companhias.

— Acho que você cumpriu seu dever. Manteve a firma funcionando durante um tempo de crise. Nem todo o mundo conseguiu isso. Sacrificou sua saúde para tal fim e deu-lhe dez anos de

sua vida, e, só Deus sabe o que mais. — A voz dela diminuiu de intensidade na frase final como se no último momento lamentasse enunciá-la.

— Deveria eu ter-lhe dado da mesma forma meu orgulho? — disse ele, continuando a vestir-se e dando um pequeno e apertado nó na gravata. — Transformei uma gráfica numa das mil maiores companhias do país. Meu negócio vale cinco vezes o que valia o de meu pai. Fui eu que o criei e que preciso fazê-lo funcionar.

— Você tem de ser melhor do que seu pai.

— É essa uma ambição acanhada?

— Sim! — A súbita veemência dela foi um choque para ele. Você deveria ambicionar boa saúde e uma longa vida e... e minha felicidade.

— Se a companhia estivesse prosperando, eu talvez pudesse vendê-la. Como andam as coisas, eu não obteria seu valor patrimonial. Ele olhou para seu relógio. — Devo descer.

Ele desceu pela larga escadaria. Um retrato do pai dominava o saguão. As pessoas, muitas vezes, pensavam que o retrato era de Hamilton aos cinquenta anos. De fato era de Jasper aos 65. O telefone na mesinha do vestibulo tocou estridentemente quando ele por ali passava. Ele o ignorou — nunca atendia a telefonemas pela manhã.

Dirigiu-se para a pequena sala de refeições; a grande era reservada para recepções, raras nos dias atuais. A mesa, de formato redondo, estava posta com talheres de prata. Uma mulher idosa, de avental, trouxe meia grapefruit num prato de porcelana.

— Hoje não, Sra. Tremlett. Apenas uma xícara de chá, por favor. — Pegou o Financial Times.

A mulher hesitou e depois colocou o prato com a grapefruit no iugar de Ellen. Hamilton levantou os olhos:

— Quer tirar isso, faça o favor? — disse ele irritado. — Sirva o desjejum da Sra. Hamilton quando ela descer e não antes, por favor.

— Muito bem — murmurou a Sra. Tremlett, e retirou o prato. Quando Ellen chegou, continuou a discussão no ponto em que a haviam interrompido:

— Acho que tem importância se você conseguir cinco milhões ou quinhentos mil dólares pela companhia. De qualquer forma, estaria-mos melhor do que estamos agora. Uma vez que não vivemos como ricos, não vejo por que devemos ter uma situação financeira confortável.

Ele descansou o jornal e levantou os olhos para ela. Ellen vestia um terninho de alfaiate original num tecido creme, com uma blusa de seda estampada e sapatos feitos a mão.

— Você tem uma casa agradável com uma pequena criadagem. Tem amigos por aqui e uma vida social na cidade quando sente vontade de tirar vantagem dela. Nesta manhã, você está vestindo algumas centenas de libras de roupa e provavelmente não irá mais longe do que a vila. Às vezes me pergunto o que você deseja da vida, Ellen.

Ela corou, o que era um acontecimento raro.

— Vou dizer-lhe — começou ela.

Ouviu-se uma batida à porta e um homem de boa aparência entrou, vestindo um sobretudo e com um boné na mão.

— Bom dia, senhor, madame. Se quisermos apanhar o trem das sete e quarenta e cinco,

senhor...

— Muito bem, Pritchard. Espere-me na entrada — disse Hamilton.

— Perfeito, senhor. Posso perguntar, madame, se a senhora vai usar o carro hoje?

Hamilton olhou para Ellen. Ela manteve os olhos no prato enquanto respondia:

— Espero usar, sim.

Pritchard cumprimentou com a cabeça e saiu.

— Você ia começar a me dizer o que deseja da vida, Ellen.

— Não acho que este seja um assunto para a mesa do café da manhã, especialmente quando você está apressado para pegar um trem.

— Muito bem — disse ele, levantando-se. — Divirta-se em sua saída de carro. Não corra demais.

— O quê?

— Dirija com cuidado.

— Oh! Oh! Pritchard é que dirige para mim.

Ele inclinou-se para beijá-la na face, mas Ellen virou o rosto e beijou-o nos lábios. Quando ele afastou o rosto, o dela estava corado. Ellen agarrou-o pelo braço e disse:

— Eu quero você, Derek. Hamilton olhou-a espantado.

— Desejo que gozemos juntos uma longa e satisfatória aposentadoria — continuou ela, falando apressadamente. — Quero que você relaxe, que com a comida certa, que recupere a saúde e emagreça de novo.

Desejo o homem que me cortejou num Riley conversível, e o homem que voltou da guerra com medalhas e se casou comigo, e o homem que segurou minha mão quando dei à luz meus filhos. Desejo amar você.

Ele ficou estupefato. Ellen nunca se comportara assim com ele, nunca! Sentiu-se desesperadamente incapaz de enfrentar aquilo. Não sabia o que dizer, o que fazer, para onde olhar.

— Eu... eu tenho que pegar o trem.

Ela rapidamente readquiriu a compostura:

— Sim, você deve se apressar.

Hamilton olhou-a por mais alguns instantes, mas ela evitava o olhar dele, que só soube dizer:

— Hum... adeus!

Ellen baixou a cabeça em silêncio.

Hamilton saiu. Colocou o chapéu na cabeça no saguão, depois deixou que Pritchard lhe abrisse a porta da frente. O Mercedes azul-escuro estava na estrada revestida de cascalho de acesso à casa, brilhando à luz do sol. "Pritchard deve lavá-lo todas as manhãs antes que eu me levante", pensou.

A conversa com Ellen tinha sido extremamente peculiar, concluiu enquanto se dirigiam para a estação da estrada de ferro. Pela janela, Hamilton observava o efeito da luz do sol sobre as folhas que já amarelavam e recapitulava trechos mais importantes em sua cabeça. Desejo amar

você, dissera ela, com ênfase no você. Falando sobre as coisas que ele sacrificara para o negócio, ela dissera:...e Deus sabe o que mais.

Desejo amar você, não a outra pessoa. Será que era isto o que Ellen queria dizer? Será que ele havia perdido a fidelidade da esposa bem como sua saúde? Talvez desejasse apenas que ele pensasse que ela poderia estar tendo um caso. Isso era mais provável com Ellen. Ela gostava de sutilezas; gritos de socorro não faziam parte de seu estilo.

Depois do balancete do semestre, a última coisa de que ele precisava era de problemas domésticos.

Havia mais alguma coisa. Ellen tinha corado quando Pritchard perguntara se ela iria usar o carro; depois, apressadamente, dissera: Pritchard é que dirige para mim.

— Aonde você leva a Sra. Hamilton, Pritchard? — indagou ele.

— Ela mesma dirige o carro, senhor. Procuvo ocupar-me de coisas em casa... há sempre muito que fazer...

— Sim, muito bem — interrompeu Hamilton. — Isto não é um inquérito de como você ocupa seu tempo. Eu estava apenas curioso.

— Sim, senhor.

A úlcera deu-lhe uma fígada. Chá, pensou ele; eu deveria ter tomado leite de manhã.

Herbert chieseman ligou a luz, silenciou o despertador, aumentou o volume do rádio que ficara ligada a noite inteira, e voltou a fita do gravador. Então saiu da cama.

Pôs a chaleira no fogo olhando para fora da janela do apartamentoestúdio enquanto aguardava que a fita do gravador voltasse ao início das sete horas de gravação.

A manhã estava clara e radiante. Mais tarde o sol seria forte, mas agora o ar estava fresco. Ele vestiu as calças e um suéter sobre a roupa de baixo que usara na cama e enfiou os pés nas pantufas.

O lar dele era um espaçoso quarto numa casa da era vitoriana, em North London, que há muito já vira melhores tempos. A mobília, o aquecedor Ascot e o velho fogão a gás pertenciam ao senhorio. O rádio era de Herbert. O aluguel incluía o uso de um banheiro comum e, mais importante do que tudo, o uso exclusivo do sótão.

O som do rádio dominava o quarto. Era um poderoso receptor de VHF, feito de partes que ele havia selecionado com cuidado em algumas lojas em Tottenham Court. A antena ficava em cima do telhado. O gravador também era de fabricação caseira.

Colocou o chá numa xícara, acrescentou leite condensado e sentou-se à mesa de trabalho. Além do equipamento eletrônico, na mesa havia apenas um telefone, um caderno de exercícios de folhas pautadas e uma caneta esferográfica. Abriu o caderno numa página em branco e escreveu a data no topo da página em letras garrafais. Depois reduziu o volume do rádio e começou a tocar a fita da gravação da noite em alta velocidade. Cada vez que um guincho mais agudo soava, indicando que havia uma voz gravada na fita, ele reduzia a velocidade do gravador até que pudesse distinguir as palavras.

—...carro siga para a estrada Holloway, na parte baixa, para dar assistência ao carro-patrolha...

—...Estrada Ludlow, Oeste Cinco, uma Sra. Shaftsbury... parece uma empregada, Vinte e

Um...

—...o inspetor está dizendo que se o Chinês ainda estiver aberto ele vai comer arroz de galinha frita com batatas...

—...Estrada Holloway precisa de ajuda, aquele carro-patrolha está com problemas...

Herbert parou a fita e fez anotações.

—...comunica arrombamento de uma casa e roubo; fica próximo a Wimbledon Common, Jack...

—...dezoito, você entendeu?...

—...não sei, dê-lhe uma aspirina...

—...agressão com uma faca, nada sério...

—...por onde tem andado você, dezoito?...

A atenção de Herbert voltou-se para a fotografia em cima da prateleira sobre a lareira, que estava fechada com tábuas. A fotografia era lisonjeira. Herbert sabia disso há vinte anos, quando ela lhe dera; mas agora já a esquecera. Era curioso: não pensava mais nela, como ela realmente fora. Quando se recordava, visualizava uma mulher com uma pele sem jaca e as faces pintadas a mão, posando em frente a um panorama desbotado no estúdio de um fotógrafo.

—...roubo de uma televisão colorida e danos numa janela envidraçada...

Ele fora o primeiro entre seu círculo de amigos a "perder a esposa", como eles diziam. Dois ou três haviam sofrido essa tragédia desde então: um se tornara um alegre beerrão, outro se casara com uma viúva. Herbert mergulhara de cabeça em sua mania, o rádio. Começou a ouvir as transmissões da polícia durante o dia, quando não se sentia bem disposto para ir trabalhar, o que era bastante comum.

—... Avenida Grey, Golders Green, comunicado de assalto...

Um dia, depois de ouvir a conversa da polícia acerca de um assalto a banco, ele telefonara para o Evening Post. Um repórter agradeceralhe pela informação e anotara seu nome e endereço. O assalto ao banco fora dos grandes — 250 mil libras — e a história estava na primeira página do Post naquela tarde. Herbert ficara orgulhoso de haver-lhes dado a "dica" e contou a história em três pubs naquela noite. Depois esqueceu-se dela. Três meses depois recebeu um cheque de cinquenta libras do jornal.

Com o cheque estava uma nota com os dizeres: "Informação sobre um assalto de 250 mil libras" e a data do roubo.

—... esqueça, Charlie, se ela não quer apresentar uma queixa, esqueça...

No dia seguinte, Herbert ficara em casa e telefonara para o Post cada vez que ouvia coisas importantes na frequência da polícia. Naquela tarde ele recebeu um telefonema de um homem que se dizia subeditor de notícias, o qual lhe explicou o que o jornal desejava de gente como Herbert. Foi-lhe dito para não comunicar um assalto a não ser que houvesse sido usada arma de fogo ou que alguém fosse morto; não se ocupar com assaltos a casas a não ser que o endereço fosse Belgravia, Chelsea ou Kensington; não comunicar roubos a não ser que fossem utilizadas armas ou que vultosas quantias fossem roubadas.

—...prossiga até o nº 23 de Narrow Road, e aguarde...

Ele apreendeu a ideia bem rápido, pois não era estúpido, e os valores que o Post dava às

notícias estavam longe de ser sutis... Dentro em pouco ele verificou que estava ganhando mais em seus dias de "doente" do que quando ia trabalhar. E ainda mais: que preferia ficar escutando o rádio do que fazer caixas para máquinas fotográficas.

Assim Herbert pediu demissão e tornou-se o que os jornais chamam um bisbilhoteiro.

—...é melhor dar-me agora aquela descrição...

Depois que passara a trabalhar em tempo integral no rádio durante algumas semanas, o subeditor de notícias veio a sua casa — foi antes dele mudar-se para o apartamento-estúdio — Para conversar com ele. O jornalista disse-lhe que seu trabalho era muito útil para o jornal, e que tal ele acharia trabalhar para eles com exclusividade? Isto queria dizer que Herbert telefonaria apenas para o Post, e não para outros jornais. Nessas condições, porém, ele receberia uma importância fixa por semana para compensar sua perda de rendimento. Herbert não lhe disse que jamais telefonara a outros jornais. Aceitou de bom grado a oferta.

—...agente firme e lhe mandaremos alguma assistência dentro de minutos...

Ao longo dos anos ele melhorara tanto seu equipamento quanto sua compreensão do que o jornal desejava. Descobriu que eles ficavam gratos por mais ou menos qualquer coisa de manhã cedo, mas, à medida que o dia avançava, se tornavam mais exigentes até que pelas três horas da tarde nada menos do que um assassinato na rua ou um roubo de grande escala e com violência os interessava. Descobriu também que o jornal, como a polícia, estava muito pouco interessado num crime perpetrado contra um homem de cor numa área residencial de Pretos. Herbert pensava que isto era bastante razoável, uma vez que ele, como leitor do Evening Post, não estava muito interessado sobre o que os pretos faziam uns com os outros em sua própria área de Londres. Sabia também que o Post não se interessava só porque pessoas como Herbert, que compravam o Post, não estavam interessadas. Aprendeu a ler as entrelinhas do jargão da polícia: sabia quando um assalto era trivial ou quando uma queixa era doméstica. Percebia o toque de urgência na voz do sargento da sala de operações quando um pedido de assistência era desesperado; descobrira como desligar sua atenção quando eles decidiam ler pelo rádio enormes listas de carros roubados.

O som acelerado de seu próprio despertador saiu pelo grande altofalante e ele desligou o gravador. Aumentou o volume do rádio e depois discou o número do Post. Enquanto esperava por resposta, tomou um gole de chá.

— Post, bom dia. — Era uma voz de homem.

— Redatores de notícias, por favor — disse Herbert. Houve outra pausa.

— Redator.

— Alo. Aqui é Chieseman, chamando às sete e cinquenta e nove. No fundo ouvia-se um matraquear de máquinas de escrever.

— Alo, Bertie, alguma novidade?

— A noite parece ter sido bastante tranquila — respondeu Herbert.

Tony Cox estava numa cabina telefónica na esquina da Quill Street em Bethnal Green, com o fone ao ouvido. Suava dentro do pesado sobretudo com a gola de veludo.

Na mão, segurava a ponta de uma corrente presa na coleira de uma cadela, que estava do lado de fora da cabina. A cadela também transpirava.

O telefone do outro lado da linha respondeu, e Tony colocou uma moeda no aparelho.

— Sim? — disse uma voz, no tom de alguém que não está bem acostumado com essas modernices de telefone.

Tony falou em curtas palavras:

— É hoje. Reúna o pessoal. — E colocou o fone no gancho sem dar seu nome ou esperar por uma resposta.

Ele saiu caminhando ao longo da estreita calçada, arrastando o animal atrás dele. Era uma cadela boxer, com pedigree, com um corpo esguio e musculoso, e Tony tinha a toda hora que dar um puxão na corrente para que ela o acompanhasse. A cadela era forte, mas seu dono era muito mais forte ainda.

As portas das antigas casas com um pequeno terraço na frente davam diretamente para a rua. Tony parou naquela em frente à qual estava estacionado o Rolls-Royce cinza e abriu a porta da casa. Ela nunca estava trancada, pois seus ocupantes não temiam ladrões.

A pequena casa cheirava a comida no fogo. Puxando a cadela atrás dele, Tony entrou na cozinha e sentou-se numa cadeira. Soltou a corrente da coleira do animal e mandou-o andar com uma forte palmada na anca. Ficou de pé e tirou o sobretudo.

Uma chaleira estava fervendo no fogão a gás e havia tiras de toucinho defumado num pedaço de papel impermeável à gordura. Tony abriu uma gaveta e dela tirou uma grande faca de cozinha. Experimentou o fio com seu polegar e decidiu que ela precisava ser afiada, saindo com a faca para o quintal.

Num alpendre ao lado do muro havia uma velha pedra de amolar. Tony sentou-se ao lado dela e acionou o pedal com a alavanca que fazia girar a roda da forma que vira o pai fazer há muitos anos. Fazia Tony sentir-se bem executar coisas da forma que o pai fazia. Lembrava-se dele: um homem alto e bem-apegoado, com os cabelos ondulados e olhos brilhantes, fazendo saltar faíscas, com a pedra girando, enquanto as crianças gritavam e davam risadas. Ele tinha uma barraca numa feira, onde vendia louças e panelas, anunciando os artigos com voz forte e que se ouvia de longe. Costumava fazer uma brincadeira fingindo que implicava com o merceiro ao lado dele, gritando:

"Veja só, você: acabei de vender uma panela por meia libra. Quantas batatas você precisa vender antes de juntar dez xelins?" Podia descobrir uma mulher estranha à vizinhança a metros de distância e não se envergonhava de jogar em cima dela todo o seu charme: "Eu lhe conto uma coisa, querida", isto dizia ele para uma mulher de meia-idade com uma rede cobrindo-lhe os cabelos, "não vemos muitas pequenas bonitas por este lado do mercado, de forma que vou vender-lhe isto com prejuízo, esperando que você volte por aqui. Olhe só: o fundo dela é de cobre sólido, se me perdoa a má palavra, e é a última que tenho; já consegui fazer um lucro no restante delas, de forma que você pode ficar com esta por duas libras, a metade do que paguei por ela, porque você fez o coração de um homem velho bater mais rápido. E fique com ela logo, antes

que eu me arrependa."

Tony ficara chocado com a rapidez com que o velho mudara depois que perdeu um pulmão. Os cabelos ficaram brancos, as bochechas murcharam entre os ossos e a bela voz adquiriu um timbre esganado e chiado. A barraca era de direito de Tony, mas então ele já possuía suas próprias fontes de renda, de forma que deixou que ela ficasse para o jovem Harry, seu irmão mudo, que casara com uma bela pequena de Whitechapel, a qual tivera a paciência de aprender a falar com as mãos. Um homem mudo precisava ter tutano para gerir uma barraca de mercado, escrevendo numa lousa quando queria falar com os fregueses e guardando no bolso um cartão-postal em branco com a palavra OBRIGADO escrita em letras garrafais que ele mostrava quando fazia uma venda. Mas ele o geria bem, e Tony emprestou-lhe dinheiro para o irmão mudar-se para uma mercearia de verdade e empregar um gerente, e ele fez disso também um sucesso. Tinha tutano — era uma coisa que havia na família.

A faca de cozinha já estava bastante afiada. Ele experimentou-a e cortou o polegar. Segurou-a com os dentes e foi para a cozinha.

Sua mãe estava lá. Lillian Cox era baixinha e um pouco gordinha, seu filho herdara dela a tendência para a obesidade, porém era alto e tinha muito mais energia do que uma pessoa normal de 63 anos.

— Estou preparando um sanduíche para você — falou ela.

— Ótimo. — Ele guardou a faca e procurou um curativo. — Tome cuidado com esta faca; acabei de amolá-la...

Ela então ocupou-se do corte dele. Fez com que ele o colocasse debaixo da torneira de água fria e contasse até cem; depois colocou um creme anti-séptico, um pedaço de gaze e por fim enrolou o dedo com um curativo preso com um alfinete de gancho. Ele ficou parado e deixou-a fazer o que queria.

— Ah! Você é um bom rapaz para vir amolar minhas facas. E aonde é que você foi tão cedo?

— Levei o cachorro ao parque. E tive de dar um telefonema para alguém.

Ela fez um gesto de aborrecimento.

— Não sei o que há de errado com o telefone da sala que você não o usa.

— Você sabe como é, mamãe. O Velho Bill escuta o que se diz naquele telefone. — Ele inclinou-se por sobre o fogão para cheirar o bacon que fritava.

Ela colocou um bule de chá na mão dele.

— Vá lá e sirva o chá.

Ele pegou o bule, levou-o para a sala de estar e colocou-o em cima de um descanso. A mesa quadrada estava posta com uma toalha bordada, talheres para duas pessoas, sal, pimenta, e garrafas de molho.

Tony sentou-se perto da lareira, onde o velho costumava sentar-se. Dali virou-se para o guarda-louça e apanhou duas xícaras com os pires. Lembrou-se de novo da figura do velho presidindo as refeições com mão forte e falando com muita gíria: "Tirem suas patas de cima da mesa!", berrava se eles pusessem os braços em cima da mesa.

A única coisa que Tony tinha contra ele era o modo como tratava a mãe. Sendo tão bem apessoado e simpático, tinha muitas amantes e às vezes gastava o dinheiro comprando-lhes gim,

em vez de trazê-lo para casa. Nessas ocasiões Tony e o irmão iam para o mercado de Smithfield e roubavam restos de gordura de peixe debaixo das mesas para vender a uma fábrica de sabão por alguns trocados. E ele nunca serviu ao Exército. Aliás, muitos rapazes espertos conseguiram escapar do serviço no tempo da guerra.

— O que você vai fazer: voltar para dormir ou vai servir esse chá?

— Lilian colocou um prato em frente a Tony e sentou-se do outro lado da mesa. — Não se incomode: eu sirvo.

Tony pegou os talheres, segurando a faca como se pega um lápis, e começou a comer. Havia salsichas, dois ovos fritos, tomates enlatados e fatias de pão frito. Ele encheu a boca antes de servir-se do molho marrom. Estava com fome depois de tanto esforço durante a manhã.

— Não sei, mas nunca tive medo de usar o telefone quando seu pai era vivo, que Deus tenha sua alma — comentou a mãe ao passar-lhe o chá. — Ele tomava cuidado para manter-se afastado do Velho Bill.

Tony lembrava-se de que eles não tinham telefone nos tempos de seu pai, mas deixou passar o deslize dela.

— Sim, ele era tão cuidadoso que morreu pobre, mãe.

— Mas era honesto.

— Era?

— Você sabe muito bem que era, e, por todos os diabos, jamais quero ouvir você dizer coisa diferente.

— Não gosto de ouvir você praguejar, mamãe.

— Você não deveria provocar-me.

Tony comeu em silêncio e terminou logo. Esvaziou a xícara de chá e começou a desembulhar um charuto.

— Quer mais chá? — perguntou a mãe com a xícara dele na mão — Não — disse ele, olhando para o seu relógio. — Tenho algumas coisas a fazer. — Acendeu o charuto e levantou-se. — Isto animou-me, este seu desjejum.

Ela olhou-o com os olhos semicerrados:

— Você está tramando algo?

Aquilo irritou-o. Ele exalou a fumaça para cima e perguntou:

— Quem precisa saber?

— A vida é sua. Siga em frente, então; vejo-o mais tarde. Mas cuide-se!

Tony olhou para ela por mais um momento. Embora a mãe atendesse a ele, era uma mulher forte. Ela dirigira a família desde que o velho se fora: consertava casamentos, tomava emprestado de um filho para dar ao outro, dava conselhos, usava sua desaprovação como uma poderosa sanção. Resistira a todos os esforços para transferi-la da Quill Street para um belo pequeno bangalô em Bournemouth, suspeitando — e corretamente — que a velha casa e suas memórias representavam um poderoso símbolo de sua autoridade. No passado, havia uma arrogância de rainha em seu nariz aquilino e seu queixo pontiagudo; agora ostentava uma pose de realeza mas era resignada, como um monarca que abdicou. Sabia que era prudente afrouxar as rédeas do poder mas ao mesmo tempo lamentava-o. Tony compreendia que era por isso que a

mãe necessitava dele: agora era rei, e com ele ao seu lado, ela ficava perto do trono. Tony a amava porque ela era a única pessoa que necessitava dele.

Bem, você vai sair? — perguntou ela ao se levantar.

— Sim. — Ele compreendeu que estivera imerso em seus pensamentos. Colocou um braço em volta dos ombros dela e apertou-a ligeiramente. Nunca a beijava. — Tchauzinho, mãe! — Pegou o sobretudo, brincou com o cachorro e saiu.

O interior do Rolls estava quente. Apertou o botão que abaixava o vidro antes de acomodar-se no assento de couro e dar a partida.

Sentia prazer em dirigir o carro pelas apertadas ruas do East End. Seu ostentado luxo, em contraste com as ruas exíguas e as desenxabidas e velhas casas, retratava a história da vida de Tony Cox. As pessoas olhavam para o carro — donas de casa, jornalheiros, trabalhadores, malfeitores — e diziam uns para os outros: "Lá vai o Tony Cox. Ele progrediu na vida!"

Tony bateu a cinza do charuto através da janela aberta. Ele progredira na vida. Comprara seu primeiro carro por seis libras aos 16 anos de idade. O certificado do Ministério dos Transportes custara-lhe trinta xelins no mercado negro. Ele preencheu os espaços em branco e vendeu o carro por oitenta libras.

Não demorou muito, e tinha uma agência de carros usados que aos poucos transformou num negócio legal. Então ele o vendeu, com os carros em estoque, por cinco mil libras e envolveu-se num negócio escuso com uma firma comercial.

Com esse dinheiro, abriu uma conta num banco, dando como referência o nome do homem que lhe havia comprado a agência de carros usados. Deu ao gerente do banco o seu nome verdadeiro, mas um endereço falso — o mesmo endereço falso que tinha dado ao comprador da agência de carros usados.

Arrendou um armazém, pagando três meses de aluguel adiantado. Comprou, em pequenas quantidades, rádios, televisões e equipamentos de alta fidelidade dos fabricantes e revendeu-os para lojas em Londres. Pagou os fornecedores à vista e sua conta bancária manteve-se ativa. Em dois meses estava perdendo dinheiro, mas tinha a reputação de ser digno de crédito.

Neste ponto ele fez um grande pedido de encomendas. Pequenos fabricantes, aos quais pagara à vista algumas contas de quinhentas libras cada uma, forneceram-lhe, sem receio, três ou quatro mil libras de mercadorias nos mesmos termos de crédito. Os fornecedores o viam como um cliente em potencial.

Com um armazém cheio de valiosos aparelhos eletrônicos pelos quais não pagara nada, ele promoveu uma liquidação. Aparelhos de som, aparelhos de televisão a cores, relógios digitais, gravadores de som, amplificadores e rádios foram vendidos por preços reduzidos, às vezes até pela metade de seu preço no varejo. Em dois dias o armazém estava vazio, e Tony Cox tinha três mil libras em dinheiro em duas malas. Fechou o armazém e foi para casa.

Sentiu um arrepio de nervoso enquanto dirigia, ao se lembrar daquilo. Nunca mais se arriscaria daquela maneira outra vez. E se um dos vendedores soubesse da liquidação?

E se o gerente do banco o visse num pub alguns dias depois?

Ele ainda dava o golpe da firma falida, mas hoje em dia usava testas-de-ferro que tiravam longas férias na Espanha tão logo a fraude era descoberta. E ninguém jamais vira a cara de Tony.

Seus ramos de negócio, entretanto, haviam-se diversificado. Ele possuía propriedades no

centro de Londres que alugava a jovens, pequenas atraentes por aluguéis bem altos; controlava clubes noturnos; chegou até a gerenciar grupos de música pop. Alguns de seus negócios eram legais, outros eram criminosos; alguns eram uma mistura das duas coisas e outros situavam-se na nebulosa fronteira entre os dois, onde a lei não é muito clara, mas que respeitáveis homens de negócios, com uma reputação a zelar, temem cruzar.

O Velho Bill sabia tudo sobre ele, naturalmente. Havia tantas fraudes por todo o lado hoje em dia que ninguém podia tornar-se um respeitável vigarista sem que seu nome não aparecesse num arquivo da Scotland Yard. O problema, entretanto, era obter provas, especialmente quando havia alguns detetives circulando, preparados para alertar Tony antes de uma batida da polícia. O dinheiro que ele gastava com esse objetivo nunca era lamentado. No mês de agosto sempre havia três ou quatro famílias de policiais em Benidorm com o dinheiro de Tony. Não que ele confiasse nos policiais. Eles eram úteis, mas viviam dizendo uns aos outros que um dia saldariam suas dívidas de lealdade metendo-o em cana. Um policial subornado sempre era, afinal de contas, um policial. Assim, todas as transações eram feitas em dinheiro vivo; não havia uma escrituração, exceto na cabeça de Tony. Todas as negociações eram feitas pelos comparsas de Tony mediante instruções verbais.

Aos poucos, ele jogava cada vez mais seguro, agindo apenas como um banqueiro.

Um vigarista de imaginação obtinha alguma informação confidencial e bolava um plano; depois recrutava um bandido para arranjar o equipamento e a mão-de-obra. Os dois então procuravam Tony e relatavam-lhe o plano. Se lhe agradasse, ele emprestava o dinheiro para subornos, armas, carros, explosivos e qualquer coisa que eles necessitassem. Quando executavam o serviço, pagavam-lhe quatro a cinco vezes o valor do empréstimo com os resultados do golpe.

O negócio daquele dia não era tão simples. Ele o projetara e fora o banqueiro daquele golpe. Significava que devia ser muito cauteloso.

Parou o carro numa rua secundária e saltou. As casas eram maiores — haviam sido construídas para contramestres e artesãos, e não para o pessoal das docas e trabalhadores comuns — contudo não eram mais confortáveis que os casebres da Quill Street. O revestimento externo de cimento apresentava rachaduras, as esquadrias de madeira das janelas estavam podres e os jardins na frente das casas eram menores que o porta-malas do carro de Tony. Apenas cerca da metade delas eram residências; o restante eram armazéns, escritórios ou lojas.

A porta onde Tony bateu tinha uma tabuleta: "Bilhares e Sinuca" com a letra "e" apenas pela metade. A porta abriu-se de imediato, e Tony entrou.

Apertou a mão de Walter Burden e depois seguiu-o pela escada acima. Um acidente rodoviário deixara Walter capengando e gago, privando-o de seu emprego como doqueiro.

Tony dera-lhe a gerência do salão de bilhar, sabendo que o gesto — que para Tony nada custara — seria recompensado por um crescente respeito a ele pelo pessoal do East End e uma imortal lealdade da parte de Walter.

— Quer uma xícara de chá, Tony?

— Não, Walter, obrigado, acabei de tomar meu desjejum. — Ele passou os olhos pelo salão do primeiro andar com um ar de proprietário. As mesas de bilhar estavam cobertas, o chão de linóleo varrido, os tacos corretamente arrumados. — Você mantém o lugar limpo.

— Faça apenas minha obrigação, Tony. Você me deu o emprego, não foi?

— É isso. — Cox foi até a janela e olhou para a rua embaixo. Um Morris azul 1100 estava parado a alguns metros de distância no lado oposto da rua. Dentro dele havia duas pessoas. Tony sentiu-se curiosamente satisfeito; ele andara certo em tomar esta precaução. Onde fica o telefone, Walter?

— No escritório. — Walter abriu uma porta, fez Tony entrar e fechou-a, ficando do lado de fora.

O escritório estava arrumado e limpo. Tony sentou-se à escrivaninha e discou um número.

— Sim? — atendeu alguém.

— Apanhem-me — disse Tony.

— Dentro de cinco minutos.

Tony desligou. O charuto apagara. Quando as coisas o tornavam nervoso ele deixava o charuto apagar. Acendeu-o outra vez com um Dunhill de ouro e saiu do escritório.

Aproximou-se da janela de novo.

— Muito bem, companheiro, vou sair — disse para Walter. Se alguns dos jovens detetives naquele carro azul cismar de bater à porta, não responda. Voltarei em meia hora.

— Não se... se incomode. Pode confiar em mim, sabe disso. Walter balançou a cabeça como um pássaro.

— Sim, eu sei. — Tony deu-lhe uma pancadinha no ombro e depois dirigiu-se para os fundos do salão. Abriu a porta e desceu rápido pela escada de incêndio.

Abriu caminho, rodeando um carrinho de bebê enferrujado, um colchão encharcado e os restos de um velho carro. O capim crescia teimosamente por entre as frestas do piso de concreto rachado do quintal. Um gato maltratado correu, desviando-se de sua frente. Seus sapatos italianos ficaram empoeirados.

Um portão separava o quintal de uma estreita viela. Tony caminhou até o fim dela. Quando chegou ali, um pequeno Fiat vermelho com três homens dentro encostou no meio-fio. Tony embarcou e sentou-se no lugar vago do banco de trás. O carro arrancou em seguida.

O motorista era Jacko, o lugar-tenente de Tony. Ao lado de Jacko estava o Surdo Willie, que entendia mais de explosivos agora do que há vinte anos, quando perdera o tímpano do ouvido esquerdo. No banco de trás, com Tony, estava Peter "Jesse" James, cujas duas obsessões eram armas de fogo e pequenas com traseiros grandes. Eram bons homens; todos membros permanentes da "firma" de Tony.

— Como vai o garoto, Willie? — perguntou Tony.

O Surdo Willie virou o ouvido bom na direção de Tony.

— O quê?

— Perguntei como está o seu garoto Billy?

— Faz 18 anos hoje — respondeu Willie. — Está na mesma, Tony. Jamais será capaz de cuidar de si mesmo. A assistente social disse-nos que deveríamos colocá-lo numa instituição.

Tony resmungou qualquer coisa, expressando sua compreensão.

Faria o impossível para ajudar o filho débil mental do Surdo Willie; doenças mentais assustavam-no.

— Você não irá fazer isso.

— Eu disse para a mulher: "O que entende uma assistente social?" Esta é uma pequena de cerca de vinte anos. Formada na universidade mas, mesmo assim, não convence — disse Willie.

— Estamos todos preparados, Tony. Os camaradas estão lá, os carros estão prontos — interrompeu-os Jacko, impaciente.

— Bom. — Tony olhou para Jesse James. — Paus-de-fogo?

— Tenho duas espingardas e uma Uzi.

— Uma o quê?

— É uma pistola-metralhadora de 9mm. De Israel — explicou Jesse, com orgulhoso sorriso.

— Vamos andando — murmurou Tony.

— Estamos prontos — disse Jacko.

Tony tirou do bolso um boné de pano e colocou-o na cabeça.

— Você colocou os caras do lado de dentro, não?

— Sim — disse Jacko.

— Não me incomode que eles saibam que é um serviço de Tony Cox, mas não quero que possam dizer que me viram.

— Sei disso.

O carro entrou num depósito de sucata. Era um pátio notavelmente limpo. As carrocerias dos carros estavam empilhadas em filas ordenadas; peças desmontadas estavam armazenadas em pequenos montes por toda parte; pilhas de pneus, uma pirâmide de eixos traseiros, um cubo formado por blocos de motores.

Próximo ao acesso do portão havia um guindaste e um comprido caminhão de transporte de carros. Ao fundo, um furgão azul com um marca Ford, com rodas traseiras duplas, estava parado ao lado do equipamento pesado de corte oxi-acetileno do pátio.

O carro parou, e Tony desembarcou. Estava satisfeito. Gostava de coisas limpas. Os outros ficaram à sua volta, aguardando que ele fizesse alguma coisa. Jacko acendeu um cigarro.

— Vocês acertaram as coisas com o proprietário do depósito? indagou Tony.

Jacko fez que sim com a cabeça.

— Ele providenciou para que o guindaste, o transportador e o equipamento de corte estivessem aqui. Não sabe, no entanto, para o que se destinam, e nós o amarramos, apenas para manter as aparências. — Ele começou a tossir.

Tony tirou o cigarro da boca de Jacko e deixou-o cair no chão enlameado.

— Essas coisas fazem você tossir — disse; pegou um charuto do bolso e deu-o a Jacko: — Fume isso e morra de velhice.

Tony caminhou de volta para o portão do depósito. Os três homens o seguiram. Tony caminhava com cautela, evitando poças de água e lugares enlameados, passou por uma montanha de baterias de carros, por entre montes de eixos de direção e caixas de marcha, até chegar ao guindaste. Era um modelo dos menores, montado em esteiras, capaz de levantar um carro, um furgão ou um pequeno caminhão. Desabotoou o sobretudo e subiu pela escada que conduzia à cabina elevada.

Sentou-se na cadeira do operador. A janela, que abrangia toda a volta da cabina, permitia-lhe umavista completa do depósito. Sua planta era triangular. Num dos lados ficava um viaduto de estrada de ferro, os arcos de tijolos ocupados por almoxarifados. Um alto muro no lado vizinho separava o depósito de um pátio e o local de uma bomba. A estrada passava pela frente do depósito, curvando-se ligeiramente ao seguir a curva do rio que ficava alguns metros além dela. Era uma estrada ampla, mas pouco usada.

Protegido do vento pelo viaduto havia um barraco feito de portas velhas de madeira, que suportavam um telhado de papel alcatroado. Os homens deveriam estar ali, amontoados em volta de um aquecedor elétrico, tomando chá e fumando nervosamente.

Tudo estava certo. Tony sentiu a alegria crescer no peito, pois o instinto lhe dizia que o plano iria funcionar. Pulou do guindaste.

Deliberadamente, mantinha a voz num tom baixo, firme, porém despreocupado.

— Esse furgão nem sempre segue o mesmo itinerário. Há várias opções para ir da City até Loughton. Este lugar, porém, está na maioria dos itinerários, certo? Eles têm de passar por aqui, a não ser que queiram ir via Birmingham ou Watford... Agora, de quando em vez, eles ficam insensatos. Esta noite pode ser uma dessas ocasiões.

Então, se nada acontecer, dê aos rapazes um bônus e mande-os para casa até outra oportunidade.

— Eles estão informados sobre isso — disse Jacko.

— bom. Mais alguma coisa?

Os três homens ficaram em silêncio. Tony deu-lhes as instruções finais.

— Usem todos máscaras; não esqueçam das luvas. Todos em silêncio. — Olhou para cada um dos homens para ver se haviam entendido. Depois disse: — Certo. Levem-me de volta.

Não houve nenhuma conversa enquanto o Fiat vermelho trafegava através das ruas apertadas até a viela atrás do salão de bilhar.

Tony saiu e depois inclinou-se sobre a porta do lado do passageiro e falou pela janela aberta:

— É umbomplano, e se agirem como deve, dará certo. Há alguns detalhes especiais dos quais não sabem... garantias especiais, gente que está envolvida. Fiquem calmos, trabalhem bem e tudo funcionará. — Fez uma pausa: — E não atirem em ninguém com aquela porra daquela metralhadora, pelo amor de Deus!

Ele andou pela viela e entrou no salão de bilhar pela porta dos fundos. Walter jogava bilhar numa das mesas. Empertigou-se quando ouviu a porta abrir-se.

— Tudo bem, Tony?

— Nossos amigos não se mexeram? — indagou Tony ao aproximar-se da janela. Podia ver o Morris azul no mesmo lugar.

— Não. Estão fumando como duas chaminés.

Era uma sorte, pensou Tony, que os homens da lei não tivessem pessoal suficiente para vigiá-lo durante a noite como faziam durante o dia. A vigilância das nove até as cinco era bastante útil, pois permitia-lhe estabelecer álibis sem restringir seriamente suas atividades. Um desses dias eles iriam começar a segui-lo 24 horas por dia, mas ele receberia um aviso disso com muita antecedência.

Walter fez um sinal com o polegar em direção à mesa.

— Agrada-lhe um joguinho?

— Não. — Tony saiu da janela. — Tenho um dia atribulado. Desceu a escadaria, e Walter seguiu-o capengando.

— Tchauzinho, Walter — disse ao sair para a rua.

— Até a vista, Tony — respondeu Walter. — Deus te abençoe, rapaz.

A sala de redação de notícias despertou para a vida subitamente. Às oito horas estava tão silenciosa quanto um necrotério, a quietude apenas quebrada por sons inanimados como o ruído uniforme da teleimpressora e o farfalhar dos jornais que Cole estava lendo.

Agora três repórteres batiam à máquina, um mensageiro assobiava uma canção pop, e um fotógrafo com casaco de couro discutia com um subeditor acerca de uma partida de futebol. Os repórteres começavam a chegar. A maioria deles tinha uma rotina de manhã cedo, Cole observara: um comprava chá, outro acendia um cigarro, um terceiro virava para a página três do Sun, a fim de apreciar as fotos de nus; cada um deles usava seu apoio habitual para ajudar a começar o dia.

Cole acreditava em deixar as pessoas sentarem-se por alguns minutos antes de colocá-las a trabalhar. Isso colaborava para uma atmosfera de ordem e de frieza de raciocínio.

Seu editor de notícias, Cliff Poulson, tinha um sistema diferente. Poulson, com os olhos verdes de sapo e sotaque de Yorkshire, gostava de dizer: "Ei, rapaz! Não tire o casaco." Seu prazer em tomar decisões rápidas, sua perpétua pressa e seu humor inconstante criavam uma atmosfera frenética. Poulson tinha mania de correria.

Cole não acreditava que uma história jamais tivesse perdido uma edição porque alguém levara um minuto a mais para pensar sobre ela.

Kevin Hart já estava ali há cinco minutos. Estava lendo o *Mirror*, com um dos quadris apoiado no canto de uma mesa, as pernas das calças do terno de listras elegantemente vincadas.

— Dê um toque para a Yard, por favor, Kevin — gritou Cole para ele.

O jovem pegou o telefone.

As "dicas" de Bertie Chieseman estavam em cima de sua mesa: uma grossa pilha de pautas. Cole correu os olhos pela sala. A maior parte dos repórteres haviam chegado.

Estava na hora de colocá-los a trabalhar. Ele selecionou as "dicas", enfiando algumas num afiado espeto de metal, e entregando outras aos repórteres com curtas instruções:

— Anna, um carro de patrulha teve dificuldades em Holloway Road. Telefone para o posto policial mais próximo e descubra o que houve; se for coisa de bêbados, esqueça.

Joe, este incêndio no East End, verifique com os bombeiros. Um roubo em Chelsea, Phillip, procure o endereço no catálogo Kelly, caso alguém importante viva lá. Barney, a polícia perseguiu e prendeu um irlandês depois de dar uma batida numa casa na Queenstown Street, em Camden. Telefone para a Yard e pergunte se isso tem algo a ver com o IRA.

Um telefone interno deu um sinal e ele atendeu:

— Arthur Cole.

— Que você tem para mim, Arthur?

Cole reconheceu a voz do editor de fotografias. No momento, parece que a notícia mais importante será a votação da noite passada nos Comuns — respondeu Cole.

— Mas isto apareceu na televisão ontem!

— Você me telefonou para me perguntar ou para me contar as coisas?

— Acho que é melhor mandar alguém a Downing Street para uma foto de hoje do primeiro-ministro. Mais alguma coisa?

— Nada que não esteja nos jornais da manhã.

— Obrigado, Arthur.

Cole desligou. Era uma miséria ter que abrir o jornal com uma notícia do dia anterior. Estava fazendo o possível para atualizar a primeira página — dois repórteres estavam na rua à procura de reações. Eles estavam conseguindo que alguns Membros do Parlamento da oposição abrissem a boca, mas ministros não.

Um repórter de meia-idade fumando um cachimbo avisou-lhe:

— A Sra. Poulson acaba de telefonar. Cliff não virá hoje. Está com uma dor de barriga daquelas da Índia...

— Como é que ele pegou isso em Orpington? — resmungou Cole.

— Deve ter sido um jantar com curry...

— Certo. — Era uma boa piada, pensou Cole. Parecia que iria ser o dia mais fraco de notícias do mês, e Poulson estaria ausente por doença, com o assistente do editor de notícias em férias, Cole estava sozinho.

— Nada da Yard; foi uma noite tranquila — informou Kevin Hart ao se aproximar da mesa dele.

Cole olhou para cima. Hart tinha cerca de 23 anos e era muito alto, com cabelos claros, ondulados e compridos. Cole suprimiu um acesso de irritação.

— Isso é ridículo — disse ele. — A Scotland Yard nunca tem uma noite inteiramente sossegada. Que é que há com o Birô de Imprensa deles?

— Devíamos fazer um artigo: "A Primeira Noite sem Crimes de Londres em Mil Anos" — sugeriu Hart, sorrindo.

A frivolidade dele incomodou Cole:

— Nunca fique satisfeito com essa espécie de resposta da Yard — disse ele, friamente.

Hart corou. Ficou embaraçado, ao ser repreendido como um foca.

— Devo telefonar de novo para eles?

— Não — disse Cole, vendo que havia atingido seu objetivo. Quero que me escreva uma reportagem. Sabe a respeito desse novo campo de petróleo no mar do Norte?

Hart fez que sim com a cabeça.

— Chama-se Shield.

— Sim. Hoje à tarde, o ministro da Energia vai anunciar quem conseguiu a licença para explorá-lo. Prepare uma reportagem para ficar em suspenso enquanto esperamos o anúncio. Antecedentes, o que a licença significará para as pessoas que estão concorrendo, como o ministro toma sua resolução. Esta tarde nós podemos encaixar sua reportagem e deixar um

espaço no jornal para o anúncio da firma vencedora.

— Certo — Hart deu meia-volta e dirigiu-se para a biblioteca. Ele sabia que estava sendo encarregado de um serviço maçante, como uma espécie de punição, mas engoliu a pílula estoicamente, pensou Cole. Ficou por um momento olhando para as costas do rapaz. Ele enervava Cole com seus cabelos compridos e os ternos. Talvez possuísse uma autoconfiança exagerada mas, afinal de contas, repórteres precisavam ser audaciosos.

Cole levantou-se e caminhou até a mesa do subeditor, que tinha à sua frente o serviço telegráfico acerca da aprovação da Lei da Indústria e o novo material que os repórteres de Cole haviam preparado. Cole olhou por cima do ombro dele. Numa folha de borrão ele havia escrito:

MEMBROS REBELDES DO PARLAMENTO DIZEM:

"JUNTEM-SE AOS LIBS"

— Que tal acha? — perguntou o homem, após coçar a barba e olhar para Cole.

— Parece referir-se a uma história acerca de Women's Lib — disse Cole. — Detesto.

— Eu também. — O subeditor arrancou a folha do bloco, amassou-a e jogou-a na cesta de papéis. — Que mais há de novo?

— Nada. Só passei adiante as "dicas".

O homem barbado abanou a cabeça e olhou pensativamente para o relógio pendurado na parede à sua frente.

— Esperamos conseguir algo decente para a segunda. Cole inclinou-se sobre a mesa e anotou no bloco:

MEMBROS REBELDES DO PARLAMENTO DIZEM: "JUNTEM-SE AOS LIBERAIS"

— Faz mais sentido, mas no fim dá no mesmo — disse ele.

— Está querendo um emprego? — indagou o subeditor, com um sorriso.

Cole voltou para sua mesa.

— O incidente de Holloway Road não deu em nada. Era um bando de desordeiros, não houve prisões — explicou Annela Sims, ao aproximar-se dele.

— Certo, Anne.

— Não há nada de importante neste incêndio, Arthur. Ninguém ferido — avisou-o Joe Barnard ao desligar o telefone

— Quantas pessoas viviam lá? — perguntou Cole automaticamente.

— Dois adultos, três crianças.

— Então é uma família de cinco que escapou da morte. Escreva-o.

— O apartamento roubado parece pertencer a Nicholas Crost, um famoso violinista — informou Phillip Jones.

— bom — disse Cole. — Telefone para a delegacia de Chelsea e descubra o que foi roubado.

— Já fiz isso — disse Phillip, com um sorriso. — Está faltando um Stradivarius.

— bom garoto! — sorriu Cole. — Escreva a reportagem, depois vá lá e veja se pode entrevistar o infeliz violinista.

O telefone tocou e Cole atendeu.

Embora não admitisse, ele estava se divertindo muito.

Tim fitzpeterson secara as lágrimas, mas o choro em nada havia ajudado. Estava deitado na cama, a cabeça enterrada no travesseiro úmido. Movimentar-se era uma agonia.

Tentava não pensar em coisa alguma. Procurou afastar da mente todos aqueles pensamentos terríveis. Em determinada hora seu cérebro desligou-se por completo, e ele dormitou por alguns momentos, mas a escapada da dor e do desespero foi breve e ele voltou a acordar.

Não se levantou da cama, pois não havia nada que quisesse fazer, nenhum lugar aonde quisesse ir, ninguém que pudesse encarar. Tudo o que podia pensar era sobre a promessa de alegria que fora tão falsa. Cox estava certo quando dissera tão cruamente: "Foi a melhor noite de farra que você jamais teve." Tim não podia banir da memória a lembrança cintilante do esguio corpo dela se contorcendo de prazer, — agora, porém, aquela lembrança tinha um gosto amargo. A pequena havia-lhe mostrado o paraíso e depois fechado a porta. Ela, naturalmente, fingira o orgasmo, mas não houvera nada de fingido no prazer de Tim. Há algumas horas ele estava imaginando uma nova vida, acentuada por uma espécie de prazer sexual que esquecera existir. Agora era difícil ver qualquer objetivo à sua frente no futuro.

Podia ouvir o barulho de crianças no pátio de recreio do lado de fora, gritando, berrando e discutindo, e invejava-lhes a total trivialidade de suas vidas. Imaginava-se quando estudante, com um blazer preto e calça cinza, caminhando cinco quilômetros pelas estradas vicinais de Dorset para ir à escola primária de uma só classe. Foi o aluno mais brilhante que a escola jamais teve, o que não era muito de admirar. Mas o pessoal da escola lhe ensinou aritmética e conseguiu-lhe um lugar no ginásio, e isso era tudo o que ele precisava.

Tim havia-se destacado no curso secundário, lembrava-se. Fora o líder da turma, aquele que organizava jogos no pátio de recreio e rebeliões nas salas de aula. Até que começou a usar óculos.

Era isso: ele estava tentando lembrar-se quando em sua vida sentira um desespero como esse de agora e já sabia. Fora no primeiro dia em que comparecera à escola de óculos. Os membros de sua turma ficaram a princípio desanimados, depois divertidos e por fim zombeteiros. Na hora do recreio ele estava sendo seguido por vários deles cantando: "Quatro-olhos!" Depois do almoço ele tentou organizar um jogo de futebol, mas John Willcott disse: "Não é jogo para você!" Tim colocou os óculos no estojó e deu um soco na cara de Willcott. Acontece que ele era forte, e Tim, que normalmente dominava pela força de sua personalidade, não era um lutador. Tim acabou estancando o sangue do nariz no vestiário, enquanto Willcott escalava os times.

Tentou recuperar-se durante a aula de História, jogando bolinhas de papel sujas de tinta em Willcott embaixo do nariz da Srta. Percival, conhecida como Velha Percy.

A normalmente complacente Percy decidiu impor-se naquele dia, e Tim foi encaminhado ao diretor, a fim de ser castigado. Quando voltava para casa, ele teve outra briga, de novo perdeu e rasgou o blazer. A mãe tirou o dinheiro para comprar um novo do cofre onde ele estava economizando para comprar um rádio de cristal, atrasando sua compra por cerca de seis meses. Foi o dia mais negro na vida do jovem Tim, e suas qualidades de liderança permaneceram abafadas até que ele foi para a faculdade e aderiu ao partido.

Uma briga perdida, um blazer rasgado e um castigo: ele desejava agora ter problemas como aqueles. Um apito soou no pátio de recreio do lado de fora do apartamento, e o barulho das crianças cessou abruptamente. Eu poderia terminar meus problemas assim tão rápido, pensou

Tim, e a ideia agradou-lhe.

Para que fim estava eu vivendo ontem?, cismou ele. Umbomtrabalho, minha reputação, um governo bem-sucedido; nenhuma dessas coisas parecia ter importância hoje.

O apito da escola indicava que deveria passar de nove horas. Tim deveria estar presidindo um comitê reunido para discutir a produtividade de diferentes espécies de usinas elétricas. Como poderia jamais eu ter-me interessado numa coisa tão sem significação? Pensou em seu projeto predileto, uma previsão das necessidades de energia da indústria britânica até o ano 2000. Não podia reunir entusiasmo por ele. Pensou nas filhas e tremeu com a perspectiva de encará-las. Sentia um gosto amargo em tudo. Que importava quem venceria as próximas eleições? A sorte da Inglaterra era determinada por forças fora do controle de seus líderes.

Ele sempre soubera que aquilo era um jogo, contudo não mais desejava os prêmios.

Não havia ninguém com quem ele pudesse conversar. Ninguém. Ele imaginava uma conversa com a esposa: "Querida, fui um tolo e desleal com você. Fui seduzido por uma prostituta, uma esguia e bela pequena, e chantageado..." Julia daria um gelo nele. Podia ver seu rosto, assumindo uma rígida expressão de desgosto, ao mesmo tempo que evitava qualquer contato emocional. Ele tentaria tocá-la com a mão e ela diria: "Não me toque!" Não, ele não poderia contar a Julia; não até ter a certeza de que suas próprias feridas haviam cicatrizado, e não pensava que pudesse sobreviver por tanto tempo.

Alguém mais? Colegas do gabinete diriam: "Por Deus, Tim, meu velho, lamento terrivelmente...", e imediatamente começariam a planejar uma posição estratégica para quando a notícia se divulgasse. Cuidariam para não se associar com qualquer coisa que fosse patrocinada por ele, de não serem vistos com ele com muita frequência; poderiam até pronunciar um discurso sobre moralidade, a fim de estabelecer credenciais puritanas. Não os odiava pelo que sabia que iriam fazer; seu prognóstico era baseado sobre o que ele faria em tal situação.

Seu advogado chegara perto de ser um amigo dele, uma ou duas vezes. Mas era jovem: não poderia saber quanto dependia de fidelidade um casamento de vinte anos. Recomendaria cinicamente que Tim mantivesse um completo segredo e ignoraria os danos já causados à alma de um homem.

Sua irmã, então? Uma mulher ordinária, casada com um carpinteiro, sempre invejara um pouco Tim. Ela se regozijaria com aquilo. Tim sequer podia pensar nisso.

Seu pai estava morto, a mãe velha demais. Será que ele possuía tão poucos amigos? Que fizera ele com sua vida para ser deixado sem ninguém que o amasse, independente de estar certo ou errado? Talvez essa espécie de compromisso fosse de duplo sentido, e tivesse sido cuidadoso para estar certo de que não havia ninguém que ele não pudesse abandonar caso se tornasse um risco.

Não havia ninguém em quem pudesse se apoiar. Apenas seus próprios recursos estavam disponíveis. O que fazemos nós, pensou, desanimado, quando perdemos uma eleição por grande margem? Reagrupamo-nos, imaginamos qual será o cenário dos anos de oposição, começamos a escavar novas fundações, usamos nossa raiva e desapontamento como combustível para a luta. Olhou para dentro de si à procura de coragem, ódio e amargura que o capacitassem para negar a vitória a Tony Cox, mas só encontrou covardia e despeito. Em outras épocas, perdera batalhas e sofrera humilhações, mas era um homem, e homens tinham forças para lutar, ou não?

Sua força sempre viera de uma certa imagem que fazia de si próprio: um homem civilizado, estável, confiável, leal e corajoso, capaz de ganhar com orgulho e perder graciosamente. Tony

Cox mostrara-lhe uma outra imagem; ingênuo o bastante para ser seduzido por uma pequena fútil; fraco o bastante para trair sua fé à primeira ameaça de chantagem; assustado o bastante para arrastar-se pelo chão e pedir clemência.

Apertou bem os olhos, mas mesmo assim aquela imagem invadiu a mente. Ficaria grava pelo resto de sua vida. Mas isto não precisava ser muito tempo.

Afinal se mexeu; sentou-se na beira da cama, depois levantou-se. Havia sangue, sangue dele mesmo, no lençol, uma desgraçada lembrança. O sol já se movimentara no céu e agora brilhava através da janela. Tim gostaria de fechá-la mas o esforço seria demasiado.

Movimentou-se trôpego para fora do quarto e atravessou a sala de estar, indo até a cozinha. A chaleira e o bule estavam onde ela os havia deixado depois de fazer chá. Deixara cair algumas folhinhas de chá em cima do topo de fôrmica da mesa e não se preocupara em colocar a garrafa de leite de volta na pequena geladeira.

O estojo de primeiros socorros estava num armário alto e fechado, que as crianças não podiam alcançar. Tim arrastou um banco pelo chão ladrilhado e subiu nele. A chave estava em cima do armário. Abriu a porta e pegou uma velha lata de biscoitos com uma gravura da catedral de Durham na tampa.

Desceu do banco e colocou a lata sobre a mesa. Abriu-a e encontrou ataduras, um rolo de gaze, uma tesoura, pomada anti-séptica, remédio para cólica de bebês, um tubo esquecido de Ambre Solaire, e um vidro grande cheio de comprimidos para dormir. Despejou os comprimidos na mão e fechou o vidro. Depois pegou um copo num outro armário.

Ele continuava a não fazer coisas: não colocar o leite na geladeira, não limpar as folhas de chá espalhadas, não recolocar no lugar a lata de primeiros socorros, não fechar a porta do guarda-louça. Não havia necessidade de fazer nada disso, ele tinha que lembrar-se.

Pegou o copo e os comprimidos, levou-os para a sala e colocou-os em cima da mesa, que estava vazia, exceto pelo telefone — ele sempre a limpava quando acabava de trabalhar.

Abriu o armário embaixo do aparelho de televisão. Ali estava a bebida que havia planejado oferecer à pequena. Havia uísque, gim, um xerez seco, um bom conhaque e uma garrafa fechada de eau de vie de prunes que alguém trouxera da Dordonha. Tim escolheu o gim, embora não fosse apreciador.

Serviu-se de um pouco no copo que estava na mesa, depois sentou-se numa cadeira simples.

Não tinha disposição para esperar, talvez anos, pela vingança que restauraria seu respeito próprio. Entretanto, agora não podia causar dano a Cox que não fizesse um dano ainda pior a ele. Denunciar Cox denunciaria Tim.

Os mortos, porém, não sentiam dor.

Ele poderia destruir Cox e depois morrer.

Nas circunstâncias, parecia a única coisa a fazer.

Derek Hamilton estava sendo esperado na estação Waterloo por outro chofer, desta vez em um Jaguar. O Rolls-Royce do presidente do conselho fora vendido, no esforço de economia; infelizmente, os sindicatos não haviam dado valor ao gesto. O motorista levou a mão ao boné e abriu a porta; Hamilton entrou sem dizer uma palavra.

Quando o carro movimentou-se, ele tomou uma decisão. Não iria direto para o escritório.

— Leve-me a Nathaniel Fett; sabe onde fica?

— Sim, senhor — respondeu o motorista.

Cruzaram a ponte Waterloo e viraram em Aldwych, dirigindo-se para a City. Hamilton e Fett haviam frequentado a escola Westminster. O velho Nathaniel Fett sabia que seu filho não sofreria ali por ser judeu e Lorde Hamilton acreditava que a escola não transformaria seu filho num bestalhão de alta classe (fora esta a expressão de Sua Excelência).

Os dois rapazes tinham antecedentes superficialmente similares. Ambos eram filhos de pais ricos e dinâmicos e mães bonitas; ambos provinham de famílias intelectuais em cujas casas os políticos vinham jantar; ambos haviam crescido rodeados de bons quadros e livros em número ilimitado. Entretanto, quando a amizade cresceu e os dois jovens foram para Oxford — Fett para Balliol e Hamilton para Magdalen — a casa de Hamilton sofria na comparação entre as duas. Derek veio a descobrir que a inteligência de seu pai era superficial. O velho Fett discutia, com tolerância, pintura abstrata, comunismo, be-bop jazz, e depois fazia-os em pedacinhos com precisão cirúrgica. Lorde Hamilton apoiava os mesmos pontos de vista conservadores, mas expressava-os nos tonitruantes clichês de um discurso na Casa dos Lordes.

Derek, na parte de trás do carro, sorria para si mesmo. Fora duro demais para com o pai; talvez os filhos sempre sejam. Poucos homens conheciam tanto sobre escaramuças políticas; a esperteza do velho tinhalhe angariado um real poder, enquanto o pai de Nathaniel fora por demais esperto para jamais exercer real influência em assuntos de Estado.

Nathaniel herdara aquela sabedoria e fizera dela uma carreira. A firma de corretagem que fora a propriedade de seis gerações de primogênitos, chamados Nathaniel Fett, tinha sido transformada, pelo sétimo, num banco comercial. As pessoas sempre haviam procurado Nathaniel para obter conselhos, mesmo na faculdade. Agora ele exercia as funções de conselheiro sobre fusões de empresas, lançamento de ações e absorções.

— Espere por mim, por favor — pediu Hamilton, ao chegar.

Os escritórios de Nathaniel Fett não eram impressionantes; a firma não precisava provar que era rica. Ostentava apenas uma pequena placa do lado de fora de uma porta que dava para a rua, próxima ao Banco da Inglaterra. A entrada era flanqueada por uma loja de sanduíches de um lado e uma tabacaria do outro. Um observador desprevenido poderia toma-la por uma pequena companhia, longe de ser muito próspera, de seguros ou de armadores; não poderia, porém, saber que os andares em ambos os lados eram ocupados por uma única firma.

O interior era confortável, mais do que luxuriante, com ar condicionado, luzes embutidas no forro e tapetes bem envelhecidos e que cobriam todo o chão, de parede a parede. O mesmo observador desprevenido poderia pensar que os quadros pendurados nas paredes eram valiosos. Ele estaria ao mesmo tempo certo e errado: eram valiosos mas não estavam pendurados nas paredes. Estavam colocados em nichos dentro da alvenaria das paredes, atrás de vidros à prova de bola; apenas as falsas molduras estavam de fato penduradas por cima do papel de parede.

Hamilton foi levado de imediato ao escritório de Fett, no térreo. Nathaniel estava sentado numa poltrona, lendo o Financial Times. Levantou-se para cumprimentar o amigo.

— Nunca vejo você sentado àquela mesa. Ela serve apenas de decoração? — observou Hamilton.

— Sente-se, Derek. Chá, café ou xerez?

— Um copo de leite, por favor.

— Por favor, Valerie. — Fett fez um sinal para sua secretária e ela saiu. — A mesa... não, eu nunca a uso. Tudo o que escrevo é ditado; nada do que leio é pesado demais para que eu não possa segurar nas mãos. Por que deveria eu sentar-me atrás de uma mesa como um escriturário num livro de Dickens?

— Então é para decoração.

— Está aqui há mais tempo do que eu. Grande demais para sair pela porta e valiosa demais para mandar cortá-la. Acho que construíram a sala em volta dela...

Hamilton sorriu. Valerie trouxe-lhe o leite e saiu de novo. Ele provou-o e estudou o amigo. Fett e seu escritório combinavam: ambos eram pequenos mas não anões, escuros mas não sombrios, relaxantes sem serem frívolos. Fett usava óculos de aros grossos e brilhantina nos cabelos. Usava uma gravata de clube, o que era uma marca de aceitabilidade social; era a única coisa de judeu nele, pensou Hamilton ironicamente.

— Estava lendo sobre mim? — indagou Hamilton ao tirar os óculos.

— Apenas passando os olhos. Foi uma reação previsível. Há dez anos, resultados como esses de uma companhia como a Hamilton teriam provocado ondas desde as ações de áudio até os preços de zinco. Hoje, é apenas mais um conglomerado em dificuldades. Há uma palavra para isso: recessão.

— Por que fazemos essas coisas, Nathaniel?

— Não entendi bem você — disse Fett, surpreso.

— Por que trabalhamos demais, perdemos o sono, arriscamos fortunas?

— E arranjamos úlceras — sorriu Fett, mas uma sutil mudança aparecera em seu comportamento. Seus olhos apertaram-se por trás dos grossos óculos, e ele passou as mãos ajeitando o cabelo arrepiado na nuca, um gesto que Hamilton reconhecia ser defensivo. Fett estava se recolhendo em seu papel de um conselheiro cuidadoso, um advogado amável com um ponto de vista objetivo. Sua resposta, porém, foi medidamente negligente: — Para ganhar dinheiro. Para que mais?

Hamilton sacudiu a cabeça. Seu amigo sempre tinha que ser convidado duas vezes antes de pisar em águas mais profundas.

— Economia de sexta categoria — disse ele, ironicamente. — Eu teria obtido mais lucros se tivesse vendido minha herança e posto o dinheiro a render juros. A maioria das pessoas responsáveis por grandes negócios poderiam viver com muito conforto pelo resto de suas vidas fazendo isso. Por que conservamos nossas fortunas e tentamos aumentá-las? É ambição, ou sede de poder, ou aventura? Seremos nós jogadores inveterados?

— Suponho que Ellen tem feito comentários sobre essa espécie de coisa com você, Derek.

— Acertou — sorriu Hamilton — mas me dói você pensar que sou incapaz de tais ponderações por minha própria iniciativa.

— Oh! Não duvido que você pense assim. Acontece que Ellen tem uma maneira de dizer o que você está pensando. De qualquer forma, você não iria estar repetindo essas coisas para mim se elas não o tivessem afetado. — Fez uma pausa e acrescentou: — Derek, tenha cuidado para não perder Ellen.

Os dois ficaram se encarando por um momento, depois afastaram os olhares. Houve um silêncio. Havia atingido o limite da intimidade permitida pela sua amizade.

— Poderemos receber uma proposta insolente um dia destes disse Fett, após algum tempo.

— Por quê? — perguntou Hamilton, surpreso.

— Alguém pode pensar que é fácil comprar você por um preço de barganha, enquanto você anda deprimido e em pânico com os resultados do semestre.

— Qual seria então seu conselho? — perguntou Hamilton, apreensivo.

— Depende da oferta, mas eu provavelmente diria: "Espere." Deveremos saber hoje se você ganhou a concessão do campo de petróleo.

— O campo Shield.

— Sim. Ganhe isso e suas ações se fortificarão.

— Ainda representamos uma fraca perspectiva para lucros.

— Um material ideal, entretanto, para um destruidor de ativos.

— É interessante — divagou Hamilton. — Um jogador apresentaria uma proposta hoje, antes do anúncio do ministro; um oportunista o faria amanhã, se ganharmos a licitação.

Um verdadeiro investidor esperaria até a semana que vem.

— E um homem prudente diria não a todos eles...

— O dinheiro não é tudo, Nathaniel — comentou Hamilton, com um sorriso.

— Por Deus!

— Isso soa tão herético?

— De forma alguma. — Fett estava divertido, e seus olhos brilhavam por trás das lentes. — Sei disso há muitos anos. O que me surpreende é ouvir você dizê-lo.

— A mim surpreende também — disse Hamilton, e fez uma pausa.

— Uma questão de curiosidade: você acha que ganharemos a licença?

— Não posso dizer. — Subitamente o rosto do corretor estava de novo ilegível. — Depende de o ministro acreditar que a concessão deve ser entregue a uma companhia lucrativa como um bônus, ou para uma em decadência como uma bóia salva-vidas.

— Hum! Nenhuma das duas coisas, eu suspeito. Lembre-se de uma coisa: apenas lideramos o sindicato; o que conta é o pacote total. A seção Hamilton, como controladora, fornece os contatos na City e experiência gerencial. Levantaremos o dinheiro para o empreendimento em vez de fornecê-lo de nosso próprio bolso. Outros no time oferecem perícia como engenheiros, experiência em petróleo, facilidades de comercialização etc.

— Então você tem uma boa chance.

— Sócrates — disse Hamilton, sorridente.

— Por quê?

— Ele sempre fazia as pessoas responderem a suas próprias perguntas. — Hamilton levantou o pesado corpo da poltrona. — Devo ir-me.

Fett acompanhou-o até a porta.

— Derek acerca de Ellen... Espero que você não se incomode com o que eu disse...

— Não. — Apertaram-se as mãos. — Dou valor a seu julgamento. Fett fez que sim com a cabeça e abriu a porta.

— O que quer que você venha a fazer, não entre em pânico.

— "Okey-dokey". — Quando ia saindo, Hamilton lembrou-se que não havia usado aquela expressão — em vez do usual OK — há cerca de trinta anos.

Dois policiais estacionaram suas motocicletas de cada um dos lados da entrada dos fundos do banco. Um dos policiais retirou do bolso uma carteira de identidade e colocou-a bem encostada à pequena janela que havia ao lado da porta.

O homem do lado de dentro leu a carteira com cuidado, depois pegou um telefone vermelho e falou.

Um furgão negro, sem marcas, apareceu entre as duas motocicletas e parou com a frente encostada na porta. As janelas laterais da cabina eram providas de uma tela metálica do lado de dentro, e os dois homens que estavam no interior usavam uniformes de polícia com capacetes providos de visores transparentes. O furgão não tinha janelas, e havia um terceiro homem lá dentro.

Mais duas motos da polícia apareceram atrás do furgão, completando o comboio.

A porta de aço do edifício levantou-se suavemente, sem fazer barulho, e o furgão entrou. Estava dentro de um pequeno túnel, muito bem iluminado por lâmpadas fluorescentes.

O caminho do furgão estava barrado por outra porta idêntica à primeira. Quando parou, a porta atrás dele se fechou. As motocicletas da polícia permaneceram na rua.

O motorista do furgão abaixou o vidro da janela e falou através da tela de arame num microfone colocado num suporte.

— bom dia — disse ele, alegremente.

Havia uma grande janela de vidro numa das paredes do túnel. Atrás dela, que era à prova de balas, um homem de olhos vivos, em mangas de camisa, falou num outro microfone.

Suas palavras amplificadas ressoaram no espaço confinado.

— Palavra de código, por favor.

O motorista, cujo nome era Ron Biggins, disse:

— Obadiah. — O controlador que havia organizado o transporte daquele dia era diácono em uma igreja Batista.

O homem em mangas de camisa apertou um enorme botão vermelho na parede pintada de branco atrás dele, e a segunda porta de aço deslizou para cima.

— Sujeito miserável! — resmungou Ron Biggins, e dirigiu o furgão bem devagar para a frente. De novo a porta de aço fechou-se atrás dele.

Agora estava em um compartimento sem janelas, nas entranhas do edifício. A maior parte do chão era ocupada por uma plataforma giratória; afora isso, o compartimento estava vazio. Ron dirigiu o furgão com cuidado para cima da trilha marcada e desligou o motor. A plataforma estremeceu; o furgão movimentou-se devagar num giro de 180° e depois parou.

As portas traseiras estavam agora em frente ao elevador, na parede mais afastada. Enquanto Ron observava em seu retrovisor externo, as portas do elevador se abriram e um homem de óculos, com um paletó preto e calças listradas, saiu dele.

Ele carregava uma chave, segurando-a a sua frente, como se fosse uma lanterna ou um

revólver. Abriu a fechadura das portas do furgão, e depois elas foram descerradas pelo lado de dentro. O terceiro guarda apareceu.

Mais dois homens saíram do elevador, carregando uma formidável caixa de metal do tamanho de uma mala. Colocaram-na no furgão e voltaram para buscar outras.

Ron olhou em volta. O compartimento estava vazio, exceto por suas duas entradas, três linhas paralelas de luzes fluorescentes e uma abertura para o ar condicionado.

Era pequeno e não exatamente retangular. Ron imaginava que poucas das pessoas que trabalhavam no banco conheceriam sua existência. O elevador ia, provavelmente, só até a casa-forte, e a porta de aço que dava para a rua não tinha nenhuma conexão aparente com a entrada principal, que ficava na volta da esquina.

O guarda que estivera no interior, Stephen Younger, deu a volta para o lado esquerdo do furgão; o ajudante do motorista, Max Fitch, abaixou o vidro da janela.

— Coisa grande hoje — comentou Stephen.

— Para nós não faz diferença — retrucou Ron, meio mal-humorado. Ele olhou para trás pelo retrovisor. A carga estava terminada.

— O chefe aqui gosta de filmes de faroeste — disse Stephen a Max.

— É mesmo? — Max estava interessado. Ele nunca estivera ali, e o funcionário de calças listradas não se parecia com John Wayne.

— Como você sabe?

— Observe só. Aí vem ele.

— Ponha-se a caminho! — ordenou o funcionário ao aproximar-se da janela de Ron.

Max não se conteve e tentou esconder sua risada. Stephen deu a volta para trás do furgão e meteu-se dentro dele. O funcionário trancou-o.

Os três empregados do banco desapareceram no elevador. Nada aconteceu durante dois ou três minutos, depois a porta de aço se levantou. Ron ligou o carro e entrou no túnel. Esperaram que a porta de dentro se fechasse e que a exterior se abrisse.

— Até a vista, caubói — despediu-se Max ao microfone, pouco antes de saírem.

O furgão chegou à rua.

A escolta de motocicletas estava pronta. Tomaram suas posições: duas na frente e duas atrás, e o comboio seguiu para leste.

Numa grande encruzilhada de estradas em East London, o furgão virou para a A-11. Um homem grandalhão com um sobretudo cinza de gola de veludo observou-o e, imediatamente, dirigiu-se para uma cabina telefônica.

— Adivinhe só quem acabo de ver — disse Max Fitch.

— Não tenho a menor ideia.

— Tony Cox.

— Quem é ele? — indagou Ron, com a expressão vazia.

— Costumava ser boxeador. E dos bons. Vi-o derrotar Kid Vittorio por nocaute, no balneário de Bethnal Green, talvez há cerca de dez anos. Era um excelente lutador.

Max realmente queria ser detetive, mas fora reprovado nos testes da polícia e ingressara na

segurança. Lia muitos livros de ficção sobre crimes e consequentemente tinha ilusão de que a arma mais potente do Departamento de Investigações Criminais da Scotland Yard era a dedução lógica. Em casa ele fazia coisas como achar um cigarro sujo de batom no cinzeiro e anunciar com grande estardalhaço que tinha razões para acreditar que a Sra. Ashford, a vizinha, estivera ali.

— Essas caixas são aquelas onde eles guardam as notas velhas, não são? — indagou, ao mexer-se agitado no assento.

— Isso mesmo — disse Ron.

— Então deveremos estar a caminho do local de destruição em Essex — concluiu Max, orgulhoso. — Certo, Ron?

Ron estava com os olhos presos nos homens da escolta à frente do furgão e tinha o cenho franzido. Como o integrante mais antigo daquele time, era o único a quem tinham dito para onde iam. Porém, não estava pensando no itinerário, ou no serviço, ou mesmo em Tony Cox, o ex-boxeador. Procurava entender por que sua filha mais velha havia-se apaixonado por um hippie.

O escritório de Felix Laski, em Poultry, não exibia seu nome em lugar algum. Era um edifício velho, da mesma altura que dois outros vizinhos, porém de estilo diferente.

Se lhe tivesse sido possível obter a permissão do planejamento da cidade para derrubá-lo e construir um arranha-céu, ele poderia ganhar milhões. Em vez disso, o edifício era um exemplo do modo como sua fortuna estava empatada. Ele contava, no entanto, que a longo prazo o exercício de pura pressão superaria as restrições do planejamento.

E ele era um homem paciente no que concernia aos negócios.

Quase todo o edifício estava sub-locado. A maioria dos inquilinos era de pequenos bancos estrangeiros que precisavam de um endereço perto da Threadneedle Street, onde fica o Banco da Inglaterra, e seus nomes apareciam em destaque. As pessoas pensavam que Laski manifestava interesse nesses bancos, e ele encorajava isso de todas as formas, desde que não fosse necessário mentir claramente. Além disso, na verdade, ele era proprietário de um dos bancos.

O mobiliário do interior era adequado, mas barato: velhas e sólidas máquinas de escrever, gabinetes de arquivo com as marcas do uso, escrivatinhas de segunda mão, e um mínimo de tapetes já desgastados. Como todo o homem bem-sucedido de meia-idade, Laski gostava de explicar suas realizações por meio de aforismos; um dos favoritos era: "Não gasto dinheiro, invisto." Era mais verdadeiro que a maioria dos provérbios dessa espécie. Sua única casa, uma mansão modesta em Kent, subia de valor desde que a comprara, logo depois da guerra; suas refeições eram muitas vezes de negócios, por conta da firma, e com perspectivas comerciais; até as pinturas que possuía — guardadas num cofre, não penduradas nas paredes — tinham sido compradas porque o negociante de arte de sua escolha avisara que elas iriam valorizar. Para ele, o dinheiro era como as notas de brinquedo no jogo de Monopólio: ele o desejava, não pelo que podia comprar, mas porque era necessário para praticar o jogo.

Mesmo assim, o estilo de vida dele não era despido de conforto. Um professor de ginásio, ou a esposa de um trabalhador na agricultura julgariam que ele vivia num luxo imperdoável.

O aposento que usava como seu próprio escritório era pequeno. Havia uma mesa na qual repousavam três telefones, uma cadeira giratória atrás dela, mais duas cadeiras para visitas e um comprido sofá estofado, encostado à parede. A estante ao lado do cofre de parede continha

dezenas de volumosos livros sobre legislação fiscal e corporativa. Era uma sala impessoal: não havia fotografias de seres amados na mesa, nem quadros nas paredes, tampouco mediocres porta-canetas de plásticos presenteados por netos bem-intencionados, nenhum cinzeiro trazido para casa de Clovelly ou roubado do Hilton.

A secretária de Laski era uma pequena eficiente e gorducha que usava saias curtas demais, sobre a qual ele muitas vezes dizia às pessoas:

"Quando estavam distribuindo sex-appeal, Carol estava noutro lugar obtendo rações extra de massa cinzenta..." Essa era uma boa piada, no estilo inglês, daquelas que os diretores contavam uns aos outros no refeitório dos executivos. Carol chegara às 9:25 e encontrara a bandeja de saída do patrão cheia de papéis que não estavam ali à noite passada. Laski gostava de fazer as coisas assim: impressionava os empregados e ajudava a contrabalançar a inveja. Carol não tocou nos papéis enquanto não fez o café para ele. Laski também gostava disso.

Estava sentado no sofá, escondido atrás do Times, com o café sobre o braço do sofá, quando Ellen Hamilton entrou.

Ela fechou a porta sem fazer barulho e atravessou o tapete nas pontas dos pés, de forma que ele não a viu até que ela abaixou o jornal e olhou para Laski por cima dele. O súbito ruído causado pelo papel fê-lo dar um pulo com o susto.

— Sr. Laski — disse ela.

— Sra. Hamilton.

— Dê-me um beijo de bom-dia — pediu ela ao levantar a saia até a cintura.

Debaixo da saia ela usava meias de estilo antigo, mas sem calcinha. Laski inclinou-se para a frente e esfregou o rosto nos cabelos crespos e de cheiro adocicado de seu púbis. O coração dele bateu um pouco mais acelerado, e sentiu-se deliciosamente pervertido, da forma que havia-se sentido na primeira vez que beijara a vulva de uma mulher.

Recostou-se e levantou os olhos para ela.

— O que gosto em você é a maneira como consegue fazer o sexo parecer uma coisa suja. — Dobrou o jornal e deixou-o cair no chão...

— Às vezes sinto tesão — comentou Ellen ao abaixar a saia. Ele sorriu com um ar de conhecedor, e seus olhos correram-lhe o corpo. Apesar dos cinquenta anos, Ellen era bem-feita de corpo, com seios pequenos e firmes. A pele, envelhecida, era disfarçada pelo bronzado de sol, que ela nutria durante todo o inverno debaixo de uma lâmpada ultravioleta. Os cabelos eram pretos, lisos e muito bem cortados. Os cabelos grisalhos que apareciam de vez em quando eram logo eliminados num luxuoso salão de Knightsbridge. Ela usava um conjunto creme, muito elegante, muito caro e muito inglês. Laski correu a mão para cima, pelo lado de dentro de sua coxa, por baixo da saia, com uma insolente intimidade, seus dedos meteram-se entre suas nádegas e afloraram-lhe o sexo. Ficou imaginando se alguém acreditaria que a recatada esposa do Honorável Derek Hamilton andava sem calcinha só para que Felix Laski pudesse apalpar-lhe o sexo a qualquer momento que desejasse.

Ela contorceu-se de gozo e depois afastou-se um pouco e sentou-se ao lado dele no sofá, onde, durante os últimos meses, ela satisfizera algumas das mais estranhas fantasias sexuais dele.

Laski tivera a intenção de que a Sra. Hamilton fosse um personagem menor no grande cenário de sua vida, mas ela se tornara um bônus dos mais agradáveis.

Ele a conhecera num garden party. Os anfitriões eram amigos dos Hamiltons, não dele;

porém ele conseguira um convite fingindo ter um interesse financeiro pela companhia do dono da casa, um grupo de engenharia. Era um quente dia de julho. As mulheres usavam vestidos de verão e os homens paletós de linho. Laski usava um terno branco.

Com sua altura, tipo distinto e um ar ligeiramente estrangeiro, ele chamava a atenção, e sabia disso.

Havia croque para os convidados mais velhos, tênis para os jovens e uma piscina para as crianças. Os anfitriões forneciam infundáveis taças de champanha e morangos com creme. Laski fizera sua proposta ao anfitrião — mesmo quando fingia, era meticuloso — e sabia que dificilmente poderiam aceitar as condições dele. Mesmo assim, ele fora relacionado na lista com relutância e só porque ele forcara um pouco para ser convidado. Por que iria um casal em dificuldades financeiras oferecer uma festa sem objetivo a pessoas das quais eles não necessitavam? A sociedade inglesa deixava-o perplexo. Oh!, ele conhecia suas regras e compreendia sua lógica, mas nunca saberia por que faziam aquele jogo.

A psicologia das mulheres de meia-idade era algo de que ele entendia muito mais a fundo. Pegou a mão de Ellen, fazendo apenas uma ligeira pretensão de curvatura e percebeu um brilho no olhar dela. Aquilo, e o fato de o marido dela ser gordo e balofo enquanto ela permanecia bonita, foi o suficiente para dizer-lhe que ela corresponderia a um flerte. Uma mulher como ela deveria passar muito tempo pensando se ainda poderia despertar a luxúria de um homem. Ela poderia também estar imaginando se ainda conheceria de novo o prazer sexual.

Laski começou a desempenhar o papel do conquistador europeu como se fosse um grande canastrão. Puxava as cadeiras para ela, chamava os garçons para manter seu copo cheio e tocava nela de modo discreto mas com frequência — nas mãos, nos braços, nos ombros, nos quadris. Não havia razão para sutilezas, sentia ele: se ela queria ser seduzida, ele podia entregá-lhe a mensagem de sua disponibilidade o mais claro possível.

E se ela não quisesse ser seduzida, nada que Laski fizesse poderia mudar a cabeça dela.

Quando Ellen terminou de comer os morangos — Laski não comeu nenhum: recusar qualquer coisa que fazia água na boca era uma marca de classe — ele começou a guiá-la para longe da casa. Passaram de um grupo a outro, demorando um pouco quando a conversa os interessava, passando rapidamente quando se tratava de fofoca social. Ellen apresentou-o a diversas pessoas, e ele teve a oportunidade de apresentá-la a dois corretores que conhecia de vista. Observaram as crianças espadanando na piscina, e Laski sussurrou no ouvido dela: "Você trouxe seu biquíni?" Ela deu uma risadinha. Sentaram-se à sombra de um velho carvalho e ficaram olhando os jogadores de tênis, que eram aborrecidamente profissionais. Caminharam ao longo de uma trilha de cascalho que serpenteava através de um bosque bem cuidado. Quando estavam fora do campo de visão, Laski pegou-lhe o rosto nas mãos e beijou-a. Ellen descerrou os lábios e meteu as mãos dentro do paletó dele, cravando os dedos em seu peito com uma força que o surpreendeu, depois afastou-se e olhou furtivamente para os lados do caminho.

— Quer jantar comigo? Em breve? — perguntou ele, apressado.

— Em breve — disse ela.

Os dois caminharam de volta para a festa e se separaram. No dia seguinte, ele alugou uma suíte num hotel em Park Lane e ali ofereceu-lhe um jantar regado a champanha; depois carregou-a para a cama. Foi no quarto que descobriu como andara errado a respeito dela. Esperava que ela estivesse esfomeada, mas que se satisfizesse logo.

Em vez disso, descobriu que os desejos sexuais dela eram pelo menos tão bizarros quanto os

dele próprio. Durante as semanas seguintes, eles fizeram tudo o que duas criaturas podem fazer uma com a outra, e quando esgotaram suas ideias Laski deu um telefonema e apareceu outra mulher para abrir uma nova série de variações. Ellen fazia tudo com a deliciada aplicação de uma criança num parque de diversões, onde todos os brinquedos são subitamente de graça.

Laski olhou para ela sentada a seu lado no sofá enquanto se recordava de tudo. Sentiu-se possuído por um sentimento que achava que as pessoas provavelmente chamariam de amor.

— Do que você gosta em mim, Ellen?

— Que pergunta egocêntrica!

— Falei a você do que gosto em você. Vamos, satisfaça meu ego. O que você gosta em mim?

— Dou-lhe direito a três palpites... — disse ela ao olhar para o volume entre as pernas dele.

Ele deu uma boa risada.

— Quer café?

— Não, obrigada. vou fazer compras. Entrei apenas para dar uma gozada rápida.

— Você é uma coroa atrevida e sem-vergonha.

— Que engraçadinho que você é!

— Como vai Derek?

— Mais outra coisa engraçada para dizer. Está deprimido. Por que você pergunta?

Laski encolheu os ombros:

— O homem me interessa. Como é que ele pode possuir uma jóia como Ellen Hamilton e depois deixá-la escorregar por entre os dedos?

— Fale de outra coisa — pediu Ellen e desviou o olhar.

— Muito bem. Você está feliz?

— Sim. Apenas espero que dure — respondeu ela, com um sorriso.

— Por que não iria durar? — retorquiu Laski num tom ligeiro.

— Não sei. Encontro você e então começo a trepar como... como...

— Como uma coelha.

— O quê?

— Trepamos como coelhos. Essa é a expressão inglesa correta. Ela abriu a boca e riu.

— Seu velho maluco. Gosto de você quando está sendo prussiano e correto. Sei que só faz isso para divertir-me.

— Então é isso: nós nos encontramos, trepamos como coelhos e você não pensa que possa durar.

— Você não pode negar que a coisa toda tem um ar de transitoriedade.

— Você gostaria que fosse de outra forma? — perguntou ele, com cautela.

— Não sei.

Laski sabia que essa era a única resposta que ela podia dar.

— Você gostaria? — acrescentou Ellen.

— Esta é a primeira vez que tenho a oportunidade de refletir sobre a transitoriedade ou não de nossas relações — respondeu ele, escolhendo as palavras.

— Pare de falar como se estivesse recitando o Relatório Anual do presidente do conselho.

— Se você parar de falar como a heroína de um romance... Falando de relatórios do presidente do conselho, suponho que é isto que está deixando Derek deprimido.

— Sim. Ele pensa que é sua úlcera que o faz sentir-se mal, mas eu sei bem o que é.

— Acredita que ele venderia a companhia?

— Eu gostaria que vendesse. — Ela olhou para ele fixamente. Você compraria?

— Talvez...

Ellen encarou-o por um longo momento. Laski sabia que ela estava avaliando as suas palavras, pesando as possibilidades, considerando os motivos dele. Era uma mulher esperta.

Ellen decidiu deixar aquilo de lado e disse:

— Devo ir agora. Quero estar em casa para o almoço.

Os dois se levantaram. Laski beijou-a na boca e apalpou-a por todo o corpo com sensual familiaridade. Ellen colocou-lhe um dedo na boca para ele chupar.

— Adeus, Laski.

— Eu telefono para você, Ellen.

E então ela se foi. Laski foi até a estante e ficou olhando sem ver a lombada de *The Directory of Directors*. Ela dissera: Apenas espero que dure, e ele precisava meditar sobre aquilo. Ellen tinha uma maneira de dizer as coisas que o fazia pensar. Era uma mulher sutil. O que queria ela, então? Casamento? Ela dissera que não sabia o que desejava e, embora dificilmente pudesse ter dito outra coisa, Laski acreditava na sinceridade dela. Então, o que eu desejo?, pensou. Quero casar-me com Ellen?

Sentou-se atrás de sua mesa. Tinha muita coisa a fazer. Apertou o botão do interfone e falou com Carol.

— Telefone para o Ministério de Energia e descubra exatamente quando... quero dizer, a que horas... planejam anunciar o nome da companhia que ganhou a licença para o campo de petróleo Shield.

— Sim, senhor.

— Depois telefone para Fett e Companhia em meu nome. Desejo falar com Nathaniel Fett, o chefe.

— Certo.

Ele desligou o interfone. Será que desejo casar-me com Ellen Hamilton?, pensou outra vez.

De repente, ocorreu-lhe a resposta, que o deixou estupefato.

O editor do Evening Post tinha a ilusão de que pertencia à classe governante. Filho de um funcionário da estrada de ferro, ele galgara a escala social muito rapidamente nos vinte anos, desde que deixara a faculdade. Quando precisava readquirir confiança em si mesmo, lembrava-se que era diretor e consultor do Evening Post Ltd.; e que sua renda o colocava entre a minoria dos chefes de família de elevada renda. Nunca lhe ocorria que ele jamais seria um formador de opiniões se não fosse pelo fato de que suas opiniões sempre coincidiam exatamente com as do proprietário do jornal; nem que sua posição de diretor fosse dependente do proprietário; nem que a classe governante é definida por riqueza, não por renda. E ele não fazia ideia de que seu terno Cardin pronto para usar, seu modo de falar afetado, como quem tem uma maçã na boca, sua casa de executivo de quatro quartos em Chislehurst marcavam-no claramente, aos olhos invejosos de cínicos como Arthur Cole, como um rapazinho pobre que obtivera sucesso na vida — mais claramente do que se ele usasse um boné e ligas de ciclistas para as calças. Cole chegou ao escritório do editor exatamente às dez horas, com a gravata bem esticada, os pensamentos disciplinados e a lista batida à máquina. Compreendeu logo que aquilo era um erro. Deveria ter entrado às pressas na sala com dois minutos de atraso, em mangas de camisa, para dar a impressão que se havia arrancado relutantemente de seu quente assento da lufa-lufa da sala de redação de notícias com a finalidade de fornecer a pessoas menos essenciais uma rápida recapitulação do que estava acontecendo nos departamentos realmente importantes do jornal. Mas era isso: sempre pensava nessas coisas tarde demais; não era bom em política de escritório. Deveria ser interessante ver como os outros executivos fariam suas entradas na conferência daquela manhã.

O escritório do editor era bem moderno. A mesa dele era branca, e as cadeiras confortáveis vinham da Habitat. Venezianas verticais protegiam o tapete azul da luz do sol e as estantes de alumínio-e-melamina tinham portas de vidro fumê. Numa mesa ao lado havia exemplares de todos os jornais da manhã, e uma pilha das edições do dia anterior do Evening Post.

Ele estava sentado atrás da mesa branca, fumando um cigarro fininho e lendo o *Mirror*. Aquilo fez com que Cole ansiasse por um cigarro; substituiu-o por uma pastilha de hortelã.

Os outros chegaram quase ao mesmo tempo: o editor de fotografias, com uma camisa justa, e os cabelos pelos ombros, que muita mulher invejaria; o editor de esportes num paletó de tweed, com uma camisa lilás; o editor de artigos de destaque fumando cachimbo e com um permanente meio sorriso no rosto; e o gerente de circulação, um jovem vestindo um imaculado terno cinza, que começara vendendo enciclopédias e atingira esse cargo em apenas cinco anos. A dramática entrada de último minuto foi a do subeditor-chefe, responsável pela diagramação do jornal. Era um homem baixo, com os cabelos cortados curtos, que usava suspensórios; carregava um lápis atrás da orelha.

Quando todos haviam-se sentado, o editor jogou o *Mirror* na mesa ao lado e puxou a cadeira mais para perto da mesa.

— Ainda não temos a primeira edição? — indagou.

— Não. — O subeditor-chefe olhou para seu relógio de pulso. Perdemos oito minutos devido a um defeito numa bobina de papel.

O editor transferiu o olhar para o gerente de circulação.

— Como isto afeta você?

— Se forem apenas oito minutos, e se você pode recuperar na próxima edição, podemos tolerar — respondeu ele, também olhando para o seu relógio.

— Parece que temos um problema de bobina todos os malditos dias — comentou o editor.

— É esse papel ordinário que estamos usando na impressora alegou o subchefe.

— Bem, temos de nos conformar com ele até voltarmos a obter lucros de novo. — O editor pegou a lista de reportagens de notícias que Cole havia colocado em sua mesa.

— Não há nada aqui que possa provocar um surto de circulação, Arthur.

— Está uma manhã sossegada. Se tivermos sorte, haverá uma crise no gabinete lá pelo meio-dia.

— É, essas crises andam muito baratas, com essa porra desse governo. — O editor continuou a ler a lista. — Gostei dessa história do Stradivarius.

Cole continuou a examinar a lista, fazendo um breve relato sobre cada notícia.

— Nada de sensacional entre elas — disse o editor após Cole concluir a lista. — Não gosto de começar todos os dias com política. Espera-se de nós que cubramos "todos as facetas do dia de um londrino", citando nosso próprio anúncio. Não acredito que se possa fazer desse Strad um violino de um milhão de libras?

— É uma bela ideia — disse Cole. — Mas não suponho que valha tanto. Mesmo assim, podemos tentar.

— Se não funcionar em libras esterlinas, tente-se o violino de um milhão de dólares — sugeriu o subchefe. — Ainda melhor: a rabeca de um milhão de dólares.

— Bem lembrado — disse o editor. — Vamos mostrar uma gravura da biblioteca de um violino semelhante e publicar entrevistas com três violinistas famosos sobre como se sentiriam se perdessem seu instrumento favorito. — Fez uma pausa. — Quero muita ênfase também na questão da licença para o campo de petróleo. As pessoas estão interessadas neste negócio de petróleo do mar do Norte. Talvez isto represente nossa salvação econômica.

— O Departamento de Energia ficou de anunciar o nome da companhia escolhida ao meio-dia e meia. Enquanto isso, temos um artigo preparado em suspenso.

— Cuidado com o que será publicado. Nossa própria companhia controladora é uma das concorrentes, caso não saiba. Lembre-se que um poço de petróleo não é riqueza instantânea, implica vários anos de dispendioso investimento antes de dar resultados.

— Por certo — concordou Cole.

O gerente de circulação voltou-se para o subchefe:

— Vamos fazer cartazes de rua para a história do violino, e quanto a este incêndio no East End...

A porta abriu-se com grande barulho e o gerente de circulação parou de falar. Todos levantaram os olhos e viram Kevin Hart, de pé no umbral da porta, com o rosto corado e um ar excitado. Cole resmungou qualquer coisa.

— Desculpem-me interromper — disse Hart — mas acho que tenho uma grande história.

— O que é? — perguntou o editor, com calma.

— Acabo de receber um telefonema de Timothy Fitzpeterson, um sub-ministro no...

— Sei quem ele é — cortou o editor. — O que foi que ele falou?

— Alega que está sendo chantageado por duas pessoas chamadas Laski e Cox. Falava com uma voz cansada. Ele...

— Você conhece a voz dele? — interrompeu-o outra vez o editor. O jovem repórter parecia atrapalhado. Obviamente esperava um pânico instantâneo, não um interrogatório...

— Nunca falara antes com Fitzpeterson — disse ele.

— Recebi uma terrível denúncia anônima esta manhã sobre ele. Verifiquei-a com ele, que a negou — interveio Cole.

O editor fez uma careta.

— Está cheirando mal — disse ele.

O subchefe concordou com a cabeça. Hart parecia desanimado.

— Muito bem, Kevin, discutiremos isso quando eu sair — disse Cole. Hart saiu e fechou a porta.

— Sujeito afobado... — comentou o editor.

— Ele não é estúpido, mas ainda tem muito que aprender — falou Cole.

— Então ensine-o — disse o editor. — Agora, o que está projetado quanto a fotos?

Ron biggins estava pensando na filha. Não era um procedimento correto: deveria voltar o pensamento para o furgão que estava dirigindo e em sua carga de algumas centenas de milhares de libras em papelmoeda — sujo, rasgado, dobrado, com coisas escritas, e que servia apenas para a usina de incineração do Banco da Inglaterra em Loughton, Essex. Sua distração, porém, talvez fosse perdoável, pois a filha de um homem é mais importante do que papel-moeda. E quando é filha única, ela é uma rainha; é quase que a razão de ser de sua vida.

Afinal de contas, pensava Ron, um homem despende sua vida na criação dela desejoso de que, quando a moça atingir a idade conveniente, ele possa entregá-la a um tipo sério e confiável, que cuidará dela tão bem quanto o pai. Não algum bêbado e sujo pé-rapado, cabeludo, fumador de maconha e desempregado...

— O quê? — indagou Max Fitch.

— Falei alguma coisa? — indagou Ron, retornando ao presente.

— Você estava murmurando — informou-o Max. — Alguma coisa está atormentando sua cabeça?

— Bem que poderia atormentar, filho — disse Ron. Eu poderia ocupar minha cabeça imaginando um assassinato, pensou, mas sabia que de fato não tinha isso em mente.

Acelerou um pouco o carro para manter a distância regulamentar entre as motocicletas e o furgão. Quase agarrara aquele porco pela garganta, no entanto, quando ele dissera: "Eu e Judy estamos pensando que poderíamos viver juntos, sabe? Por algum tempo, para ver como irão as coisas, entende?" Falara tão tranquilo, como se estivesse propondo levá-la para uma matinê. O homem tinha 22 anos, cinco anos mais velho que Judy — graças a Deus ela ainda era menor, obrigada a obedecer ao pai. O namorado — seu nome era Lou — estava sentado na sala de estar, parecia nervoso, com uma camisa difícil de ser descrita, jeans imundos, presos na cintura com um complicado cinto de couro que parecia um instrumento de tortura medieval, e sandálias

abertas que mostravam os pés sujos. Quando Ron perguntou-lhe o que fazia na vida, ele respondeu que era um poeta desempregado, e Ron suspeitou que ele o estivesse desrespeitando, gozando dele.

Depois da observação acerca de viverem juntos, Ron jogou-o na rua. As brigas foram constantes desde então. Primeiro, ele explicara a Judy que não deveria viver com Lou porque era seu dever preservar-se para seu marido. Ao ouvir isso a filha riu na cara dele e disse que já havia dormido com o namorado pelo menos uma dúzia de vezes, quando todos pensavam que ela estava passando a noite com uma amiguinha em Finchley. Ron então disse que só faltava ela dizer-lhe que estava de barriga, e Judy respondeu que o pai não podia ser tão tapado: ela tomava pílula desde os 16 anos, quando a mãe a havia levado à clínica de planejamento familiar. Foi nessa ocasião que Ron esteve a ponto de bater na mulher pela primeira vez em vinte anos de casamento. Ron arranhou um colega da polícia para dar uma checada em Louis Thruley, de 22 anos de idade, desempregado, residente em Barracks Road, Harringey. O Departamento de Registros Criminais descobrira duas condenações: uma pela posse de resina de cannabis (maconha) no festival de música pop de Reading, e outra por furto de comida no mercado Tesco em Muswell Hill. Essa informação deveria ter acabado com ele. Convenceu a esposa de Ron, mas Judy apenas disse que sabia acerca de ambos os incidentes. Fumar maconha não deveria ser um crime, e quanto ao furto, Ron e os amigos simplesmente sentaram-se no chão do supermercado e comeram empadões de carne de porco tirados das prateleiras, até que foram presos. Havia feito aquilo porque acreditavam que a comida deveria ser de graça, e porque estavam com fome e duros. Pelo visto, a filha considerava a atitude deles totalmente razoável.

Incapaz de fazê-la criar juízo, Ron finalmente a proibira de sair à noite. Ela aceitara a proibição com resignação. Faria o que o pai mandava e dentro de quatro meses, quando completasse 18 anos, se mudaria para o apartamento-estúdio de Lou com os três companheiros dele e a pequena que todos compartilhavam.

Ron ficara arrasado. Estava obcecado pelo problema havia oito dias, e ainda não podia enxergar um meio de livrar a filha de uma vida de miséria — pois isso era o que aquilo significava, sem qualquer sombra de dúvida. Ron vira aquilo acontecer antes. Uma jovem casa com um desclassificado. Arranja um trabalho enquanto ele fica em casa vendo as corridas de cavalos na televisão. De tempos em tempos, ele faz uma vigarice para pagar suas cervejas e o fumo. Ela ganha algumas crianças enquanto ele é apanhado num crime e vai preso por algum tempo. Subitamente a pobre jovem vê-se tentando criar uma família com auxílio da Assistência Social, sem um marido.

Ele daria sua vida por Judy — tinha dado 18 anos dela — e tudo o que ela queria fazer era abandonar o que Ron achava certo e ainda zombar dele. Ele seria capaz de chorar se ainda conseguisse.

Ron não podia tirar o problema da cabeça, e assim ainda pensava naquilo às 10:16 daquele dia. Foi por isso que não notou antes a emboscada. Sua falta de concentração, porém, pouca diferença influenciou sobre o que aconteceu nos próximos segundos.

Ele fez a volta sob o arco de um viaduto de estrada de ferro e entrou numa longa estrada em curva que tinha o rio à sua margem esquerda e um depósito de sucata à direita. Era um dia limpo e claro, e assim, enquanto seguia a suave curva, não teve dificuldade em ver a carreta, na qual estavam empilhados bem alto veículos batidos e amassados, que procurava entrar de marcha à ré com dificuldade no portão do depósito de sucata.

A princípio parecia que a carreta já estaria fora da estrada quando o comboio a alcançasse,

mas o motorista, evidentemente, não tinha o ângulo de aproximação bem certo e puxou a carreta de novo para a frente, bloqueando a estrada por completo.

As duas motocicletas da frente frearam e pararam, e Ron encostou o furgão atrás delas.

Um dos motociclistas apoiou a moto no descanso e pulou no estribo da cabina para gritar com o motorista. O motor da carreta fazia muito barulho, e uma fumaça preta saía de seu cano de descarga.

— Avise que houve uma parada não programada — disse Ron.

— Vamos cumprir a rotina conforme manda o livro.

— Unidade Móvel para Controle Obadiah — falou Max pelo microfone do rádio.

Ron olhava para a carreta. Estava carregado com uma estranha variedade de veículos. Havia um velho furgão verde com o distico "Açougue Familiar Coopers" pintado na lateral; um Ford Anglia amassado, sem rodas; dois "besouros" Volkswagen empilhados um em cima do outro e, no suporte superior, um grande Ford australiano branco com um perfil de limusine, e um Triumph que parecia novo. A carga toda parecia meio instável, em especial os dois "besouros" num abraço enferrujado, como um par de insetos copulando. Ron olhou de novo para a cabina: o motociclista estava fazendo sinais para o motorista sair da frente do comboio.

— Unidade Móvel para Controle Obadiah. Responda, por favor — repetiu Max.

Devemos estar muito embaixo, assim perto do rio, pensou Ron; talvez a recepção seja má. Olhou de novo para os carros no transporte e observou que não estavam amarrados com cordas. Aquilo era perigoso. Que distância teria o transporte viajado com sua carga de sucata insegura?

— Peça socorro! — gritou ele, percebendo de repente a cilada.

— O quê? — indagou Max, espantado.

Algo bateu no teto do furgão com um estrondo. O motorista da carreta pulou da cabina em cima do motociclista. Vários homens com máscaras feitas de meia pularam do interior do muro do depósito de sucata. Ron olhou pelo retrovisor lateral e viu os dois motociclistas de trás serem derrubados das motos.

O furgão deu uma sacudidela e depois, incompreensivelmente, pareceu elevar-se no ar. Ron olhou para o lado direito e viu a lança de um guindaste que passava por cima do muro e vinha até o teto do furgão. Ele agarrou o microfone do perplexo Max assim que um dos homens mascarados corria em direção ao furgão. O homem jogou algo pequeno e negro, semelhante a uma bomba de críquete, no pára-brisa.

O próximo segundo passou-se bem devagar, numa série de imagens, como um filme, visto quadro a quadro, em câmara lenta: um capacete voando pelo ar; um porrete de madeira caindo na cabeça de alguém; Max agarrando a alavanca de mudanças quando o furgão inclinou-se para um lado; o próprio polegar de Ron apertando o botão para falar no microfone enquanto ele dizia "Obadiah, Mayd..." a pequena bomba que parecia uma bola de críquete atingindo o pára-brisa e explodindo, mandando para o ar um chuveiro de fragmentos de vidro temperado; e depois o impacto físico quando a onda de choque atingiu-o e a silenciosa escuridão da inconsciência.

O sargento Wilkinson ouviu a chamada no rádio de "Obadiah", vinda do furgão com o dinheiro, mas a ignorou. Fora uma manhã atribulada, com três importantes congestionamentos de tráfego, uma caçada através de Londres de um atropelador que fugira do local, dois acidentes sérios, um incêndio num depósito e uma demonstração não autorizada por um grupo de anarquistas em Downing Street — onde fica o escritório e a residência do primeiro-ministro.

Quando veio a chamada, ele estava comprando um copo de café instantâneo e um pão com presunto da carrocinha de uma pequena das índias Orientais e dizendo para ela:

— O que seu marido diz de você vir trabalhar sem sutiã? A pequena, que tinha um belo busto, respondeu:

— Ele não nota — e deu uma risadinha.

— Olhe só, Dave, aproveite a deixa — disse o guarda Jones, sentado do outro lado da mesa.

— O que você está fazendo esta noite? — perguntou Wilkinson. A pequena riu, sabendo que ele não estava falando sério.

— Trabalhando — respondeu ela.

— Unidade Móvel para Controle Obadiah. Responda, por favor — falou uma voz no rádio.

— Outro emprego? Ou o quê? — insistiu Wilkinson.

— Sou dançarina go-go num pub.

— com os seios à mostra?

— Você deveria ir lá para ver, não quer? — disse a pequena e empurrou seu carrinho para a frente.

— Mayd... — voltou a falar o rádio. Depois houve uma batida abafada, como se fosse de estática ou uma explosão.

O sorriso logo desapareceu da face jovem de Wilkinson. Virou uma chave e falou no microfone:

— Controle Obadiah, responda, Unidade Móvel.

Não houve resposta. Wilkinson chamou seu supervisor, fazendo sentir a urgência do assunto em sua voz:

— Chefe!

O inspetor "Harry" Harrison atravessou a sala até a posição de Wilkinson. Era um homem alto, estava passando as mãos pelos cabelos cada vez mais rarefeitos, e agora parecia mais perturbado do que realmente estava.

— Tudo sob controle, sargento? — indagou.

— Acho que recebi uma mensagem de socorro de Obadiah, chefe!

— O que você quer dizer com "acho"? — retrucou Harrison. Wilkinson não chegara a sargento admitindo seus erros e respondeu prontamente:

— A mensagem estava distorcida, senhor. Harrison pegou o microfone:

— Controle Obadiah para Unidade Móvel, está me ouvindo? "Over". — Esperou um pouco, depois repetiu a mensagem. Não obteve resposta. — Uma mensagem distorcida e depois eles saem do ar. Temos de tratar como um assalto. Era só isso o que me faltava hoje!

— Tinha o ar de um homem para quem o destino tinha sido não apenas injusto mas vingativo.

— Não consegui uma localização — disse Wilkinson.

Ambos viraram-se para olhar o gigantesco mapa de Londres na parede.

— Eles tomaram a rota do rio — comentou Wilkinson. — A última vez que checaram a posição foi de Aldgate. O tráfego está normal, de forma que devem estar por perto de...

digamos... Dagenham.

— Formidável! — disse Harrison com sarcasmo. Pensou por um momento. — Dê o alarma para todos os carros. Depois destaque três das patrulhas de East London e mande-as fazer uma busca. Alerte Essex e certifique-se de que aqueles patetas preguiçosos saibam de quanta porra de dinheiro há naquele furgão. Muito bem! Mãos à obra.

Wilkinson começou a fazer as chamadas. Harrison aguardou, atrás dele, alguns momentos, mergulhado em pensamentos.

— Deveremos receber um telefonema muito em breve, alguém deve ter visto quando aconteceu — resmungou ele. Pensou mais um pouco. — Mas, por outro lado, se o ladrão é bastante esperto para pôr o rádio fora de serviço antes que os rapazes possam chamar o controle, ele é bastante esperto para fazer o serviço em algum lugar sossegado.

— Houve uma pausa mais longa. Por fim, Harrison disse: Pessoalmente não acredito que tenhamos a mínima chance.

As coisas estavam correndo como num sonho, pensou Jacko. O furgão com o dinheiro forçado por sobre o muro e colocado com cuidado ao lado do equipamento de corte.

As quatro motocicletas da polícia tinham sido jogadas em cima da carreta, que já recuara para o interior do depósito. Os motociclistas estavam agora muito bem alinhados, algemados nas mãos e nos pés, e os portões do depósito fechados. Dois dos assaltantes, colocando óculos por cima das máscaras de meia, abriram um buraco no furgão, o suficiente para passar um homem, enquanto outro furgão pintado apenas de azul aproximou-se do furgão com o dinheiro. Um grande retângulo de aço caiu, e um guarda uniformizado pulou de dentro com as mãos na cabeça. Jesse algemou-o e colocou-o deitado ao lado da escolta da polícia.

O equipamento de corte foi afastado rapidamente, e mais dois homens entraram pelo buraco aberto no furgão e começaram a tirar os cofres e passar para o segundo furgão.

Jacko lançou os olhos sobre os prisioneiros. Havia apanhado um pouco, mas nenhum apresentava ferimentos graves. Estavam conscientes. Jacko transpirava por baixo da máscara, mas não ousava tirá-la. Ouviu-se um grito da cabina do guindaste, onde um dos rapazes ficara de sentinela. Jacko olhou para cima. No mesmo instante ouviu o som de uma sirena.

Jacko correu os olhos em volta. Não podia ser verdade! De acordo com o que fora planejado, eles deveriam dominar os guardas antes que tivessem tempo para pedir socorro pelo rádio. Rogou uma praga, enquanto os homens olhavam para ele, à procura de orientação.

A carreta havia recuado atrás de uma alta pilha de pneus, de forma que as motocicletas brancas não poderiam ser vistas. Os dois furgões e o guindaste não despertavam suspeita.

— Escondam-se todos! — gritou Jacko. Então lembrou-se dos prisioneiros. Não havia tempo para arrastá-los dali e escondê-los. Achou uma lona, jogou-a por cima dos cinco corpos e depois mergulhou para trás de um silo.

A sirena aproximou-se; o carro vinha em alta velocidade. Jacko ouviu o barulho dos pneus ao fazer a curva embaixo do arco da estrada de ferro, depois voltou a acelerar.

O som agudo da sirena tornou-se mais alto e então, subitamente, começou a diminuir. Jacko respirou aliviado, e então ouviu o som da segunda sirena.

— Permaneçam escondidos! — gritou.

O segundo carro passou, e em seguida veio um terceiro. Ouviu o mesmo guincho dos pneus debaixo do arco, a mesma acelerada depois da curva, mas desta vez o carro diminuiu a marcha do lado de fora do portão.

Tudo parecia muito tranquilo. Jacko suava sem parar debaixo da máscara de meia. Sentia-se como se fosse sufocar. Ouviu um barulho como as botas de um policial arranhando o portão. Talvez estivesse subindo no portão para dar uma olhada. De repente Jacko lembrou-se que havia mais dois guardas na cabina do furgão. Rezou para que eles não acordassem exatamente agora.

O que estava fazendo o policial? Não tinha pulado o portão, mas também não descera de volta para o lado de fora. Se entrassem para dar uma boa olhadela, tudo estaria terminado. Não, não entre em pânico! Dez de nós podem tomar conta de um carro cheio de tiras. Isso, porém, levaria tempo, eles poderiam ter deixado alguém no carro, que podia usar o rádio e pedir reforços.

Jacko quase que podia sentir todo aquele dinheiro escorregando-lhe por entre os dedos. Tinha vontade de arriscar uma espiada pelo lado do silo, mas disse para si mesmo que não valeria a pena. Saberia quando eles partissem pelo barulho do carro.

O que estavam fazendo?

Olhou de novo para o furgão do dinheiro. Meu Deus! Um dos caras estava se mexendo. Jacko levantou a espingarda. O negócio ia acabar num tiroteio.

— Que merda! — sussurrou ele.

Ouviu-se um ruído vindo do furgão, um grito rouco. Jacko pôsse de pé e rodeou o silo com a arma preparada.

Não havia ninguém no depósito.

Ouviu então o carro afastar-se apressado. A sirena começou a soar de novo e desapareceu na distância.

O Surdo Willie emergiu de trás da carroçaria enferrujada de um táxi Mercedes. Juntos, os dois caminharam até o furgão.

— Foi bem divertido, não foi? — comentou Willie.

— Sim — disse Jacko com a cara amarrada. — Melhor do que assistir à porra da televisão.

Os dois olharam para dentro do furgão: o motorista estava gemendo, mas não parecia seriamente ferido.

— Pula para fora, vovô! — disse Jacko pela janela quebrada. O intervalo para o chá já acabou!

Aquela voz exerceu um efeito tranquilizante sobre Ron Biggins. Até então, ele estava tonto e em pânico. Não conseguia escutar direito, sentia uma dor na cabeça, e quando levou a mão ao rosto tocou em algo pegajoso.

A visão de um homem com uma máscara de meia foi curiosamente animadora. Estava tudo muito claro. Um assalto bem eficiente; Ron estava de fato impressionado com a limpeza da operação. Eles conheciam o itinerário, e o horário e o destino do furgão com o dinheiro. Começou a ficar com raiva. Sem dúvida, uma parte do resultado do assalto encontraria seu caminho em direção à conta bancária secreta de algum detetive corrupto. Como a maior parte dos que trabalhavam na polícia e na segurança, ele odiava policiais corruptos, mais do que os próprios bandidos.

O homem que o chamara de vovô abriu a porta após enfiar a mão pelo vidro estilhaçado da

janela para destravar a fechadura. Ron saltou, e o movimento avivou-lhe a dor de cabeça.

O homem era jovem. Ron podia distinguir o cabelo comprido por baixo da meia. Usava jeans e carregava uma espingarda de chumbo. Deu um empurrão em Ron e disse em tom de desprezo:

— Ponha as mãos para a frente, bem juntinhas, vovô. Você pode ir parar num hospital em um minuto.

A dor na cabeça de Ron parecia aumentar com sua raiva. Precisou dominar o impulso de dar um chute em alguma coisa e forçou-se a lembrar de como devia comportar-se durante um assalto: "Não resista, coopere com eles, entregue-lhes o dinheiro. Nós temos seguro sobre o dinheiro, sua própria vida é para nós mais valiosa, não queira ser um herói."

Ele começou a respirar com dificuldade. Em sua mente abalada, confundia o jovem que empunhava a espingarda com o detetive corrupto e com Lou Thurley, arquejante e gemendo em cima da virginal e inocente Judy, em algum imundo leito num miserável apartamento-estúdio. De repente compreendeu que era esse homem que havia arruinado a vida dele, Ron, e que talvez o que ele necessitasse para reconquistar o respeito de sua única filha era ser um herói; e que imprestáveis como esse detetive corrupto que usava uma máscara e se deitava na cama com Judy, carregando uma espingarda, era a espécie de gente que sempre destruí a vida de pessoas boas como Ron Biggins.

Então ele andou dois passos para a frente e deu um soco no nariz do espantado jovem, que cambaleou e apertou os dois gatilhos de sua arma. Os tiros não acertaram Ron, mas outro homem mascarado, que estava ao lado dele. O mascarado deu um grito e caiu. Ron ficou olhando, estatelado, para o sangue, até que o primeiro homem bateu-lhe com violência na cabeça com o cano de aço da arma, e Ron desmaiou outra vez.

Jacko ajoelhou-se ao lado do Surdo Willie e arrancou os pedaços de meia do rosto do homem mais velho. O rosto de Willie era uma visão horrorosa, e Jacko empalideceu.

Ele e os de sua espécie usualmente feriam as vítimas e uns aos outros com instrumentos de corte. Jacko jamais vira as feridas causadas por um tiro de chumbo. Como um treinamento em primeiros socorros não fazia parte do esquema de treinamento gerencial de Tony Cox, Jacko realmente não sabia o que fazer. Entretanto, ele era capaz de raciocinar rapidamente.

Levantou os olhos; os outros estavam de pé em volta, de olhos arregalados.

— Sigam em frente, seus palermas filhos das putas! — gritou-lhes Jacko.

Os homens espalharam-se.

— Pode escutar-me, companheiro? — perguntou Jacko, inclinando-se sobre Willie.

O rosto de Willie torceu-se, mas ele não pôde falar.

— Temos de levá-lo para um hospital — disse Jesse, ajoelhando-se do outro lado de Willie.

Jacko já pensara nisso.

— Preciso de um carro — disse, e apontou para um Volvo azul que estava parado perto dali.
— De quem é aquele carro?

— Pertence ao dono do depósito — disse Jesse.

— Perfeito. Ajude-me a colocar Willie nele.

Jacko pegou Willie pelos ombros e Jesse segurou-o pelas pernas. Carregaram-no para o carro e puseram-no no assento traseiro. As chaves estavam na ignição.

— Está tudo pronto, Jacko — gritou um dos homens que estava no furgão do dinheiro.

Jacko teve vontade de bater no homem por ter usado seu nome, mas estava muito preocupado para isso. Virou-se para Jesse e indagou:

— Você sabe para onde vai?

— Sim, mas você ficou de vir comigo.

— Deixe para lá. vou dar um jeito de levar Willie para um hospital e encontro-me com você na fazenda. Conte a Tony o que aconteceu. Agora, preste atenção: dirija devagar, não avance os sinais, pare nas faixas de pedestres, proceda como se estivesse fazendo um exame de motorista, certo?

— Sim — disse Jesse. Correu para o furgão em que ia fugir e testou as portas traseiras, que estavam trancadas. Arrancou o papel marrom que estava colado sobre as placas de licença do carro, para evitar que os guardas vissem seu número... Tony Cox pensava em tudo... e sentou no lugar do chofer.

Jacko saiu com o Volvo. Alguém abriu o portão do depósito. Os outros homens já estavam entrando em seus próprios carros e arrancando as máscaras e luvas. Jesse saiu no furgão e dobrou à direita. Jacko seguiu-o para fora e foi na direção oposta.

Quando acelerou o carro ao longo da rua, ele deu uma olhada em seu relógio: eram 10:27. A operação toda tinha durado 11 minutos. Tony calculara certo: segundo os cálculos dele, estariam fora dali no tempo que leva um carro de patrulha da delegacia da Vine Street até a Ilha dos Cachorros. Fora um belo serviço, exceto quanto ao pobre Surdo Willie. Jacko tinha esperança de que ele vivesse para desfrutar a sua parte.

Aproximava-se do hospital. Arquitetara um plano, mas Willie não poderia aparecer.

— Will? — exclamou ele. — Você pode deitar-se no chão? — Não houve resposta. Os olhos de Willie estavam num tal estado que palavras como "aberto" e "fechado" não faziam mais sentido. O pobre coitado, no entanto, deveria estar desacordado. Jacko virou-se para trás e derrubou o corpo do assento para o chão, onde ele caiu com uma surda pancada.

Ele entrou no pátio do hospital e estacionou no local apropriado. Saltou do carro e seguiu as tabuletas que indicavam "Acidentados". Na entrada havia um telefone público. Abriu a lista telefônica e encontrou o número do hospital.

Discou, colocou uma moeda no aparelho e pediu "Acidentados". Um telefone numa mesa perto de onde ele estava tocou duas vezes, e uma freira atendeu. Era uma mulher gorducha, de seus quarenta anos, que usava um uniforme muito bem engomado e tinha um ar preocupado. Anotou algumas palavras em um livro e depois pegou o telefone de novo.

— Entrada de acidentados. Em que posso ajudá-lo? Jacko falou calmamente, observando o rosto da irmã.

— Há um homem com ferimentos causados por uma espingarda de caça no banco traseiro de um carro Volvo azul no seu estacionamento.

A irmã empalideceu:

— Você quer dizer aqui?

— Sim, sua tonta vaca velha, em seu próprio hospital — falou Jacko irritado. — Agora mexa sua bunda, vá lá e pegue-o. — Sentiu vontade de bater com o telefone mas se conteve, e em vez disso desligou-o com delicadeza. Se podia ver a irmã, ela também o podia ver. Manteve o fone

no ouvido enquanto ela descansava o dela, levantava-se, chamava uma enfermeira e saía para o estacionamento.

Jacko caminhou pela entrada e saiu por outra porta. Ao chegar até o portão principal, olhou para o outro lado e viu uma padiola sendo carregada para o estacionamento.

Ele fizera tudo o que podia por Willie.

Agora precisava de outro carro.

Felix Laski gostava do escritório de Nathaniel Fett. Era uma sala confortável, com uma decoração discreta, um bom lugar para tratar de negócios. Não tinha nenhum dos truques que Laski usava em seu próprio escritório para trazer-lhe vantagem, como uma escrivãzinha em frente à janela, de forma que seu próprio rosto ficasse na sombra, ou as cadeiras para visitas baixas e pouco firmes, ou as xícaras de café de porcelana caríssima que as pessoas tinham medo de deixar cair. O escritório de Fett tinha a atmosfera de um clube para presidentes de companhias — aquilo, sem dúvida, era deliberado. Laski notou duas coisas enquanto apertava a comprida e estreita mão de Fett: primeira, que havia uma grande mesa, aparentemente pouco usada e, segunda, que Fett usava uma gravata de clube. A gravata era uma escolha curiosa para um judeu, refletiu ele. Depois, pensando melhor, decidiu que nada tinha de curioso. Fett usava-a pela mesma razão que Laski usava um terno de listras fininhas, magistralmente cortado por um alfaiate de Saville Row: como um distintivo que dizia: "Eu também sou um inglês." Então, pensou Laski, mesmo depois de seis gerações de banqueiros Fett, Nathaniel ainda se sente um pouco inseguro. Isso era uma informação que poderia ser de utilidade.

— Sente-se, Laski — disse Fett. — Aceita um café?

— Bebo café o dia inteiro. Faz mal ao coração. Não, obrigado.

— Um drinque?

Laski sacudiu a cabeça negativamente. Recusar hospitalidade era uma das maneiras que ele tinha de colocar o dono da casa em posição de desvantagem.

— Conheci muito bem seu pai, até que ele se aposentou — comentou Laski. — A morte dele foi uma pena. Diz-se isso de muita gente, mas no caso dele é a verdade.

— Obrigado. — Fett sentou-se na poltrona em frente a Laski e cruzou as pernas. Seus olhos eram inescrutáveis por trás dos óculos.

— Foi há dez anos — esclareceu ele.

— Já faz tanto tempo? Ele era muito mais velho do que eu, naturalmente, mas sabia que eu, como os ancestrais dele, viera de Varsóvia.

Fett assentiu com a cabeça.

— O primeiro Nathaniel Fett atravessou a Europa com um saco de ouro e um burro.

— Fiz a mesma jornada numa motocicleta roubada de um nazista e uma mala recheada de Reichmarks sem valor.

— No entanto sua ascensão foi muito mais meteórica.

Era um revide, compreendeu Laski: Fett estava dizendo: "Nós podemos ser judeus poloneses arrivistas mas não a metade tão arrivistas quanto você." O corretor da bolsa era páreo para Laski nesse jogo, e com aqueles óculos para esconder sua expressão ele não necessitava da luz por trás

dele.

— Você é como seu pai; a gente nunca sabia o que ele estava pensando — disse Laski, com um sorriso.

— Você não me deu nada sobre que pensar.

— Ah! — Então a conversa fiada terminou, pensou Laski. — Desculpe se meu telefonema foi um pouco misterioso. Foi gentileza de sua parte receber-me tão rápido.

— Você disse que tinha uma proposta de sete algarismos para oferecer a um de meus clientes: como poderia eu deixar de vê-lo? Aceita um charuto? — Fett levantou-se e apresentou-lhe uma caixa que estava numa mesa lateral.

— Obrigado — agradeceu Laski, e demorou um pouco demais para fazer sua escolha. Após pegar um charuto, disse: — Quero comprar a Hamilton Holdings de Derek Hamilton.

A cronometragem fora perfeita, mas Fett não demonstrou o mínimo sinal de surpresa. Laski estava esperando que ele pudesse deixar cair a caixa. Entretanto, Fett percebera que Laski iria escolher aquele momento para deixar cair a bomba — ele criara o momento exatamente para essa finalidade.

Fett fechou a caixa e deu um fósforo aceso a Laski, sem dizer nada. Sentou-se de novo e cruzou as pernas. — A Hamilton Holdings, por sete algarismos.

— Exatamente um milhão de libras. Quando um homem vende o trabalho de sua vida inteira, tem direito a um belo número redondo.

— Oh, eu vejo a psicologia de sua tática de aproximação — disse Fett, rapidamente. — Isso não é de todo inesperado.

— O quê?

— Não quero dizer que esperávamos você. Esperávamos alguém. A coisa está amadurecida.

— Esta proposta é substancialmente maior do que o valor das ações aos preços correntes do mercado.

— A margem está mais ou menos certa — disse Fett.

Laski abriu os braços, as mãos com as palmas voltadas para cima, num gesto de apelo.

— Não vamos esgrimir — disse ele. — É uma oferta alta.

— Representa menos, porém, do que as ações valerão se o sindicato de Derek ganhar a concessão do poço de petróleo.

— O que traz à baila minha única condição: a oferta depende do negócio ser feito esta manhã.

Fett olhou para seu relógio.

— São quase onze horas. Você realmente pensa que isso poderia ser feito... mesmo supondo que Derek esteja interessado... em uma hora?

— Tenho todos os documentos preparados — falou Laski, batendo na sua pasta.

— Mas seria impossível lê-los em tão pouco tempo...

— Tenho também uma carta de intenções contendo os pontos cruciais do contrato. Isto será satisfatório para mim.

— Eu deveria ter adivinhado que você estaria preparado. — Fett ficou pensando por um

momento. — Claro que, se Derek não ganhar a concessão do poço de petróleo, as ações apresentarão uma brusca queda.

— Eu sou um jogador — sorriu Laski.

— Se isso ocorrer, você venderá os ativos da companhia e fechará as subsidiárias não lucrativas.

— De forma alguma — mentiu Laski. — Acho que o grupo poderia ser rentável em sua forma atual com uma nova gerência de cúpula.

— Talvez você esteja certo. Bem, é uma oferta apreciável; uma oferta que sou obrigado a apresentar ao cliente.

— Não banque o difícil de se convencer. Pense na comissão sobre um milhão de libras.

— Sim — disse Fett friamente. — vou telefonar para Derek. Pegou o telefone de uma mesinha lateral e disse: — Derek Hamilton, por favor.

Laski fumava o charuto e escondia sua ansiedade. — Derek aqui é Nathaniel. Felix Laski está aqui comigo. Ele fez uma oferta. — Houve uma pausa. — Sim, nós falamos sobre isso não. Só Um milhão em números redondos. Você poderia... muito bem. Estaremos aqui. O quê? Ah!... entendo. — Ele deu um risinho ligeiramente embaraçado.

— Dez minutos. — Desligou o telefone. — Bem, Laski, ele está vindo para cá. Vamos dar uma lida nesses seus documentos enquanto o aguardamos.

— Ele está interessado, então? — perguntou Laski, curioso.

— Poderia estar..

— Ele disse algo mais, não disse?

Fett teve de novo o mesmo riso embaraçado.

— Suponho que não há problema em contar-lhe. Ele disse que se lhe entregar sua companhia ao meio-dia, ele quer seu dinheiro na mão às doze horas.

Kevin Hart encontrou o endereço que o pessoal da redação de notícias lhe fornecera e estacionou numa faixa amarela. Seu carro era um Rover de dois anos de uso, com um motor V-8. Ele era solteiro, e, Evening Post pagava salários da Fleet Street, onde se encontram instalados os maiores jornais da cidade, de forma que tinha um elevado padrão de vida, muito melhor do que a maioria dos jovens de 22 anos. Ele sabia disso, ficava satisfeito, e não tinha idade suficiente para esconder discretamente seu contentamento, o que fazia com que homens como Arthur Cole não gostassem dele.

Arthur mostrara-se muito rabugento ao sair da reunião com o editor. Sentou-se atrás da mesa na sala de notícias e distribuiu um love de tarefas, como usualmente; depois chamou Kevin, pediu-lhe que se sentasse ao seu lado, o que era um sinal certo que ele ia passar-lhe o que os repórteres chamavam de um "sabão".

Arthur surpreendeu-o por falar, não sobre a forma como ele invadira a reunião, mas sobre a história.

— Como era a voz? — perguntou-lhe.

— A de um homem de meia-idade, com um sotaque dos Home Counties, — falou Kevin. — Parecia estar escolhendo as palavras, talvez com um pouco de excesso de cuidado; poderia estar bêbado ou perturbado

— Esta não foi a voz que ouvi esta manhã — comentou Arthur.

— Pela manhã era uma voz mais jovem, e cockney. O que lhe disse seu interlocutor?

— Eu sou Tim Fitzpeterson, e estou sendo chantageado por dois sujeitos chamados Laski e Cox. Quero que vocês crucifiquem os filhos das putas quando eu tiver desaparecido — respondeu Kevin, após recorrer a seu registro taquigráfico.

— Só isso? — indagou Arthur, com um menear de cabeça manifestando descrédito.

— Bem, perguntei com o que o estavam chantageando, e ele disse: "Vocês são todos iguais!", e arriou o fone bruscamente. — Kevin fez uma pausa, esperando uma censura.

— Aquela foi uma pergunta errada?

— Foi, mas não posso imaginar qual seria a pergunta certa — falou Arthur, após encolher os ombros. Ele pegou o telefone e discou um número, depois passou o fone para Kevin. — Pergunte-lhe se ele telefonou para nós na última meia hora.

Kevin escutou por um momento e depois descansou o fone.

— Sinal de ocupado.

— Nada feito — Arthur bateu nos bolsos, à procura dos cigarros.

— Você está deixando de fumar — lembrou Kevin, reconhecendo os sinais.

— Estou mesmo — concordou Arthur, começando a roer as unhas. — Veja você: a maior arma de um chantagista em cima de um político é a ameaça de ir para os jornais.

Consequentemente, os chantagistas não iriam telefonar-nos e dar-nos a história, o que equivaleria a jogar fora seu maior trunfo. Pela mesma razão, sendo os jornais o que a vítima teme, ela não nos telefonaria para dizer que estava sendo chantageada. — com o ar de alguém que chegou a uma conclusão, ele completou: — É por isto que considero tudo isso um logro.

Kevin entendeu que aquilo era uma despedida. Levantou-se e disse:

— Vou voltar para aquela história do petróleo.

— Não — disse Arthur. — Você precisa verificar esta história. É melhor dar um pulo até lá e bater à porta.

— Oh! Ótimo.

— Mas da próxima vez que pensar em interromper uma reunião, sente-se e conte primeiro até cem...

Kevin não pôde evitar um risinho:

— Claro.

Quanto mais, porém, ele pensava sobre o caso, menos acreditava que a história tivesse veracidade. No carro, tentou lembrar-se do que sabia sobre Tim Fitzpeterson.

O homem era um moderado de pouca projeção. Era formado em economia e com reputação de pessoa inteligente, mas não parecia ser alguém esperto ou de imaginação para fornecer a chantagistas uma boa matéria-prima. Kevin lembrava-se de uma fotografia de Fitzpeterson numa praia espanhola com a família — uma esposa sem graça e três filhas sem graça. Na foto, o político usava uma bermuda caqui horrorosa.

À primeira vista a fachada do edifício onde Kevin se encontrava parecia um improvável "ninho de amor". Fazia parte de um quarteirão cinza sujo dos anos trinta, numa distante rua de Westminster. Se não ficasse tão próximo do Parlamento, já teria virado um cortiço. Quando Kevin entrou, viu que os senhores haviam melhorado o lugar com a instalação de um elevador e um porteiro na entrada; sem dúvida, consideravam aquilo ali como apartamentos com serviço de luxo. Seria impossível, pensou ele, manter uma esposa e três filhas neste lugar; ou, pelo menos, um homem como Fitzpeterson deveria achá-lo impossível. Seguiu-se, pois, que o apartamento deveria ser umpiedà-terre, onde Fitzpeterson poderia, afinal, promover orgias homossexuais ou sessões de tóxicos.

Pare de especular, disse para si mesmo; você saberá de tudo em um minuto.

Não teve como evitar o porteiro. O cubículo dele ficava em frente do elevador, do outro lado de um exíguo vestibulo. Um homem de feições cadavéricas, com um rosto branco e encovado, parecia acorrentado àquela mesa e de nunca lhe ter sido permitido ver a luz do dia. Quando Kevin aproximou-se, o homem arriou na mesa um livro intitulado Como Fazer o seu Segundo Milhão e retirou os óculos.

Kevin apontou para o livro e comentou:

— Eu gostaria de saber como fazer o primeiro.

— Nove — disse o porteiro, com uma voz paciente e entediada.

— O quê?

— O senhor é a nona pessoa que diz isso.

— Oh, desculpe.

— Então o senhor me pergunta por que o estou lendo e eu lhe digo que um residente me emprestou, e o senhor diz que gostaria de ser amigo daquele residente. Agora que já esgotamos todo este assunto, o que posso fazer pelo senhor?

Kevin sabia como lidar com sujeitos espertinhos e perguntou:

— Em que apartamento está o Sr. Fitzpeterson?

— Vou avisá-lo pelo interfone que o senhor está aqui. — O porteiro avançou a mão para o aparelho.

— Espere um momento. — Kevin puxou a carteira e tirou duas notas. — Eu gostaria de surpreendê-lo. — Piscou um olho e colocou o dinheiro no balcão.

O homem pegou o dinheiro e disse alto:

— Certamente, senhor, uma vez que é irmão dele. Cinco C.

— Obrigado. — Kevin caminhou até o elevador e apertou o botão.

— A piscadela de cumplicidade surtira mais efeito do que a propina, pensou. Entrou no elevador, apertou o botão para o quinto andar e depois manteve a porta aberta.

O porteiro estava agarrando o interfone, e Kevin disse: — Uma surpresa, lembra-se? — Sem responder, o porteiro pegou de novo o livro.

O elevador subiu dando estalinhos. Kevin sentiu uma familiar sensação de que algo iria acontecer. Sempre acontecia quando ele ia bater numa porta à procura de uma história. A sensação não era desagradável, mas invariavelmente misturada com um traço de preocupação caso não desse certo.

O último andar era decorado com um simples tapete pouco espesso, de náilon, e algumas aquarelas desbotadas, sem gosto, mas inofensivas. Havia quatro apartamentos, cada um deles com uma campainha, uma caixa de correspondência e uma vigia na porta. Kevin encontrou o 5C, respirou fundo, e tocou a campainha.

Não obteve resposta. Após um intervalo, tocou de novo e depois encostou o ouvido na porta para escutar. Nada podia ouvir. A tensão que o dominava esvaneceu-se, deixando-o um pouco deprimido.

Indeciso sobre o que fazer, atravessou a entrada do andar até uma pequena janela e olhou para fora. Do outro lado da rua havia uma escola. Uma turma de meninas jogava netball no pátio de recreio. De onde estava, Kevin não podia dizer se possuíam idade suficiente para sentir por elas qualquer desejo sexual.

Voltou para a porta de Fitzpeterson e descansou a mão na campainha. O barulho do elevador que chegava no andar fê-lo dar um pulo. Se fosse um vizinho, talvez ele pudesse perguntar..

A vista de um alto e jovem policial saindo do elevador perturbou-o. Sentiu-se culpado, mas para surpresa sua o policial cumprimentou-o.

— O senhor deve ser o irmão do morador — disse ele.

— Quem lhe disse isto? — indagou Kevin, após pensar rápido.

— O porteiro...

Kevin logo assediou-o com outra pergunta.

— E por que está aqui?

— Só para ver se ele está bem. Ele não apareceu para uma reunião esta manhã, e o telefone dele está fora do gancho. Eles deveriam ter guarda-costas, esses ministros, você sabe, mas não querem. — Olhou para a porta. — Nenhuma resposta?

— Não.

— Alguma razão, que o senhor saiba, que ele possa estar... bem, doente? Perturbado? Que tenha sido chamado a algum lugar?

— Bem, ele telefonou-me esta manhã e parecia perturbado — disse Kevin. — Foi por isso que vim. — O jogo de que estava participando era muito perigoso, sabia disso; mas ainda não havia mentido e, de qualquer maneira, era muito tarde para recuar.

— Talvez devêssemos pegar a chave com o porteiro — sugeriu o policial.

Kevin não queria aquilo e disse:

— Será que não deveríamos arrombar a porta? Meu Deus, e se ele estiver doente aí dentro?

O policial era jovem e inexperiente, e a perspectiva de arrombar uma porta parecia agradar a ele, que disse:

— Será que poderia ser assim coisa tão séria, o senhor acha?

— Quem sabe? Por causa de uma porcaria de uma porta... os Fitzpetersons não são uma família pobre.

— Não são, não, senhor. — Ele não precisava de mais encorajamento. Meteu o ombro na porta para experimentá-la. — Um bom empurrão..

Kevin aproximou-se dele e forçaram a porta juntos. Fizeram mais barulho do que força.

— No cinema não é assim... — comentou Kevin, depois mordeu o lábio: a observação era inapropriada e frívola.

O policial fingiu não notar e disse:

— Outra vez.

Desta vez, ambos empenharam todo o peso contra a porta. O batente rachou e a parte da fechadura presa nele soltou-se e caiu no chão ao abrir-se a porta com violência.

Kevin deixou o policial entrar na frente.

— Não há cheiro de gás — comentou o policial quando Kevin entrava no vestibulo.

— Estes apartamentos não possuem encanamento para gás — disse Kevin, de palpite.

Havia três portas que davam para a pequena entrada. A primeira comunicava com um diminuto banheiro onde Kevin viu uma fileira de escovas de dente e um espelho de corpo inteiro. A segunda estava aberta, revelando uma cozinha que dava a impressão que havia sido recém-revistada. Os dois passaram pela terceira porta e logo viram Fitzpeterson.

Estava sentado numa cadeira de espaldar reto, com a cabeça apoiada nos braços sobre a mesa, como se houvesse caído no sono enquanto trabalhava. Em cima da mesa, no entanto, não havia nenhum trabalho, apenas o telefone, um copo e um pequeno vidro marrom, com uma tampa branca e um rótulo branco com algo escrito a mão — da espécie que os farmacêuticos usam como embalagem de comprimidos para dormir.

Com toda sua juventude, o policial agiu elogiavelmente rápido.

— Sr. Fitzpeterson, senhor! — disse ele, em voz bem alta. Sem fazer uma pausa, cruzou a sala e enfiou a mão dentro do robe para sentir o coração do homem caído.

Kevin ficou estático por um momento. Por fim o policial disse: — Ainda está vivo. — O jovem guarda pareceu assumir o comando. Fez um sinal a Kevin para chegar perto de Fitzpeterson. — Fale com ele! — disse, e depois pegou um rádio portátil de seu bolso da túnica e

se comunicou com seu superior.

Kevin sacudiu o ombro do político. O corpo parecia curiosamente inerte debaixo do robe.

— Acorde! Acorde! — disse ele.

O policial acabou a comunicação pelo rádio e aproximou-se deles.

— A ambulância estará aqui num minuto. Vamos fazê-lo andar... Cada um segurou-o pelo braço e tentou fazer o homem inconsciente andar.

— É isto o que se deve fazer? — indagou Kevin.

— Suponho que sim.

— Gostaria de ter prestado mais atenção a minhas aulas de primeiros socorros.

— E eu também.

Kevin estava se coçando para chegar a um telefone. Podia ver as manchetes: "SALVA A VIDA DO MINISTRO". Ele não era um jovem sem escrúpulos, mas há muito tempo sabia que a história que fizesse seu nome provavelmente seria uma tragédia de outra pessoa. Agora que a oportunidade surgira, queria usá-la antes que ela lhe escapasse por entre os dedos. Torceu para que a ambulância chegasse logo.

Fitzpeterson não demonstrou nenhuma reação ao ser carregado pelos dois.

— Fale com ele, diga-lhe quem você é — pediu o policial. A coisa estava engrossando. Kevin engoliu em seco e disse:

— Tim, sou eu, Tim!

— Diga-lhe seu nome.

Kevin foi salvo pela chegada da ambulância na rua. Gritou por causa do ruído da sirena.

— Vamos levá-lo ao elevador, depressa!

Os dois arrastaram o corpo inerte através da porta. Enquanto esperavam pelo elevador, o policial auscultou o coração de Fitzpeterson de novo.

— Que merda, não posso sentir mais nada! — disse ele.

O elevador chegou, e os dois homens da ambulância saíram dele.

— Dose excessiva? — indagou o mais velho, após uma rápida olhada.

— Sim — disse o policial.

— Nada de padiola, então, Bill. Mantenha-o de pé.

— Deseja ir com ele? — perguntou o policial a Kevin. Era a última coisa que Kevin desejava fazer.

— Devo ficar por aqui e usar o telefone — respondeu ele.

Os homens da ambulância estavam no elevador, amparando o corpo de Fitzpeterson entre eles.

— Vamos embora — disse o mais velho, e apertou o botão. O policial tirou de novo o rádio, e Kevin voltou ao apartamento.

O telefone estava em cima da mesa, mas ele não queria que o tira escutasse; talvez houvesse uma extensão no quarto.

Atravessou a sala e entrou no quarto. Havia um Trimphone numa pequena mesinha-de-cabeceira. Ele discou para o Post.

— Ligue-me com a redação de notícias... Aqui é Kevin Hart. O ministro do governo, Tim Fitzpeterson, foi mandado às pressas para o hospital depois de uma tentativa de suicídio, ponto parágrafo. Descobri o corpo do principal perito em petróleo do Ministério da Energia em estado de coma depois que ele me disse, vírgula, num telefonema histérico, vírgula, que estava sendo chantageado, ponto, parágrafo. O ministro... — A voz de Kevin falhou.

— Você ainda está ao telefone? — O repórter que estava recebendo a notícia perguntou.

Kevin ficou em silêncio. Acabara de notar as manchas de sangue nos lençóis amassados ao lado dele e sentiu-se mal.

— O que ganho com meu trabalho? Derek Hamilton vinha fazendo esta pergunta para si mesmo toda a manhã enquanto o efeito dos remédios desaparecia e a dor da úlcera se tornava mais aguda e mais frequente. Como a dor, a pergunta aflorava nos momentos de tensão.

Hamilton começara a manhã mal, numa reunião com um diretor de finanças, que apresentara uma proposta para um programa de redução de despesas equivalente ao fechamento de metade de toda a operação do grupo. O plano não servia — ele ajudaria o fluxo de caixa mas arrasaria com a lucratividade — porém Hamilton não podia ver outras alternativas, e o dilema deixara-o zangado. Gritara com o contador: "Eu lhe peço soluções, e você me diz para eu fechar o maldito negócio!" Um tal comportamento com relação a uma pessoa da administração superior era completamente intolerável, ele sabia. O homem certamente pediria demissão e talvez não pudesse ser dissuadido.

Então sua secretária, uma elegante mulher casada na qual não se podia dar palmadinhas e que falava três línguas, incomodara-o com uma lista de coisas triviais, e ele gritara com ela também. Sendo quem ela era, provavelmente pensou que fazia parte de seu trabalho aguentar aquela espécie de tratamento indelicado, mas isso não era uma desculpa, pensou ele.

E cada vez que se amaldiçoava, a seus auxiliares e a sua úlcera, ele acabava se perguntando: "Que diabos estou fazendo aqui?"

Examinou diversas respostas possíveis enquanto o carro o transportava na pequena distância entre o escritório dele e o de Nathaniel Feit. O dinheiro como um incentivo não podia ser ignorado tão facilmente quanto ele às vezes pretendia. Era verdade que ele e Ellen podiam viver confortavelmente com seu capital ou até mesmo com os juros de seu capital. Os sonhos dele, porém, ultrapassavam uma vida confortável. Um sucesso real nos negócios significaria um iate de um milhão de libras, uma casa de campo em Cannes, uma reserva de caça de tetraz e a oportunidade de comprar os Picasso de que gostava em vez de apenas olhar suas reproduções em lustrosos álbuns.

Esses eram seus sonhos, ou tais tinham sido — agora provavelmente era tarde demais. A Hamilton Holdings não produziria lucros sensacionais durante sua vida.

Quando jovem, ele almejava poder e prestígio, supunha. Nisso, havia falhado. Não havia prestígio em ser presidente de uma companhia em crise, independente de seu porte, e seu poder tornara-se decorativo pelas restrições dos contadores.

Não estava certo do que as pessoas queriam dizer quando falavam acerca de satisfação no trabalho. Era uma expressão curiosa, trazendo à mente o quadro de um artesão fazendo uma

mesa de uma peça de madeira, ou um fazendeiro levando o rebanho de gordas ovelhas para o mercado. Nos negócios não era assim; mesmo que uma pessoa fosse moderadamente bem-sucedida, haveria sempre novas frustrações. E para Hamilton não havia outra coisa senão negócios. Mesmo que o desejasse, não possuía habilidade para fazer uma mesa ou para criar ovelhas, escrever livros didáticos ou projetar quarteirões para edifícios de escritórios.

Pensou de novo sobre os filhos. Ellen estivera certa: nenhum deles estava contando com a herança. Se lhes pedisse seus conselhos, decerto diriam: "O dinheiro é seu: gaste-o!" De qualquer forma, era uma coisa que ia contra seus instintos abrir mão do negócio que enriquecera sua família. Talvez, pensou, eu deva desobedecer a meu instinto, segui-lo não me fez feliz.

Pela primeira vez ele considerou o que faria se não tivesse que ir ao escritório. Não se interessava pela vidinha do lugarejo; ir até o pub com um cão pela coleira como fazia seu vizinho, o coronel Quinton, aborreceria Hamilton. Não se interessaria pelos jornais — hoje em dia só lia as páginas de negócios e se não os tivesse mais, mesmo estas seriam inúteis. Gostava de seu jardim, mas não podia conceber-se o dia inteiro arrancando ervas daninhas e adubando a terra com um ancinho. Quais eram as coisas que costumávamos fazer quando éramos jovens? Numa visão retrospectiva, parecia-lhe que ele e Ellen tinham passado um enorme tempo sem fazer absolutamente nada. Davam longos passeios em seu carro esporte de dois lugares, às vezes se encontrando com amigos para um piquenique. Por quê? Por que meter-se num carro, ir para muito longe, comer sanduíches e voltar? Tinham ido a shows e a restaurantes, mas isso à noite. No entanto, sempre parecia haver muito poucos dias livres para eles passarem juntos.

Bem, poderia ter chegado a hora para ele e Ellen começarem a redescobrir um ao outro. E um milhão de libras podia comprar alguns de seus sonhos. Os dois poderiam ter uma casa de campo — talvez não em Cannes mas em algum lugar no Sul. Ele poderia comprar um iate grande o suficiente para navegar no Mediterrâneo e pequeno o bastante para ele próprio pilotá-lo. A reserva de caça de tetrax estava fora de cogitação, mas poderia haver dinheiro para um ou dois quadros decentes.

Esse sujeito, Laski, estava comprando uma dor de cabeça; de qualquer forma, dores de cabeça pareciam ser a especialidade dele. Hamilton sabia pouca coisa a seu respeito.

O homem não tinha antecedentes, não tinha educação, não tinha família, mas possuía cabeça e dinheiro, e em tempos difíceis isso contava mais do que boas maneiras.

Talvez Laski e a Hamilton Holdings merecessem um ao outro.

Fora uma coisa estranha o que Hamilton dissera a Nathaniel Fett: "Diga a Laski que se eu vender minha companhia a ele ao meio-dia, quero o dinheiro na minha mão às doze horas..." Que excêntrico! Pedir por dinheiro na mão como o proprietário de uma loja de bebidas em Glasgow. Mas ele sabia por que o fizera: o efeito daquilo era tirar a decisão das mãos dele. Se Laski pudesse conseguir o dinheiro, o negócio estava feito; caso contrário, não. Incapaz de decidir-se, Hamilton jogara uma moeda para tirar cara ou coroa.

De repente ele esperava fervorosamente que Laski pudesse levantar o dinheiro. Derek Hamilton jamais queria voltar para o escritório.

O carro estacionou em frente ao escritório de Fett, e ele desembarcou.

A VANTAGEM DE SER um "bisbilhoteiro" — Bertie Chieseman descobrira — era que ele podia fazer quase qualquer coisa enquanto escutava o rádio da polícia. E a tragédia da coisa era, do seu ponto de vista, que não havia muito o que ele desejasse fazer.

Esta manhã ele já havia varrido o tapete — um processo de levantar poeira para ela cair de

novo pouco depois — enquanto as ondas hertzianas estavam cheias com mensagens inexpressivas sobre o tráfego na Estrada Velha de Kent. Ele também havia-se barbeado na pia que ficava num canto, usando um aparelho de barbear e água quente do aquecedor Ascot; e fritara um único pedaço de bacon, para o seu desjejum, no fogão que ficava no mesmo cómodo. Ele comia muito pouco.

Chamara o Evening Post apenas uma vez desde seu primeiro relatório às oito da manhã, para dar-lhes uma dica acerca de uma chamada de ambulância para um edifício de apartamentos em Westminster. O nome do paciente não fora mencionado no rádio, mas Bertie tinha feito a suposição pelo endereço que poderia, eventualmente, ser alguém importante. Ficava a cargo da mesa de notícias do jornal telefonar para a central das ambulâncias e perguntar o nome; e se houvessem dito ao quartel-general, este passaria a informação adiante. Muitas vezes o pessoal das ambulâncias não apresentava seu relatório até a chegada do paciente ao hospital. Bertie, ocasionalmente, conversava com repórteres e sempre lhes perguntava como eles usavam as informações que ele lhes passava e transformavam-nas em artigos de notícias. Ele estava muito bem informado acerca de mecânica do jornalismo.

À parte aquilo e os problemas de tráfego só havia acontecido roubos de lojas, vandalismos de pouca monta, dois acidentes, uma pequena demonstração em Downing Street e um mistério.

O mistério fora em East London, e isso era mais ou menos tudo o que Bertie sabia. Ele havia escutado um alerta para todos os carros, mas a mensagem que se seguira não trouxera nenhuma informação: fora recomendado aos carros que procurassem um furgão azul simples com um certo número de placa de licença. Ele poderia simplesmente ter sido assaltado com uma carga de cigarros ou estar sendo dirigido por alguém que a polícia desejava interrogar, ou estar envolvido num caso de roubo. A palavra "Obadiah" fora usada; Bertie não sabia por quê... Imediatamente após o alerta, três carros haviam sido destacados de sua patrulha regular à procura do furgão. Isto pouco significava. O barulho todo poderia ser sobre coisa nenhuma — talvez até a esposa fujona de algum inspetor da Esquadra Móvel. Bertie sabia de um caso onde isso acontecera. Por outro lado, poderia ser coisa grande; ele aguardava mais informações.

A senhoria chegou enquanto ele estava limpando sua frigideira com água quente e um esfregão. Ele secou as mãos em seu suéter e foi procurar o livro de registro de aluguel. A Sra. Keeney, que usava um avental e tinha rolos na cabeça, olhava com admiração para o equipamento de rádio, embora ela o visse todas as semanas.

Bertie deu-lhe o dinheiro, e ela assinou o livro; depois entregou-lhe uma carta.

— Não sei por que você não ouve música bonita — disse ela. Ele sorriu. Não lhe dissera para que finalidade usava o rádio, pois era ilegal escutar a frequência da polícia.

— Não gosto muito de música — respondeu.

Ela sacudiu a cabeça resignadamente e saiu. Bertie abriu a carta: era seu cheque mensal do Evening Post. Ele tivera umbommês: o cheque era de quinhentas libras.

Bertie não pagava impostos e tinha dificuldade em gastar todo o dinheiro. O serviço compelia-o a viver com simplicidade. Passava as tardes sempre em pubs, e nos domingos saía de carro, seu único luxo: um Ford Capri novinho em folha. Ia a todos os lugares como um turista; já estivera na Catedral de Canterbury, no Castelo de Windsor, em Beaulieu, St. Albans, Bath, Oxford; visitara áreas de safari, belas residências, velhos monumentos, cidades históricas, pistas de corrida e parques de diversões de feiras de exposições, tudo com igual satisfação. Nunca possuía tanto dinheiro na vida. Tinha o bastante para comprar tudo o que desejava e ainda

sobrava um pouco para economizar.

Colocou o cheque numa gaveta e terminou de limpar a frigideira. Quando a estava guardando, o rádio deu alguns estalos, e um sexto sentido lhe disse para escutar com cuidado. "É isto mesmo: um Bedford azul de seis rodas. Alfa, Charlie, Londres, Dois, Zero, Três, Mãe. Se ele tem o quê? Marcas que o distingam? Sim. Se você olhar do lado interno notará que ele possui uma característica muito pouco usual: seis grandes caixas de notas do Banco da Inglaterra usadas...

Bertie franziu a testa. O operador de rádio da Central estava sendo engraçadinho, obviamente; mas o que ele disse dava a entender que o furgão desaparecido carregava uma grande soma de dinheiro. Essa espécie de furgão não desaparecia por acaso. Deveria ter sido raptado.

Bertie sentou-se à sua mesa e pegou o telefone.

Felix Laski e Nathaniel Fett levantaram-se quando Derek Hamilton entrou na sala. Laski, o futuro comprador, e Hamilton, o vendedor, apertaram-se as mãos rapidamente, como boxeadores antes de uma luta. Laski verificou aturdido que ele e Hamilton estavam usando ternos idênticos: azul-escuro, com uma listrinha fina. Usavam até o mesmo tipo de jaquetão de seis botões. O volumoso corpo de Hamilton, no entanto, tirava toda a elegância que o terno tinha. Nele, a mais bela roupa pareceria um pedaço de pano enrolado em volta de uma gelatina. Laski sabia, sem olhar num espelho, que sua própria roupa parecia ser muito mais cara.

Disse a si mesmo para não se sentir superior. Uma atitude errada poderia arruinar uma negociação.

— Prazer em revê-lo, Hamilton — disse ele. Hamilton cumprimentou-o com a cabeça e respondeu:

— Como vai, Sr. Laski? — A cadeira gemeu quando ele se sentou. O uso do "senhor" não escapou a Laski. Hamilton só usaria o sobrenome sem nenhum adorno com pessoas de sua classe.

Laski cruzou as pernas e esperou que Fett, o corretor, abrisse as negociações. Ficou estudando Hamilton com o canto dos olhos. O homem poderia ter sido elegante em sua mocidade, concluiu. Tinha a testa ampla, o nariz reto e expressivos olhos azuis. Neste momento ele parecia relaxado, com as mãos dobradas sobre o ventre.

Laski pensou: ele já tomou uma resolução.

Fett começou sua exposição:

— Apenas por uma questão de registro: Derek possui 510 mil ações da Hamilton Holdings Limitada, uma companhia de direito público; outras 490 mil são propriedade de várias pessoas, e não há ações não emitidas. Sr. Laski: o senhor deseja comprar essas 510 mil ações pela soma de um milhão de libras, sob a condição de que o instrumento de venda seja datado de hoje e assinado até o meio-dia.

— Ou que uma carta de intenções seja datada de hoje e assinada

— Isso mesmo.

Laski calou-se enquanto Fett continuava a enunciar as formalidades num seco monólogo. Passou-lhe pela mente que Hamilton merecia perder a esposa. Uma mulher tão vivaz e altamente sexual como Ellen tinha direito a uma vida amorosa integral; seu marido não tinha o direito de deixar-se envelhecer daquela forma.

Aqui estou eu, pensou ele, roubando a esposa do homem e tirando dele o trabalho de sua vida, e ainda assim ele pode fazer-me sentir embaraçado chamando-me de "senhor".

— Como entendo — concluiu Fett — o negócio pode ser fechado exatamente como o Sr. Laski o delineou. Os documentos são satisfatórios. Resta apenas a questão maior, a saber: se, e em que condições, Derek venderá. — Ele recostou-se na cadeira com o ar de quem completou um ritual.

Hamilton olhou para Laski.

— Quais são seus planos para o grupo? — perguntou ele. Laski engoliu um suspiro. Não havia razão para nenhuma espécie de interrogatório. Tinha toda a liberdade de dizer a Hamilton um monte de mentiras. E foi o que fez.

— O primeiro passo será uma grande injeção de capital — disse ele. — Depois uma melhoria nos serviços gerenciais, uma sacudidela no nível superior das companhias operadoras, e alguma correção nos setores cuja performance é má. — Nada poderia estar mais longe da verdade, mas se Hamilton desejava ler o enredo deste o começo, Laski estava feliz em satisfazê-lo.

— O senhor escolheu um momento crucial para fazer sua oferta.

— Realmente não — disse Laski. — Se o poço de petróleo vier para a companhia, será um bônus. O que estou comprando é um grupo fundamentalmente forte que está passando por uma fase ruim. Farei com que ele se torne lucrativo sem interferir com sua infra-estrutura. Este é o meu talento particular. — Sorriu de modo constrangedor.

Apesar de minha reputação, estou interessado em dirigir indústrias de verdade, não em negociar com ações. — Ele percebeu um olhar hostil de Fett: o corretor sabia que ele estava mentindo.

— Então por que o prazo fatal de meio-dia? — perguntou.

— Acho que o preço das ações da Hamilton vão subir irracionalmente se a companhia ganhar a concessão. Esta poderia ser minha última oportunidade de comprar por um preço sensato.

— Muito justo — disse Hamilton, tomando a iniciativa de Fett.

— Eu também, de minha parte, tenho um prazo fatal. Como se sente a este respeito?

— Inteiramente satisfeito — mentiu Laski. Na verdade ele lutava com uma desesperada preocupação. O desejo de Hamilton de ver o dinheiro "na mão" na hora em que o negócio fosse assinado era inesperado. Laski planejava pagar um sinal naquele dia e o restante quando da troca dos contratos finais. Entretanto, embora a estipulação de Hamilton fosse excêntrica, era perfeitamente razoável. Tão logo a carta fosse assinada, Laski tinha poder para negociar as ações, quer vendendo-as, quer utilizando-as para levantar um empréstimo. Ele planejava usar as ações — com seus preços inflados pelo poço de petróleo — para levantar o dinheiro a fim de pagar pela sua compra.

Caíra, porém, na armadilha que ele mesmo cavara. Tentara Hamilton com um negócio rápido e o velho tinha-se atirado a ele bem demais. Laski não sabia o que fazer, pois não tinha um milhão de libras — teria que raspar o fundo do cofre para conseguir o depósito de cem mil. Mas sabia muito bem o que ele não iria fazer: não iria deixar aquele negócio fugir-lhe por entre os dedos.

— Inteiramente satisfeito — repetiu ele.

— Derek, talvez agora seja a hora de você e eu trocarmos algumas palavras em particular...
— interveio Fett.

— Não vejo por quê — interrompeu Hamilton. — A não ser que você esteja pensando em dizer-me que este negócio está cheio de ciladas?

— De forma alguma!

— Neste caso — Hamilton virou-se para Laski — eu aceito. Laski levantou-se e apertou a mão de Hamilton. O homem gordo estava meio embaraçado pelo gesto, mas aquele aperto de mão era uma coisa em que Laski acreditava. Homens como Hamilton podiam sempre encontrar cláusulas escapatórias num contrato mas não podiam tolerar a renegação de um aperto de mão.

— Os fundos — disse Laski — estão no Banco do Algodão da Jamaica, na filial de Londres, naturalmente. Imagino que isso não represente nenhum problema. — Sacou do bolso um talão de cheques.

Fett franziu o cenho. Era um banco muito pequeno, embora perfeitamente respeitável. Ele preferiria cheque de um banco com carteira de compensação, mas dificilmente poderia objetar neste estágio do negócio sem parecer que o estava obstruindo. Laski sabia que ele iria sentir-se assim.

Laski preencheu o cheque e entregou-o a Hamilton.

— Não é frequente um homem meter no bolso um milhão de libras — disse ele.

Hamilton parecia ter-se tornado jovial. Sorriu e retrucou:

— Não é frequente um homem gastar um milhão.

— Quando eu tinha dez anos de idade — contou Laski — nosso velho galo morreu, e fui com meu pai ao mercado para comprar outro galo. Custou o equivalente a... três libras, mas minha família tinha economizado durante um ano para juntar aquele dinheiro. Maiores apreensões estavam envolvidas na compra daquele galo do que em qualquer transação financeira que jamais arquitetei, inclusive esta. — Ele sorriu, sabendo que não se sentiam à vontade ouvindo aquela história, mas não ligou. — Um milhão de libras não é nada, mas um galo pode salvar uma família da fome.

— Concordo — murmurou Hamilton. Laski voltou ao seu natural.

— Permitam-me contatar o banco para alertá-los de que este cheque está a caminho.

Fett levou-o até a porta e apontou para a sala ao lado:

— Claro. Esta sala está vazia. Valerie lhe dará uma linha.

— Obrigado. Quando eu voltar, poderemos assinar as cartas. Laski entrou na pequena sala e pegou o telefone. Quando ouviu o ruído de discar relanceou o olhar para fora a fim de certificar-se de que Valerie não estava escutando. Ela estava no arquivo. Laski discou.

— Banco do Algodão da Jamaica.

— Aqui é Laski. Quero falar com Jones. Houve uma pausa.

— bom dia, Sr. Laski.

— Jones, acabo de assinar um cheque de um milhão de libras.

A princípio não houve resposta; depois Jones disse:

— Meu Deus! O senhor não tem isso.

— Não importa; você tem que liberar o cheque.

— Mas... e Threadneedle Street? — O banqueiro elevou a voz nervosamente. — Não temos no banco dinheiro suficiente em depósito!

— Quando chegar a hora, cuidaremos disso.

— Sr. Laski. Este banco não pode autorizar que um milhão de libras sejam transferidas de sua conta no Banco da Inglaterra para outra conta no Banco da Inglaterra porque este banco não tem um milhão de libras em depósito no Banco da Inglaterra. Não sei como tornar a situação mais clara.

— Jones, quem é o dono do Banco do Algodão da Jamaica? Jones inspirou audivelmente e disse:

— É o senhor.

— Muito bem. — E Laski desligou.

Peter "Jesse" James estava transpirando. O sol do meio-dia brilhava forte demais para a estação, e o grande pára-brisa do furgão aumentava o calor, de forma que os raios do sol queimavam-lhe os antebraços gordos e nus e esquentavam-lhe as pernas das calças. Sentia-se extremamente encolado.

Além disso tudo, estava também aterrorizado.

Jacko dissera-lhe para dirigir com cautela. A advertência fora supérflua. A um quilômetro e meio do depósito de sucata ele pegou um tráfego congestionado, e desde então vinha dirigindo de pára-choque contra pára-choque, através da metade de South London. Não poderia ter andado mais depressa mesmo que quisesse.

Abria ambas as portas corrediças laterais do furgão, mas isso de nada ajudava. Quando o veículo estava parado não havia vento, e tudo o que ele conseguia quando andava era uma ligeira brisa de fumaça quente de canos de descarga.

Para Jesse, dirigir era uma aventura. Ele ficara apaixonado por carros desde que roubara seu primeiro automóvel — um Zephyr-Zodiac com alhetas especiais — aos 12 anos de idade. Gostava de sair acelerado quando o sinal abria, fazer curvas com dupla mudança e de dar tremendos sustos em motoristas de fim de semana. Quando outro motorista buzina, Jesse vociferava palavrões, sacudia o punho e tinha fantasias de dar um tiro na cabeça do filho da puta. Ele mantinha uma pistola no porta-luvas de seu carro, mas nunca a usara.

Dirigir, no entanto, não tinha nenhuma graça quando se transportava uma fortuna em dinheiro roubado. Tinha de acelerar aos poucos e frear bem devagar, evitar ultrapassagens e ceder a vez aos pedestres nas travessias. Ocorreu-lhe que existia uma coisa chamada bom comportamento suspeito: um tira inteligente, vindo um camarada jovem num furgão andando devagar como um velhinho fazendo um exame de motorista, poderia suspeitar de algo.

Ele chegou até uma junção na interminável estrada Circular Sul. O sinal passou de verde para amarelo. O instinto de Jesse era meter o pé até o fundo no acelerador e sair do sinal em disparada. Deu um suspiro de quem está cansado, balançou o braço fora da janela como um bobalhão e freou com cuidado.

Ele deveria tentar não se aborrecer — pessoas nervosas cometiam erros. Deveria esquecer-se do dinheiro, pensar em outra coisa. Já dirigira milhares de quilômetros através do exasperante tráfego de Londres sem jamais ter sido incomodado pela polícia. Por que hoje seria diferente? Mesmo o Velho Bill não podia farejar o dinheiro roubado. O sinal abriu, e ele foi em frente. A estrada estreitava-se ao chegar a um centro comercial onde caminhos de entrega de mercadorias alinhavam-se junto ao meio-fio e uma série de faixas de pedestres reduziam o fluxo dos carros. As estreitas calçadas estavam atravancadas com pessoas fazendo compras e obstruídas por camelôs anunciando bijuterias e capas para tábuas de passar roupa.

As mulheres usavam roupas de verão — por causa do calor insuportável. Jesse começou a observar as camisetas justas, os deliciosos vestidos folgados e os joelhos nus enquanto progredia alguns metros de cada vez. Gostava de pequenas com traseiros grandes e começou a procurar na multidão alguma conveniente para despir com os olhos. Identificou-a a cerca de cinquenta metros de distância. Ela usava uma apertada suéter azul de náilon e calças brancas justas. Provavelmente julgava-se gorda, mas Jesse teria dito a ela o contrário. Usava um belo sutiã antigo, que fazia seus peitos projetarem-se para a frente como torpedos; e suas calças compridas

folgadas de cintura alta alargavam-se sobre os amplos quadris. Jesse ficou olhando para ela à espera que seus seios balançassem. E assim aconteceu.

O que ele gostaria de fazer era ficar de pé por trás dela, puxar-lhe a calcinha para baixo devagar e depois...

O carro à frente dele movimentou-se cerca de vinte metros, e Jesse seguiu atrás dele. Era um Marina novinho com um teto de vinil. Talvez ele comprasse um com sua participação no roubo. A fila de carros parou de novo. Jesse puxou o freio de mão e ficou à procura da pequena gordinha.

Não a localizou enquanto o tráfego não se movimentou de novo. Quando fez a mudança, avistou-a olhando na vitrina de uma loja de sapatos, de costas para ele. As calças era tão apertadas que ele podia ver a costura da calcinha, duas linhas em diagonal apontando para a junção de suas coxas.

Ele adorava quando podia ver a calcinha por baixo da roupa; excitava quase tanto quanto uma bunda nua. Então ele arriaria sua calcinha, pensou ele, e...

Ouviu-se uma batida de aço contra aço. O furgão parou com um solavanco, jogando Jesse para a frente contra a direção. As portas correram e fecharam-se com uma dupla batida. Ele sabia, antes mesmo de olhar, o que havia feito e a sensação de medo fê-lo sentir-se enjoado. O Marina à sua frente havia parado mais rápido do que o necessário, e Jesse, ocupado com a pequena gorducha de calças justas, entrara direto em sua traseira.

Saltou do furgão. O motorista do Marina já estava olhando os estragos. Levantou os olhos para Jesse, seu rosto vermelho de raiva.

— Seu filho da puta maluco — exclamou ele. — O que você é: cego ou estúpido? — Tinha um sotaque de Lancashire.

Jesse não lhe deu atenção e olhou para os pára-choques dos dois veículos, abraçados num beijo de aço. Fez um esforço para manter-se calmo.

— Desculpe, companheiro. Foi culpa minha.

— Desculpe! Gente como você deveria ser proibida de andar na porra das ruas!

Jesse encarou o homem. Ele era baixo e troncudo, e usava um terno. Seu rosto redondo era um quadro de justificada indignação. Tinha a rápida agressividade das pessoas baixas e sua característica forma de jogar a cabeça para trás. Jesse sentiu imediatamente ódio pelo homem. Parecia um sargento. Jesse gostaria de dar-lhe um soco na cara; ou melhor ainda, dar-lhe um tiro na testa.

— Todos cometemos erros — disse, com forçada amabilidade. Vamos dar um ao outro nossos nomes e tudo o mais e seguir em frente. Foi apenas uma pequena colisão. Não queira fazê-la um crime maior.

Viu que havia dito a coisa errada. O homem baixo ficou ainda mais vermelho.

— Você não vai se sair dessa com tanta facilidade — disse ele. O tráfego à frente deles havia-se movimentado e os motoristas da traseira começavam a ficar impacientes. Vários buzinaaram. Um homem saiu de seu carro.

O motorista do Marina estava registrando a placa do furgão em um caderninho de notas. Aquele tipo de homem sempre carrega um caderninho e um lápis no bolso do paletó, pensou Jesse.

— Isto é uma porra de direção sem cuidado — disse ele, fechando o caderninho. — vou chamar a polícia.

— Que tal mover essa tralha toda para fora do meio da rua para que os demais possam passar? — sugeriu o motorista que estava atrás do furgão.

Jesse sentiu que tinha nele um aliado.

— É o que gostaria de fazer, camarada, mas esse sujeito quer trazer um Kojak para o caso.

O homem do Marina apontou um dedo para Jesse:

— Conheço seu tipo: dirige como um tarado, e o seguro que pague. Mas vou enquadrar você, filhinho do papai.

Jesse deu um passo à frente, cerrando os punhos e depois controlou-se. Estava começando a entrar em pânico.

— A polícia já tem muito o que fazer — alegou ele.

Os olhos do outro homem se fecharam um pouco; havia percebido o temor de Jesse.

— Deixaremos que eles decidam se têm coisa melhor a fazer. Olhou em volta e descobriu um telefone público. — Fique parado aqui — e virou-se.

Jesse agarrou-o pelo ombro. Ele agora estava com medo e disse:

— Isto nada tem a ver com a polícia!

O homem deu um safanão e livrou-se da mão de Jesse:

— Largue-me, seu moleque...

" Jesse agarrou-o pela lapela do paletó e quase o levantou do chão.

— Já lhe mostro quem é moleque... — Subitamente teve consciência do número de pessoas que se juntaram e que olhavam interessadas.

Ele examinou-as; eram na maioria mulheres com bolsas de compras. A pequena com as calças justas estava à frente delas. Jesse percebeu que estava fazendo tudo errado. Decidiu livrar-se daquilo.

Soltou o homem, deixando-o afastar-se e entrou no furgão enquanto o homem ficava olhando para ele sem querer acreditar.

Jesse deu nova partida no motor e engrenou marcha à ré. Houve um barulho de peças que se soltavam quando os veículos se separaram. Ele pôde ver que o pára-choque do Marina caíra e que as lanternas traseiras estavam quebradas. Cinquenta libras para consertar, e umas dez se você mesmo fizesse o serviço, pensou ele.

O homenzinho andou para a frente do furgão e ficou plantado como uma estátua com o dedo em riste.

— Não tente fugir! — gritou ele. A multidão estava crescendo à medida que a briga ficava mais interessante. Houve uma diminuição no tráfego, e os carros que vinham de trás começaram a passar pelo local do acidente.

Jesse engrenou uma primeira e acelerou. O homem manteve-se firme. Jesse soltou a embreagem de uma vez e o furgão deu um pulo para a frente.

Um pouco tarde demais o pesado homem jogou-se para o meio-fio. Jesse ouviu uma pancada surda do pára-lama direito quando ele virava a direção para se desviar. Um carro atrás dele

brecou, fazendo ranger os pneus. Jesse engrenou a segunda e disparou sem olhar para trás.

A rua parecia estreita e opressiva, como uma armadilha, quando ele rodava por ela, ignorando faixas de pedestres, fazendo curvas fechadas e freando. Ele havia entornado o caldo. Toda a operação tinha decorrido como uma beleza, e Jesse James arruinara o carro da fuga; uma carga de furgão de papel-moeda perdida por causa de uma esbarrada de cinquenta libras... Que merda!

Fique frio, disse para si mesmo. Não era um desastre completo enquanto não fosse preso. Ainda havia tempo, se apenas pudesse raciocinar.

Diminuiu a marcha do furgão e abandonou a estrada principal. Não havia nenhuma vantagem em chamar de novo a atenção. Dirigiu devagar por várias ruas secundárias enquanto procurava decidir o que faria.

O que iria acontecer agora? Um espectador telefonaria para a polícia, especialmente depois que ele atropelara o homem. O número da chapa do furgão estava no caderninho de notas; além disso, alguém no meio daquela gente deveria tê-la anotado também. Seria registrado como um atropelamento com fuga, e o número da placa seria fornecido a todos os carros de patrulha. Levaria de três a quinze minutos para que tudo isso fosse efetuado; outros cinco minutos e estariam dando uma descrição de Jesse.

O que estava ele usando? Calças jeans e uma camisa cor de laranja. Que merda!

O que aconselharia Tony Cox, se ele estivesse aqui para perguntar-lhe? Jesse lembrou-se da cara rubicunda do chefe e ouviu sua voz: "Diga para você mesmo qual é o problema, certo?"

Em voz alta, Jesse disse:

— A polícia tem meu número e descrição. "Pense no que você teria de fazer para resolver o problema."

— Que diabos posso fazer, Tony? Mudar minha aparência e as — placas?

"Então faça-o! Certo?"

Jesse franziu a testa. O pensamento analítico de Tony só ia até ali. Onde poderia ele encontrar placas e como iria fixá-las?

Claro que era fácil!

Procurou o caminho até uma rua principal e percorreu-a até encontrar uma garagem. Encostou no pátio da frente. Nos fundos das bombas de gasolina havia uma oficina mecânica. Um caminhão-tanque estava descarregando num dos lados.

O frentista aproximou-se, limpando os óculos num pano sujo de óleo.

— Coloque cinco libras — pediu Jesse. — Onde fica o banheiro?

— Ai do lado.

Jesse seguiu a direção indicada pelo polegar dele. Uma calçada malcuidada de concreto corria ao longo do lado da garagem. Encontrou uma porta marcada "Cavalheiros" e passou por ela.

Atrás da garagem havia um pequeno terreno abandonado onde carros em bom estado, deixados para reparo, misturavam-se com portas enferrujadas, pára-lamas amassados e motores abandonados. Jesse não podia descobrir o que estava procurando.

A porta de entrada dos fundos da oficina ao lado dele estava escancarada, o suficiente para a

entrada de um ônibus. Não adiantava agir furtivamente. Ele entrou.

Levou um momento para ajustar-se à penumbra depois da luz do sol do lado de fora. O ar cheirava a óleo lubrificante e ozônio. Um Mini estava na rampa, na altura de sua cabeça, mostrando suas entranhas obscenamente. A parte da frente de um caminhão com reboque estava ligada por fios a um aparelho de testes Krypton. Um Jaguar em cima de calços estava sem rodas. Não havia ninguém na oficina. Olhou para seu relógio de pulso; eles estariam na hora do almoço. Correu os olhos em volta. Descobriu o que queria.

Duas placas vermelhas e brancas, comerciais, estavam num canto, em cima de um tambor. Cruzou a oficina e pegou-as. Olhou de novo em volta e roubou mais duas coisas: um macacão limpo que estava num cabide numa parede de tijolos e um pedaço de cordão sujo que estava no chão.

— Procurando alguma coisa, irmão? — indagou uma voz. Jesse virou-se rápido, com o coração a sair-lhe pela boca. Um mecânico negro num macacão sujo de óleo estava no lado mais afastado da oficina, encostado no pára-lama branco e brilhante do Jaguar, com a boca cheia de comida. Os cabelos de corte afro mexiam-se quando ele mastigava

Jesse procurou esconder as placas com o macacão.

— Estou à procura da privada; quero trocar minha roupa — disse, e prendeu a respiração.

— Do lado de fora — apontou o mecânico. Engoliu e deu mais uma mordida num ovo duro.

— Obrigado — agradeceu Jesse e saiu depressa.

— Sempre às ordens — disse o mecânico. Jesse reparou que ele tinha um sotaque irlandês. Crioulo irlandês? Isso era uma novidade...

O frentista esperava ao lado do furgão. Jesse subiu para a cabina e jogou o macacão e seu conteúdo por cima do banco para trás. O frentista olhou com curiosidade para o pacote. Jesse explicou:

— Meu macacão estava pendurado na porta de trás. Deve estar sujo. Quanto é?

— Em geral cobramos uma nota de cinco por cinco libras... Eu não tinha notado o macacão.

— Nem eu, durante os oitenta quilômetros que rodei. Pedi a você para colocar cinco libras, não foi?

— Foi isso o que pediu. Não cobramos pela privada.

Jesse deu-lhe uma nota de cinco libras e saiu apressado do posto.

Ele agora estava um pouco fora de sua rota, o que era bom. A área era mais sossegada do que os lugares por onde havia dirigido antes. Eram velhas casas isoladas dos dois lados e recuadas da rua. Ao longo da calçada havia pés de noqueiras. Notou umaparada de ônibus da Green Line.

Precisava descobrir uma ruela sossegada onde pudesse fazer a troca. Verificou de novo seu relógio: deviam ter decorrido quinze minutos desde o acidente; não havia tempo para muitos cuidados.

Virou na primeira rua, que se chamava avenida Brooks. Todas as casas eram geminadas. Precisava de algum lugar menos exposto, pelo amor de Deus! Não podia trocar as placas do carro à plena vista de sessenta curiosas donas de casa.

Dobrou mais uma esquina e depois mais outra, e descobriu uma travessa de serviço atrás de uma fileira de lojas. Entrou nela e parou. Havia garagens e latões de lixo, e as portas de serviço

das lojas por onde as mercadorias eram entregues. Era o melhor que poderia esperar.

Pulou pelo banco e foi para a parte de trás do furgão. Estava muito quente. Sentou-se num dos cofres de dinheiro e enfiou as pernas no macacão. Meu Deus! Estava quase conseguindo; dê-me mais dois minutos, pensou ele. Era quase uma oração. ; Levantou-se meio abaixado e acabou de enfiar-se no macacão. Se eu tiver estragado tudo, Tony me corta o pescoço, pensou. Encolheu os ombros. Tony Cox era um filho da puta duro; ele tinha mania de punir. Jesse fechou o zíper do macacão. De acordo com a descrição das testemunhas, a polícia agora estaria à procura de um sujeito muito grande, com uma cara de bandido e olhar desesperado, usando uma camisa laranja e jeans. Qualquer um que olhasse para Jesse veria apenas um mecânico.

Pegou as chapas comerciais. O pedaço de cordão se fora, devia tê-lo deixado cair. Olhou pelo chão do furgão. Porra! Sempre havia um pedaço de cordão sobrando no chão de um furgão! Abriu a caixa de ferramentas e encontrou um pedaço de cordão enrolado em volta do macaco.

Saiu do furgão e foi para a frente. Trabalhou com cuidado, receoso de fazer um péssimo serviço caso se apressasse. Amarrou a placa comercial vermelha e branca por cima da placa de licença original, exatamente como fazem as oficinas quando saem com um carro reparado para fazer um teste de estrada. Levantou-se e olhou para o trabalho que fizera. Parecia ótimo.

Foi para a parte traseira do furgão e repetiu o serviço na placa de trás. Quando terminou, respirou aliviado.

— Mudando as placas, hein?

Jesse deu um pulo e virou-se. Seu coração quase parou: a voz pertencia a um policial.

Para Jesse aquilo era o fim. Não podia pensar em nenhuma escapatória, nem em mais mentiras plausíveis, nem em mais manhas. Seus instintos haviam-no desertado. Não tinha nada a dizer.

O tira caminhou na direção dele. Era muito jovem, com costeletas amarelo-claras e um nariz com sardas.

— Alguma dificuldade?

Jesse ficou espantado de vê-lo sorrir. Um raio de esperança penetrou-lhe no cérebro petrificado. Redescobriu sua língua:

— As placas soltaram-se — alegou ele. — Estou apenas apertando-as.

O tira fez um gesto de cabeça de quem compreende.

— Eu costumava dirigir um destes — disse em tom amistoso. São mais fáceis de dirigir do que um carro. Belas máquinas!

Passou pela mente de Jesse que o homem poderia estar jogando com ele uma brincadeira sádica de gato-e-rato, sabendo perfeitamente que Jesse era o motorista do furgão que atropelara e fugira do local, mas fingindo não saber para abordá-lo no último momento.

— São fáceis de dirigir quando estão rodando bem — disse Jesse, o suor frio escorrendo-lhe pelo rosto.

— Bem, já terminou o serviço. Vá andando, pois está bloqueando a rua.

Jesse subiu para a cabina como um sonâmbulo e deu a partida. Onde estava o carro do policial? Será que ele tinha seu rádio desliga do? O macacão e as placas comerciais o teriam enganado?

Se ele tivesse dado uma volta pela frente do furgão e visto o amas sado feito pelo pára-choque do Marina...

Jesse soltou o pé da embreagem e dirigiu devagar ao longo da tra vessa. Parou no fim dela e olhou para ambos os lados. Em seu retrovi sor externo viu o policial no outro extremo entrar num carro de patrulha.

Jesse alcançou a estrada e o carro de patrulha desapareceu de sua vista. Limpou o suor da testa. Estava trêmulo.

— Meu Deus, por um triz! — suspirou aliviado.

Evan Jones estava bebendo uísque antes do almoço pela primeira vez em sua vida. Tinha uma razão. Ele tinha um código e o havia quebrado, também pela primeira vez.

Era isso o que ele explicava ao amigo, Arny Matthews, mas não o estava fazendo lá muito bem, pois não estava acostumado com uísque, e a primeira dose dupla já lhe subira à cabeça.

— É a minha educação — disse ele em seu musical sotaque galês — Estritamente religiosa. Vivíamos de acordo com o Livro. Agora vêjá, um homem pode trocar um código por outro mas não pode livrar se do hábito da obediência, entende?

— Entendo — disse Arny, que não entendera nada. Evan era o gerente da filial londrina do Banco do Algodão da Jamaica, e Arny era um antigo atuário da Companhia Geral de Seguros Marítimos e Fogo, e os dois viviam em casas vizinhas de um falso estilo Tudor em Woking, Surrey. Sua amizade era superficial, mas permanente.

— Os banqueiros têm um código — continuou Evan. — Quer saber de uma coisa? Quando disse a meus pais que queria ser banqueiro, causeilhes uma grande comoção. Em Gales do Sul espera-se que os rapazes que completam o ginásio se tornem professores, ou ministros, ou funcionários do Comissariado do Carvão, ou dos sindicatos, mas não banqueiros.

— Minha mãe nem sabia o que era um atuário — disse Arny, manifestando-lhe sua simpatia, mas sem entender o que o outro queria dizer.

— Não estou falando sobre os princípios da boa prática bancária... a lei do mínimo risco, garantias que cubram mais do que o valor do empréstimo, juros maiores para períodos mais longos... não ne refiro a isto...

— Não — disse Arny, que não tinha a menor ideia do que Evan queria dizer. Sentiu, porém, que Evan iria cometer uma indiscrição, e como todos na City ele gostava da indiscrição alheia. — Quer mais um? — Pegou os copos.

Evan anuiu com a cabeça e ficou observando Arny caminhar até o bar. Os dois encontravam-se muitas vezes no salão do Pollard antes de pegarem o trem para ir juntos para casa. Evan gostava das cadeiras estofadas, do sossego, e dos homens que atendiam no bar, ligeiramente servis. Ele não tinha a menor apreciação pela mais nova espécie de pubs que estavam surgindo naquela vizinhança: modernos, apinhados de gente, com música alta demais, própria para os rapazes de cabelos longos, ternos de três peças e gravatas escandalosas, que bebiam cerveja leve em enormes copos ou aperitivos.

— Estou me referindo à integridade. — Evan retomou o assunto quando Arny voltou. — Um banqueiro pode ser um tolo e sobreviver, se ele é correto; mas se não tiver integridade...

— Absolutamente.

— Agora, veja você Felix Laski: eis aí um homem absolutamente sem integridade.

— Este é o homem que está comprando seu banco?

— Para eterna lamentação minha, sim. Quer que lhe conte como foi que ele conseguiu o controle?

Arny inclinou-se para a frente na cadeira, segurando um cigarro a meio caminho da boca.

— Certo.

— Nós tínhamos um cliente chamado South Middlesex Properties. Eles eram ligados com uma firma de descontos conhecida nossa e estávamos querendo uma aplicação para uma grande soma de dinheiro a longo prazo. O empréstimo era muito elevado para a Middlesex, realmente, mas as garantias eram vastas. Para resumir a história: eles não puderam cumprir o pagamento do empréstimo.

— Mas vocês tinham as propriedades — disse Arny. — Por certo os títulos estavam em seus cofres.

— Não tinham valor. O que possuíamos eram cópias e o mesmo acontecia com vários outros credores.

— Fraude direta.

— Sem dúvida, embora de alguma forma eles conseguiram fazê-la passar por mera incompetência. De qualquer maneira, estávamos num buraco. Laski salvou-nos dele em troca de uma posição majoritária.

— Esperto.

— Mais esperto do que você está pensando. Laski praticamente controlava a South Middlesex Properties. Note, porém: ele não era um diretor, mas tinha ações e era empregado por ela como um consultor, e a administração da firma era fraca...

— Então ele comprou o controle do Banco do Algodão com o dinheiro que havia tomado emprestado e deixara de pagar.

— Parece assim, não acha?, Arny sacudiu a cabeça:

— Parece para mim muito difícil de acreditar.

— Não lhe pareceria se você conhecesse o patife. — Dois homens com ternos listrados de advogados estavam sentados à mesa ao lado com copos de cerveja, e Evan baixou a voz. — Um homem totalmente sem integridade — repetiu ele.

— Que grande golpe! — Havia um expressão de admiração na voz de Arny. — Você poderia ter ido aos jornais, se isso é verdade.

— Quem iria publicá-lo, a não ser Private Eye? Mas é verdade, meu caro. Aquele homem se envolve em qualquer negócio. — Tomou um grande gole de uísque. — Quer saber o que ele fez hoje?

— Não poderia ser pior que o golpe da South Middlesex estimulou-o Arny.

— Não poderia? Ah! — O rosto de Evan agora estava ligeiramente avermelhado, e o copo tremia-lhe na mão. Ele falou vagarosa e deliberadamente. — Ele instruiu-me... instruiu-me, note!... para abonar um cheque sem fundos de um milhão de libras. — com um floreio colocou o copo na mesa.

— Mas... e Threadneedle Street?

— Foram exatamente minhas palavras para ele. — Os dois advogados olharam para o lado deles, e Evan compreendeu que havia gritado. Então falou mais calmamente:

— Exatamente minhas palavras. Você nunca acreditaria no que ele disse... Disse: "Quem é o dono do Banco do Algodão da Jamaica?" E desligou o telefone na minha cara.

— Então o que você fez? Evan encolheu os ombros.

— Quando o tomador do cheque telefonou, falei que o cheque tinha fundos.

Arny deu um assobio.

— O que você disse não faz nenhuma diferença. O Banco da Inglaterra é que tem de fazer a transferência. E quando eles descobrirem que você não tem um milhão...

— Falei a ele tudo isso. — Evan percebeu que estava quase chorando e sentiu-se envergonhado. — Nunca, em trinta anos de banco, desde que comecei atrás do balcão no Banco Barclay em Cardiff, aprovei um cheque sem fundos. Até hoje. — Esvaziou o copo e ficou olhando para ele acabrunhado. — Quer outro?

— Não. Você também não deveria. Você vai demitir-se?

— Tenho que demitir-me. — Sacudiu a cabeça de um lado para o outro. — Trinta anos! Vamos lá: mais um!

— Não — disse Arny com firmeza. — Você deveria ir para casa.

— Ele levantou-se e pegou Evan pelo cotovelo.

— Muito bem,

Os dois homens saíram do bar para a rua. O sol ainda estava alto e quente. Filas para o almoço começavam a se formar nos cafés e lojas de sanduíches. Duas belas secretárias passaram por eles, tomando sorvete em casquinha.

— Belo tempo, para esta época do ano — falou Arny.

— Muito belo — concordou Evan, com um ar lúgubre. Arny deu um passo para fora da calçada e chamou um táxi, que fez a meia-volta na rua e encostou com uma freada brusca.

— Aonde você vai? — quis saber Evan.

— Eu não, você! — Arny abriu a porta do táxi e disse para o motorista: — Estação Waterloo.

Evan entrou vacilante e sentou-se no banco de trás.

— Vá para casa antes que fique bêbado demais para caminhar — disse Arny, e fechou a porta.

— Obrigado — disse Evan, abrindo a janela.

— A casa é o melhor lugar para você. Evan concordou com a cabeça,

— Gostaria de saber o que vou dizer para My fanwy.

Arny observou o táxi desaparecer e depois caminhou para seu escritório, pensando no amigo. Evan estava liquidado como banqueiro. Uma reputação de honestidade fazia-se vagarosamente na City e era perdida tão rápido. Evan perderia a dele tão certo como se tivesse tentado bater a carteira do ministro da Fazenda da Inglaterra. Poderia sair com uma boa pensão, mas jamais arranjaria outro emprego.

Arny era um sujeito seguro, embora "pronto": exatamente o oposto da posição de Evan. Ganhava um salário respeitável, mas havia tomado dinheiro emprestado para aumentar sua sala

de estar e estava tendo dificuldades com os pagamentos. Via uma maneira de ganhar algum dinheiro com a desgraça de Evan. Sentiu-se desleal. No entanto, raciocinou, Evan não continuaria sofrendo.

Procurou um telefone público e discou um número.

Recebeu o sinal e depositou uma moeda.

— Evening Post!

— Que departamento?

— Editor da Cidade.

— Mesa do editor da Cidade — disse outra voz após uma pausa.

— Mervyn?

— Ele mesmo.

— Aqui é Arnold Matthews.

— Alo, Arny. O que é que há? Arny respirou fundo e disse:

— O Banco do Algodão da Jamaica está em dificuldades,

Doreen, a esposa do Surdo Willie, estava sentada empertigada na frente do carro de Jacko, com uma bolsa no colo. O rosto estava pálido e os lábios contorcidos numa estranha expressão composta de fúria e medo. Era uma mulher de grande ossatura, muito alta, de largos quadris e com tendência a engordar devido ao gosto de Willie por batatas fritas. Estava mal vestida, e isso era devido ao gosto de Willie por cerveja preta. Mantinha o olhar fixo para a frente e falava com Jacko com os cantos da boca.

— Quem o levou para o hospital, então?

— Não sei, Doreen — mentiu Jacko. — Talvez fosse um "serviço" e eles não quisessem dizer quem, você sabe. Tudo o que sei é que recebi um telefonema: "O Surdo Willie está no hospital, diga à mulher dele. " E banguê! Desligaram.

— Fez um gesto de alguém batendo o telefone com força.

— Mentiroso — disse Doreen tranquilamente. Jacko permaneceu em silêncio.

Na parte de trás do carro, Bill, o filho de Willie, olhava vagamente pela janela. com seu comprido e desajeitado corpo, ele estava espremido no exíguo espaço. Normalmente gostava de andar de carro, mas hoje a mãe estava muito tensa, e ele sabia que algo de ruim havia acontecido, mas não sabia o quê. As coisas estavam confusas. A mãe parecia estar atravessada com Jacko, mas Jacko era um amigo. Jacko dissera que o pai estava no hospital, mas não que estava doente; e, realmente, como poderia estar?

Se, ao sair de casa de manhã, ele estava bem. O hospital era um grande edifício de tijolos, ligeiramente gótico que outrora fora a residência do prefeito de Southwark.

Diversos acréscimos de telhados planos haviam sido feitos no terreno e um estacionamento asfaltado escondia o que fora outrora o gramado da propriedade. Jacko parou o carro próximo à entrada de "Emergências". Ninguém falou quando saíram do carro e atravessaram o pátio até a porta. Passaram por um atendente de ambulância com um cachimbo na boca, encostado num aviso de "não fumar", ao lado de seu veículo. Passaram do calor do carro para o fresco do hospital. O cheiro familiar de anti-séptico provocou náusea de medo no estômago de Doreen.

Cadeiras verdes de plástico estavam alinhadas ao longo das paredes, e uma mesa ficava no centro da parede, em frente à entrada. Doreen observou um garotinho com um corte de vidro, um jovem com o braço numa tipóia improvisada e uma jovem com a cabeça apoiada nas mãos. Perto dali, em algum lugar, uma mulher gemia. Doreen sentiu-se em pânico. A enfermeira antilhana que estava na mesa, falava num telefone. Esperaram que ela terminasse e depois Doreen falou:

— Vocês têm aí um homem chamado William Johnson, que foi trazido esta manhã?

A enfermeira não olhou para ela.

— Um momento, por favor. — Tomou uma nota num bloco de papel e depois levantou os olhos quando uma ambulância chegou do lado de fora. — Quer-se sentar, por favor?

— Ela se levantou e passou por eles indo em direção à porta.

Jacko afastou-se, como se fosse sentar-se, e Doreen agarrou a manga de seu paletó.

— Fique aqui! — mandou ela. — Não me incomode de esperar horas; vou ficar aqui até que ela me diga.

Observaram quando uma padiola foi trazida. A figura deitada nela estava enbrulhada num lençol ensanguentado. A enfermeira escoltou os padioleiros até as portas giratórias.

Uma mulher gorda, branca, com um uniforme de irmã de caridade entrou por outra porta, e Doreen abordou-a:

— Por que não posso saber se meu marido está aqui? — perguntou numa voz estridente.

A irmã parou e examinou os três. A enfermeira negra voltou.

— Perguntei a ela, mas não obtive resposta — falou Dorren.

— Por que essas pessoas não foram atendidas? — perguntou a irmã à enfermeira.

— Achei que o caso do acidente de trânsito com dois membros amputados parecia mais sério do que o desta senhora.

— Você fez o que achou certo, mas não precisa vir com gracinhas. — A irmã gorda voltou-se para Doreen: — Qual é o nome do seu marido?

— William Johnson

— Esse nome não está aqui — avisou a irmã após procurar no registro. Depois de uma pausa disse: — Na verdade, temos um paciente não identificado. É homem, branco, de estatura média, de meia-idade, com ferimentos de um tiro de chumbo na cabeça.

— É ele — disse Jacko.

— Oh, meu Deus! — exclamou Doreen. A irmã pegou no telefone:

— É melhor que a senhora o veja, para verificar se é seu marido. Discou um único número e esperou por um momento. — Oh, doutor, aqui é a irmã Rowe, na Emergência.

Está aqui uma mulher que pode ser a esposa do paciente com os tiros de chumbo na cabeça. Sim. vou... encontrarei o senhor aí. — Desligou e disse: — Por favor, sigam-me.

Doreen lutava contra o desespero enquanto andavam pelos corredores com piso de linóleo do hospital. Temera aquilo desde aquele dia, há cerca de quinze anos ou mais, quando descobrira que se casara com um malfeitor. Ela sempre suspeitara. Willie dissera-lhe que tinha um negócio, e ela não fizera mais perguntas porque nos dias em que namoravam, uma moça que desejasse

um marido não devia mostrar-se muito curiosa. Mas depois de casados não era fácil guardar segredos. Quando o pequeno Bill ainda andava de fraldas, uma manhã houve uma batida na porta, e Willie olhara pela janela e viu um tira. Antes de atender à porta ele disse para Doreen: "Ontem à noite houve um jogo de pôquer aqui: eu, e Scotch Harry, e tom Webster e o velho Gordon. Começou às dez e foi até às quatro da manhã." Doreen, que passara a noite quase toda acordada numa casa vazia, tentando fazer Billy dormir, tinha concordado estupidamente com a cabeça; e quando o Velho Bill inquiriu-a, ela disse o que Willie lhe havia orientado para dizer. Desde então, ela vivia preocupada.

Quando não passa de uma suspeita, pode-se dizer a si mesma para não se preocupar; mas quando se sabe que seu marido está lá fora em algum lugar, arrombando uma fábrica, ou uma loja, ou até um banco, não se pode deixar de imaginar se ele jamais voltará para casa. Não sabia ao certo por que sentia tanta raiva e pavor. Não amava Willie, não em nenhum sentido familiar da palavra. Ele era um marido horroroso: ficava sempre fora de casa durante a noite, nunca tinha dinheiro, e nada valia como amante.

O casamento variara de tolerável a miserável. Doreen teve dois abortos e depois veio Billy; depois dele, pararam de tentar. Continuavam juntos por causa de Billy, e ela supunha que não eram o único casal a fazer isso. Não que Willie carregasse sobre os ombros muito da carga de criar uma criança excepcional, mas parecia que ela fazia-o sentir-se culpado o suficiente para permanecerem casados. O rapaz amava o pai.

Não, Willie, eu não te amo, pensou ela. Mas te desejo e preciso de ti; gosto de ter você ali na cama, e sentado a meu lado vendo televisão e fazendo tuas apostas na mesa; e se isso pode chamar-se amor, eu diria que te amo.

Eles haviam parado de andar, e a irmã estava falando:

— Chamarei vocês quando o doutor estiver pronto. — Desapareceu numa enfermaria, fechando a porta.

Doreen ficou olhando, parada, para a parede nua pintada de creme, tentando não imaginar o que estava do outro lado. Ela havia feito isso uma vez antes, depois do "serviço" da folha de pagamentos de Componiparts. Mas então a coisa fora diferente: eles foram procurá-la dizendo: "Willie está no hospital, mas passa bem, apenas atordoado." Ele pusera gelatina explosiva demais na porta do cofre-forte e perdera toda a audição em um ouvido. Doreen fora ao hospital — um hospital diferente daquele — e esperara, mas sabia que ele estava bem. Depois daquele "serviço", ela tentara, pela primeira e única vez, fazer com que o marido endireitasse. Ele parecerá concordar, até que saiu do hospital e teve de encarar a perspectiva de realmente precisar fazer alguma coisa para se corrigir. Ficou rodando pela casa por alguns dias e depois, quando o dinheiro acabou, fez outro "serviço". Há algum tempo ele deixara escapar que Tony Cox o havia admitido em sua "firma".

Sentia-se orgulhoso, e Doreen ficou furiosa.

Daí em diante ela sempre odiou Tony Cox. Tony sabia disso, também. Ele estivera na casa deles, uma vez, comendo um prato de batatas fritas e conversando com Willie sobre boxe, quando subitamente olhou para Doreen e perguntou:

— Que é que você tem contra mim, mulher? Willie pareceu preocupado e disse:

— Calma, Tony.

— Você é um vigarista — disse Doreen, sacudindo a cabeça. Tony riu, mostrando a boca cheia de batatas fritas, depois retrucou:

— E seu marido também é um, você não sabia? — Depois disso os dois voltaram a conversar sobre boxe.

Doreen nunca achava respostas rápidas para pessoas espertas como Tony, por isso nada mais disse. A opinião dela, aliás, não faria diferença para coisa nenhuma. Nunca ocorreria a Willie que o fato de ela não gostar de alguém fosse uma razão para não trazê-lo a sua casa. Era a casa de Willie, mesmo que Doreen tivesse de pagar o aluguel a cada duas semanas de sua renda com as vendas de encomendas pelo correio.

Fora um "serviço" de Tony Cox aquele em que Willie estivera empenhado naquele dia. Doreen soubera disso pela esposa de Jacko, pois Willie não diria nada a ela. Se Willie morrer, pensou, juro que aquele Tony Cox me paga. Oh, meu Deus, que nada aconteça com ele!

A porta abriu-se, e a irmã colocou a cabeça para o lado de fora.

— Querem fazer o favor de entrar?

Doreen entrou primeiro. Um médico baixinho, de pele escura, de cabelo preto e farto, estava junto à porta. Ela ignorou-o e foi direto para o lado da cama.

A princípio ficou confusa. O vulto na alta cama de ferro estava coberto até o pescoço com um lençol, e do queixo até o topo da cabeça com ataduras. Esperara ver um rosto e saber logo se era Willie. Por um momento não soube o que fazer. Depois ajoelhou-se e, delicadamente, puxou o lençol para baixo.

— Sra. Johnson, este é o seu marido? — perguntou o médico.

— Oh, meu Deus, Willie, o que fizeram com você? — exclamou Doreen. A cabeça dela inclinou-se vagarosamente para a frente até que a testa repousou no ombro nu do marido.

Como se ele estivesse distante, ela ouviu Jacko dizer:

— É ele, William Johnson. — E continuou dando a idade e o endereço de Willie. Doreen então percebeu que Billy estava de pé ao lado dela. Depois de alguns momentos o rapaz pôs-lhe a mão no ombro.

A presença dele levou-a a esconder sua dor ou pelo menos a postergá-la. Recompôs-se e ficou de pé.

O médico parecia ter um ar sério:

— Seu marido viverá — disse.

— Que fizeram com ele? — indagou Doreen, colocando um braço em volta do filho.

— Chumbo de espingarda, a curta distância.

Doreen segurava o ombro de Billy com força. Ela não iria chorar.

— Ele vai ficar bom? — perguntou ela.

— Falei que ele sobreviveria, Sra. Johnson, mas talvez não possamos salvar-lhe a vista.

— O quê?

— Ele vai ficar cego.

— Não! — gritou Doreen, com os olhos cerrados.

Todos se acercaram dela, muito rapidamente. Estavam esperando um ataque de histeria. Ela livrou-se deles, viu a cara de Jacko à sua frente e gritou: — Foi Tony Cox que fez isso, seu filho da puta! — E atirou-se para cima de Jacko, esmurrando-o: — Seu filho da puta!

— Ouviu Billy soluçar e acalmou-se imediatamente.

Virou-se para o rapaz e puxou-o de encontro a ela, abraçando-o. O filho era bem mais alto do que ela. — Calma, Billy. Calma — murmurou. — Seu pai está vivo; fique contente com isso.

— A senhora agora deve ir para casa. Temos um número de telefone onde podemos procurá-la... — falou o médico.

— Eu a levo para casa — prontificou-se Jacko. — É o meu telefone, mas moro perto dela.

Doreen livrou-se de Billy e foi até a porta. A irmã abriu-a e ela viu dois policiais que estavam do lado de fora.

— Que negócio é este? — perguntou Jacko. Parecia ofendido.

— Somos obrigados a informar à polícia em casos como este — explicou o médico.

Doreen viu que um dos policiais era uma mulher. Sentiu vontade de denunciar que Willie tinha sido ferido num "serviço" de Tony Cox, o que comprometeria Tony. No entanto, ela adquirira o hábito de enganar a polícia durante quinze anos de casamento com um bandido. E sabia, tão logo o pensamento passou-lhe pela mente, que Willie nunca a perdoaria por dar com a língua nos dentes.

Ela não podia dizer à polícia. Porém, subitamente, sabia a quem poderia contar.

— Quero dar um telefonema — disse ela.

Uma Hora da Tarde

Kevin Hart subiu as escadas correndo e entrou na sala da redação de notícias do Evening Post. Um mensageiro com uma camisa Brutus e sapatos de solas grossas passou por ele, carregando uma pilha de jornais — a edição de uma hora da tarde. Kevin pegou um exemplar do alto da pilha e sentou-se a uma mesa.

A história dele estava na primeira página.

O título era: **HOMEM DO PETRÓLEO DO GOVERNO SOFRE UM COLAPSO**. Kevin ficou olhando por um momento para as encantadoras palavras: "Por Kevin Hart"; depois leu o artigo.

O vice-ministro Sr. Tim Fitzpeterson foi encontrado inconsciente em seu apartamento de Westminster hoje.

Um vidro vazio de comprimidos foi achado a seu lado.

O Sr. Fitzpeterson, um ministro do Ministério de Energia, responsável pela política de petróleo, foi enviado às pressas para o hospital em uma ambulância.

Procurei-o em seu apartamento para uma entrevista ao mesmo tempo que o oficial de polícia Ron Bowler, que fora investigar por que o ministro deixou de comparecer a uma reunião de comitê.

Encontramos o Sr. Fitzpeterson inconsciente, sentado à sua mesa. Uma ambulância foi chamada imediatamente.

Um porta-voz do Ministério de Energia declarou: "Parece que o Sr. Fitzpeterson tomou, acidentalmente, uma dose exagerada de comprimidos. Será realizada uma investigação completa."

Tim Fitzpeterson tem 41 anos, esposa e três filhas.

Um porta-voz do hospital informou mais tarde: "Ele está fora da lista de pacientes em estado crítico."

Kevin releu o artigo, custando a acreditar no que estava lendo. A história que havia ditado pelo telefone tinha sido reescrita de uma forma que não dava para ser reconhecida. Sentiu-se vazio e amargurado. Aquele deveria ser seu momento de glória, e algum subeditor fraco de caráter o arruinara.

Que acontecera com a dica anônima de que Fitzpeterson tinha uma pequena? Que tal acerca do telefonema do próprio homem alegando estar sendo chantageado? Os jornais deveriam dizer a verdade, ou não?

Sua raiva aumentou. Não escolhera aquela profissão para tornar-se um escriba sem opinião. Exagero era uma coisa — estava preparado para transformar uma briga de bêbados numa luta de quadrilhas para criar uma história num dia vazio — mas a omissão de fatos importantes, especialmente quando concerniam a políticos, não fazia parte das regras do jogo.

Se um repórter não podia insistir com a verdade, quem poderia?

Kevin levantou-se, dobrou o jornal e caminhou até a mesa do editor de notícias.

Arthur Cole estava descansando o telefone. Levantou os olhos para Kevin.

Kevin enfiou o jornal debaixo do nariz dele.

— Que é isso, Arthur? Nós temos um político que está sendo chantageado e cometendo

suicídio e o Evening Post diz que é uma dose accidental de comprimidos?

Cole desviou o olhar dele e falou.

— Barney, quer vir aqui um momento?

— O que está acontecendo, Arthur? — insistiu Kevin.

— Ora, Kevin, vá se foder! — falou Cole, encarando-o. Kevin ficou olhando espantado para ele.

— Telefone para a polícia de Essex e descubra se foram alertados para procurarem o furgão que fugiu do assalto — falou Cole para o repórter chamado Barney.

Kevin virou-lhe as costas, estupefato. Estava pronto para uma discussão, argumentos contra, até mesmo para uma briga, mas não para uma dispensa tão negligente. Sentou-se de novo, no canto mais afastado da sala, as costas voltadas para a mesa do editor, olhando às cegas para o jornal. Será que os veteranos da província sabiam disso quando o alertaram acerca de Fleet Street? Seria isso o que aqueles esquerdistas da faculdade queiram dizer quando afirmavam que a imprensa era uma puta? Não que eu seja um idiota idealista, pensou. Defenderei nossa lascívia e nosso sensacionalismo, e concordo com os melhores entre eles que o povo tem os jornais que merece. Porém, não sou um cínico total, ainda não, pelo amor de Deus! Acredito que estamos aqui para descobrir a verdade e então publicá-la.

Começou a debater se realmente desejava ser um jornalista. Era uma coisa insípida na maior parte do tempo. De vez em quando havia um ponto alto quando alguma coisa dava certo, uma história fazia sucesso e ganhava-se destaque como autor da matéria; ou quando despontava uma grande história e seis ou sete deles atiravam-se aos telefones ao mesmo tempo numa luta com os concorrentes e entre si. Algo semelhante estava ocorrendo agora — um roubo de dinheiro — mas Kevin estava de fora. Nove décimos de seu tempo, no entanto, eram gastos esperando: esperando que detetives saíssem dos postos policiais, esperando que os jurados apresentassem seus veredictos, esperando por celebridades que chegavam, esperando que acontecesse uma história...

Kevin pensara que a Fleet Street seria diferente do jornal vespertino de Midlands onde ele se empregara ao sair da universidade. Contentara-se, então, como um repórter estagiário, a entrevistar obtusos conselheiros municipais que se julgavam importantes, a publicar as exageradas queixas de inquilinos de casas da municipalidade, e a escrever histórias sobre teatros de amadores, cachorros perdidos e ondas de vandalismo triviais. Ocasionalmente escrevera coisas das quais se sentia muito orgulhoso: uma série acerca dos imigrantes na cidade; um artigo que despertou muita controvérsia sobre como a Prefeitura desperdiçava dinheiro; a cobertura de um longo e complexo inquérito sobre planejamento. Transferir-se para Fleet Street, pensara, significaria fazer reportagens importantes de um nível nacional e deixar de lado inteiramente as coisas banais. Descobrira no entanto que todos os tópicos sérios — política, economia, indústria, as artes — eram manipulados por especialistas; e que o caminho para chegar até essa posição era uma longa fila de brilhantes e talentosos como Kevin Hart. Precisava destacar-se de alguma forma — algo que fizesse os executivos do Post notarem-no e dizerem: "O jovem Hart é bom — será que estamos tirando o máximo dele?" Uma boa oportunidade poderia fazê-lo: uma dica quente, uma entrevista exclusiva, um golpe espetacular de iniciativa.

Ele pensara haver encontrado isso hoje, mas se enganara. Agora ficava pensando se jamais aconteceria de novo.

Levantou-se e foi até o lavatório masculino. Que mais posso fazer?, pensou. Poderia sempre

ir trabalhar com computadores, em propaganda, em relações públicas ou na gerência de vendas a varejo. Porém queria deixar o jornalismo com sucesso, não com fracasso.

Enquanto lavava as mãos, Arthur Cole entrou. O homem mais velho falou com Hart sem virar-lhe o rosto. Para espanto de Kevin, ele disse:

— Desculpe por aquilo, Kevin. Você sabe como é que a gente fica naquela mesa de redação de notícias de vez em quando...

Kevin puxou a toalha. Não sabia bem o que dizer. Cole caminhou até os lavatórios:

— Não ficou zangado, ficou?

— Não estou ofendido — disse Kevin. — Não me importam seus palavrões. Não me importaria se me chamasse de maior filho da puta da Terra. — Hesitou um momento: não era aquilo o que queria dizer. Olhou para o espelho por um momento e depois desabafou: — Quando minha reportagem, no entanto, aparece no jornal sem a metade dos fatos, começo a me questionar se não deveria tornar-me um programador de computador.

Cole encheu a pia com água e lavou o rosto. Procurou às cegas a toalha e secou-se.

— Você deveria saber disso — começou ele — mas eu lhe conto de qualquer maneira. A história que publicamos no jornal consistiu daquilo que sabemos, e unicamente daquilo que sabemos. Sabemos que Fitzpeterson foi encontrado inconsciente e levado às pressas para o hospital, e sabemos que havia um vidro vazio ao lado dele, porque você viu tudo isso. Estava no lugar certo na hora certa, o que, incidentalmente, é uma importante qualidade para um repórter possuir. Agora, o que mais sabemos?

Sabemos que recebemos uma dica anônima que o homem passara a noite com uma prostituta; e que alguém telefonou dizendo ser Fitzpeterson e alegando estar sendo chantageado por Laski e Cox. Agora, se publicarmos esses dois fatos, não podemos deixar de dar a entender que estão ligados à dose excessiva de comprimidos; de fato, ele os tomou porque estava sendo chantageado por causa da prostituta.

— Mas essa implicação é tão óbvia que decerto estamos enganando as pessoas se não a publicamos! — argumentou Kevin.

— E que tal se os telefonemas tivessem sido falsos, os comprimidos fossem contra indigestão e o homem estivesse num coma diabético? E se com isso arruinássemos a carreira dele?

— Isto não é um tanto improvável?

— Sem dúvida. Kevin, estou quase certo que a verdade é aquilo que consta de sua história original, mas não estamos aqui para publicar nossas suspeitas. Agora, vamos voltar ao trabalho.

Kevin foi atrás de Arthur, atravessando a porta e a sala da redação. Sentia-se como a heroína de uma fita de cinema que diz: "Estou tão confusa; não sei o que fazer!"

Não sabia ao certo se Arthur estava com a razão, mas também sentia que as coisas não deviam passar-se assim.

— Redação de notícias — disse Kevin, ao atender ao telefone que tocava sobre uma mesa vazia.

— Você é um repórter? — perguntou uma voz de mulher.

— Sim, minha senhora. Meu nome é Kevin Hart. Em que posso servi-la?

— Meu marido levou um tiro, e desejo justiça.

Kevin suspirou. Um tiroteio doméstico constituía assunto para um tribunal, o que, por sua vez, significava não haver meios de o jornal poder transformá-lo numa reportagem importante. Ele pensou que a mulher iria dizer-lhe quem havia atirado no marido e pedir-lhe para publicar o nome. Eram, porém, os jurados que decidiam sobre quem atirou em quem e não os jornais.

— Quer me dizer o seu nome, por favor? — indagou ele.

— Doreen Johnson, Yew Street, 5, East One. Meu Willie foi alvejado neste assalto do dinheiro. — A voz da mulher fraquejou. Ele ficou cego. — E alteando a voz:

— Foi um "serviço" do Tony Cox, apenas publique isso! — E a linha ficou muda.

Kevin descansou o fone bem devagar, tentando absorver o que ouvia.

Aquele dia estava se tornando um inferno de um dia para telefonemas!

Pegou o caderno de notas e foi até a mesa do editor.

— Tem alguma coisa? — perguntou Arthur.

— Não sei — disse Kevin. — Uma mulher telefonou; deu-me seu nome e endereço. Disse que o marido estava no roubo do dinheiro, que levou um tiro no rosto e ficou cego, e que aquilo foi um "serviço" de Tony Cox.

Arthur olhou-o espantado:

— Cox? — disse ele. — Cox!

— Arthur! — chamou-o alguém.

Kevin levantou os olhos, irritado com a interrupção. A voz era de Mervyn Glazier, o editor de cidade do jornal; era um jovem atarracado, que usava sapatos de camurça bem gastos e uma camisa molhada de suor.

Glazier aproximou-se mais para perto e disse:

— Talvez eu tenha uma história para suas páginas esta tarde. O possível colapso de um banco. Chama-se Banco do Algodão da Jamaica e é propriedade de um homem de nome Felix Laski.

Arthur e Kevin olharam espantados um para o outro.

— Laski? Laskil — perguntou Arthur.

— Meu Deus! — exclamou Kevin.

Arthur franziu o cenho, coçou a cabeça e disse intrigado:

— Que diabos está acontecendo?

O Morris azul ainda estava seguindo Tony Cox. Ele o detectou no estacionamento de carros do pub quando saiu dali. Esperava que não fossem bancar os espertinhos e fazerem um teste de seu hálito; ele bebera três grandes copos de cerveja com sanduíches de salmão defumado. Os detetives cruzaram a saída alguns segundos atrás do Rolls. Tony não estava preocupado. Despistara-os uma vez hoje, e poderia fazê-lo de novo. A maneira mais simples era encontrar um trecho reto e longo de estrada e meter o pé no acelerador. No entanto, preferiria que eles não soubessem que o haviam perdido, exatamente como nesta manhã.

Não seria difícil.

Cruzou o rio e entrou no West End. Enquanto abria caminho através do tráfego, pensava sobre quais seriam os motivos para o Velho Bill segui-lo por todo lado. Em parte era a simples vontade

de tornar-se importuno, ele estava certo. Como é que os manuais chamavam aquilo? Ação de importunar. Acreditavam que se o seguissem por muito tempo, ele ficaria impaciente ou descuidado e faria algo estúpido. Isso, entretanto, era apenas a justificativa; o motivo real residia, provavelmente, na política da Scotland Yard. Talvez o comissário assistente (Crimes) tivesse ameaçado tirar a "firma" de Tony Cox de Cl e entregá-la à equipe de vigilância, de modo que Cl tinha montado a vigilância sobre ele, a fim de poderem dizer que estavam fazendo algo.

Desde que não o importunassem, Tony não estava ligando. Eles tinham endurecido uma vez, há alguns anos. Naquela época a "firma" de Tony caíra sob o olho de águia do Departamento de Investigação Criminal na Central de West End. Tony tivera um entendimento muito íntimo com o detetive-inspetor que trabalhava no caso. Uma determinada semana o detetive-inspetor recusara sua propina usual e alertara Tony de que o jogo terminara. A única maneira que Tony tivera para acertar as coisas fora sacrificar alguns de seus "peões". Ele e o detetive-inspetor tinham enquadrado cinco bandidos de alguma importância numa acusação de extorsão. Os cinco tinham ido para a cadeia, a imprensa elogiara o departamento por haver desmantelado o domínio da quadrilha em Londres, e os negócios continuaram como sempre. Lamentavelmente, aquele detetive-inspetor fora destituído por haver "plantado" maconha num estudante. Um triste fim para uma carreira promissora, lamentou-se Tony.

Ele entrou num edifício-garagem de vários andares no Soho. Deu uma parada na entrada, levando um longo tempo para tirar o bilhete da máquina enquanto observava o Morris azul pelo retrovisor. Um dos detetives saltou do carro e atravessou a rua para cobrir a saída de pedestres. O outro encontrou um estacionamento pago perto dali, numa posição de onde poderia ver a saída dos carros do edifício-garagem. Tony balançou a cabeça, satisfeito.

Subiu ao primeiro andar e parou o Rolls junto ao escritório da garagem. No interior estava um jovem que ele não conhecia.

— Sou Tony Cox — anunciou. — Desejo estacionar meu carro aqui e quero que me empreste um dos carros de longa permanência... um que não seja apanhado hoje.

O rapaz franziu a testa. Usava os cabelos revoltos, despenteados, e jeans sujos de óleo com o assento puido.

— Não posso fazer isso — disse ele.

Tony bateu com o pé no chão impacientemente.

— Não gosto de repetir as coisas, filhote. Eu sou Tony Cox. O jovem riu. Levantou-se, fez uma careta e disse:

— Não estou ligando para quem você é...

Tony deu-lhe um soco no estômago. Seu grande punho acertou-o com uma pancada mole; era como dar um soco num travesseiro de penas. O empregado dobrou-se, gemendo e procurando respirar.

— Não tenho muito tempo a perder, garoto — avisou Tony. A porta do escritório abriu-se.

— O que está acontecendo? — perguntou um homem mais velho com um boné de beisebol, ao entrar. Oh! é você, Tony. Algum problema?

— Aonde é que você andava? Fumando na privada? — disse Tony rispidamente. — Quero um carro que não possa ser relacionado comigo, e estou com pressa.

— Não há problema — disse o homem mais velho. Pegou um chaveiro que estava pendurado na parede forrada de asbesto. — Tenho um ótimo Granada que está aqui para uma quinzena.

Três litros, automático, bela cor de bronze...

— Não estou ligando para a cor. — Tony pegou as chaves.

— Está ali — apontou o homem. — Eu estaciono o seu. Tony saiu do escritório e entrou no Granada. Prendeu o cinto de segurança e deu a partida. Parou ao lado de seu próprio carro, no qual agora estava sentado o homem com o boné.

— Qual é o seu nome? — indagou Tony

— Eu sou Davy Brewster, Tony.

— Muito bem, Davy Brewster — disse Tony, procurando sua carteira da qual tirou duas notas de dez libras. — Faça com que o garoto mantenha a boca fechada, certo?

— Não há problema. Muito obrigado. — Davy pegou o dinheiro. Tony afastou-se. Enquanto dirigia, colocou os óculos de sol e um boné de pano. Quando saiu para a rua, o Morris estava bem à sua direita. Colocou o cotovelo direito na beira da janela, cobrindo o rosto com a mão direita e dirigindo com a outra. O segundo detetive, à esquerda de Tony, posicionara-se de costas para a rua, a fim de poder ver a saída de pedestres. O homem estava fingindo que olhava para uma vitrina de livros religiosos.

Tony deu uma olhada no retrovisor quando acelerou o carro. Nenhum dos dois o havia visto.

— Fácil... — disse Tony em voz alta, e dirigiu-se para o sul. O carro era muito agradável, com mudança automática e direção hidráulica. Tinha um toca-fitas. Tony escolheu entre os cassetes, descobriu uma seleção dos Beatles e colocou-a no aparelho. Depois acendeu um charuto.

Em menos de uma hora estaria na fazenda, contando o dinheiro. Valera a pena cultivar a amizade de Felix Laski, pensou Tony. Haviam-se encontrado no restaurante de um dos cassinos de Tony. Os cassinos de Cox serviam a melhor comida de Londres. O lema de Tony era: se você serve amendoim, você arranja macacos como clientes...

Ele desejava ver sujeitos ricos em seus cassinos, não vagabundos à procura de chopes e saquinhos de batatas fritas de cinco centavos. Ele próprio não gostava de comida sofisticada, mas na noite em que conheceu Laski estava comendo um enorme bifesteque mai-passado numa mesa próxima à do financista.

O cozinheiro tinha sido roubado do Prunier. Tony não sabia o que ele fazia com os bifes, mas o resultado era sensacional. O homem alto e elegante na mesa ao lado da dele chamara-lhe atenção: um homem de boa aparência para sua idade. Estava acompanhado de uma jovem que Tony logo identificou como uma prostituta.

Tony acabara seu bife e se preparava para comer a sobremesa quando aconteceu o acidente. O garçom estava servindo canelone para Laski quando, por algum motivo, uma meia garrafa de clarete foi derrubada. A pequena pulou, dando um grito para não se sujar, e algumas gotas de vinho mancharam a impecável camisa branca de Laski.

Tony agiu de imediato. Levantou-se, deixando cair o guardanapo na mesa e chamou três garçons e o maître. Falou primeiro com o garçom que havia causado o desastre:

— Saia daqui e mude a roupa. Pegue seus cartões do sindicato na sexta-feira. — Virou-se para os outros: — Bernardo, uma toalha; Giulio, outra garrafa de vinho; Monsieur Charles, outra mesa, e não apresente a conta a este cavalheiro. — Finalmente falou para o casal:

— Sou Tony Cox, o proprietário. Por favor, seu jantar é por conta da casa, com minhas

desculpas, e espero que escolham os pratos mais caros do cardápio, começando com uma garrafa de Dom Perignon.

— Estas coisas não podem ser evitadas — falou então Laski. A voz dele era grave e tinha um ligeiro sotaque. — Mas é agradável receber um generoso e antiquado pedido de desculpas. — E sorriu.

— Não sujou meu vestido — disse a pequena. O sotaque confirmava o palpite de Tony acerca de sua profissão; ela vinha da mesma parte de Londres que ele.

— Monsieur Cox, a casa está cheia. Não há outra mesa — avisou o maître.

Tony apontou para sua própria mesa.

— O que há de errado com esta? Limpe-a, rapidamente.

— Por favor, não — disse Laski. — Não gostaríamos de privá-lo de sua mesa.

— Eu insisto.

— Então, por favor, junte-se a nós.

Tony olhou para ambos. A pequena obviamente não gostou da ideia. Estava seu acompanhante apenas procurando ser polido ou estava falando sério? Bem, Tony quase já havia terminado, assim, se aceitasse, logo poderia deixar a mesa.

— Não quero intrometer-me...

— Você não estará incomodando — disse Laski. — E pode contarme como é que se ganha na roleta.

— Com prazer — disse Tony.

Permaneceu com eles a noite inteira. Ele e Laski entenderam-se às mil maravilhas, e desde cedo ficou muito claro que independente do que a pequena pensasse não tinha importância. Tony contou histórias de patifarias no mundo dos cassinos, e Laski acompanhou-o, anedota por anedota, com histórias da prática de trapanças na Bolsa de Valores. Ficou claro que Laski não era um jogador, mas que gostava de trazer gente para jogar. Quando foram até o cassino, ele comprou cinquenta libras de fichas e deu-as para a pequena. A noite terminou quando Laski, a esta altura bem bêbado, disse:

— Suponho que está na hora de levá-la para casa e dar-lhe uma foda.

Depois disso os dois se encontraram várias vezes no cassino — nunca por combinação prévia — e sempre terminavam se embriagando juntos. Depois de algum tempo, Tony deu a entender a Laski que era gay, mas ele não ligou. Tony concluiu então que Laski era um homossexual tolerante.

Agradava a Tony constatar que podia tornar-se amigo de alguém da classe dos financistas. A cena no restaurante foi a parte mais fácil, e tinha sido muito bem ensaiada: os grandes gestos, a pose de comando, a pesada cortesia e uma conscienciosa moderação de seu sotaque. Entretanto, parecia a Tony uma grande realização conseguir manter um relacionamento com alguém tão dotado intelectualmente, tão rico e tão habituado a movimentar-se em círculos quase aristocráticos como Laski.

Foi Laski quem fez o primeiro movimento na direção de um relacionamento mais profundo. Os dois estavam embriagados na manhã de um domingo, e Laski comentara sobre o poder do dinheiro.

— Com dinheiro bastante, posso descobrir qualquer coisa na City, até mesmo a combinação da fechadura do cofre-forte do Banco da Inglaterra — falou ele.

— Sexo é melhor — comentou Tony.

— O que você quer dizer?

— O sexo é uma arma melhor. Posso descobrir qualquer coisa em Londres usando o sexo.

— Disto eu duvido — disse Laski, cujas necessidades sexuais eram muito controladas.

— Muito bem: experimente-me! — disse Tony em tom de desafio.

Foi então que Laski fez seu lance:

— A licença para a exploração do poço de petróleo de Shield. Descubra quem a ganhou, antes de ser anunciada pelo governo.

Tony viu um brilho nos olhos do financista e compreendeu que toda a conversa fora planejada.

— Por que não me pede algo difícil? — contrapôs ele. — Políticos e funcionários civis são fáceis demais.

— Isto chegará — disse Laski, com um sorriso.

— Certo, mas também tenho de desafiar você.

— Vamos lá — disse Laski, franzindo o cenho. Tony disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Descubra qual é o programa de transporte de notas usadas para a usina de incineração do Banco da Inglaterra.

— Isso nem irá custar-me dinheiro — retrucou Laski, confiante. E foi assim que tudo começou. Tony sorria enquanto guiava o Ford Granada pelas ruas da zona sul de Londres. Não sabia como Laski conseguira cumprir sua parte da barganha, mas o lado de Tony tinha sido uma sopa. Quem tem a informação que desejamos? O ministro. Que espécie de homem é ele? A coisa mais próxima de uma virgem: um esposo fiel. Ele se diverte muito com a esposa? Não muito. Será que ele cairá no mais velho truque do mundo? Como um patinho.

A fita do cassete terminou, e ele virou-a de lado. Ficou calculando quanto dinheiro haveria no furgão do banco. Uns cem mil? Talvez até 250 mil. Muito mais do que isso seria embaraçoso. Não se poderia entrar no Banco Barclay com sacos cheios de notas usadas de cinco sem levantar suspeitas. Cerca de 150 mil seria o ideal. Cinco mil para cada um dos rapazes, um pouco mais para cobrir despesas e cerca de cinquenta mil acrescentados sub-repticiamente às receitas de vários negócios legítimos esta noite. Cassinos eram muito úteis para esconder receitas ilícitas.

Os rapazes sabiam o que fazer com os cinco mil. Pagar algumas dívidas, comprar um carro usado, pôr algumas centenas em duas ou três contas bancárias, comprar um novo casaco para a esposa, emprestar duas libras para a sogra, passar uma noite no pub e, bague!, lá se fora tudo... Mas se você lhes der vinte mil, eles começam a ter ideias idiotas. Quando trabalhadores desempregados ou biscateiros começam a comentar sobre casas de campo no sul da França, a lei começa a suspeitar deles.

Tony sorriu. Por que deveria eu preocupar-me acerca de ter muito dinheiro, pensou. Gosto dos problemas surgidos com o sucesso. Não conte com os ovos no cu da galinha, dizia às vezes Jacko. O furgão poderia estar cheio de moedas de cobre gastas de meio centavo para serem derretidas.

Agora isso seria uma boa piada...

Estava bem próximo da fazenda. Começou a assobiar.

Felix Laski estava sentado em seu escritório, observando uma tela de televisão e rasgando um envelope marrom em tiras fininhas. A televisão de circuito fechado era o equivalente da velha fita de cotações da bolsa, e Laski sentia-se como um corretor preocupado num velho filme sobre o craque da bolsa em 1929. O aparelho mostrava continuamente na tela notícias do mercado e os movimentos dos preços das ações, mercadorias e moedas. Não houvera menção da concessão do poço de petróleo. As ações da Hamilton haviam caído cinco pontos no dia anterior, e os negócios da bolsa estavam moderados.

Acabou de destruir o envelope e jogou-o num cesto de metal. A concessão do poço de petróleo deveria ter sido anunciada há uma hora.

Pegou o telefone azul e discou 123. "Ao terceiro sinal será uma hora, 45 minutos e 50 segundos." O comunicado estava atrasado mais de uma hora. Discou para o Ministro de Energia e pediu o ramal do gabinete de imprensa.

— O ministro atrasou-se — informou uma mulher. — A entrevista coletiva começará tão logo ele chegue, e será anunciada a companhia escolhida.

Para o inferno com seus atrasos, pensou Laski; tenho uma fortuna envolvida nisso.

— Carol? — chamou ele pelo interfone. Não obteve resposta. Berrou: — Carol!

— Desculpe-me, eu estava no arquivo — falou a moça, com a cabeça na porta entreaberta.

— Traga-me café.

— Claro, senhor.

Apanhou na bandeja de entrada uma pasta intitulada: "Precision Tubing — Relatório de Vendas — primeiro semestre." Era um relatório de espionagem de rotina numa firma que ele pensava comprar. Tinha uma teoria de que bens de capital apresentavam uma tendência a comportar-se bem quando uma depressão estava chegando ao fundo.

Mas será que a Precision Tubing tem capacidade de expansão?, pensou. Olhou para a primeira parte do relatório, franziu o nariz com a indigesta prosa do diretor de vendas e jogou a pasta para o lado. Quando fazia uma jogada e perdia, podia aceitar o resultado com equanimidade. Ficava incomodado quando algo dava errado por razões desconhecidas. Sabia que não seria capaz de concentrar-se em nada até que o negócio do Shield estivesse resolvido.

Correu os dedos pelo vinco marcado da calça e pensou em Tony Cox. Gostara do jovem meliante, apesar de sua óbvia homossexualidade, porque sentia por ele o que os ingleses chamam de "afinidade espiritual". Da mesma forma que Laski, Cox viera da pobreza para a prosperidade com determinação, oportunismo e falta de escrúpulos.

Também como Laski, tentara aparar as arestas de suas maneiras de classe baixa. Laski estava tendo melhores resultados, mas só porque vinha praticando há mais tempo.

Cox desejava ser como Laski, e o conseguiria: quando chegasse aos cinquenta anos, seria um distinto cavalheiro da City, de cabelos grisalhos, como ele.

Laski sabia que não tinha a mínima razão para confiar em Cox. Escutava seu instinto, entretanto, que lhe dizia que o jovem era honesto para com os conhecidos; mas os Tony Coxes deste mundo eram experimentados vigaristas. Será que ele teria simplesmente inventado toda

esta história sobre Tim Fitzpeterson?

A tela mostrou de novo a cotação da Hamilton Holdings — cairá mais um ponto. Laski desejava que eles não usassem aqueles malditos tipos de computador, todos de linhas horizontais e verticais, que lhe cansavam os olhos. Começou a calcular quanto perderia se a Hamilton não recebesse a concessão.

Se ele pudesse vender as 510 mil ações de imediato, perderia apenas alguns milhares de libras. Não poderia, no entanto, descarregar todo o love ao preço de mercado.

E o preço continuava caindo. Talvez uma perda de vinte mil, no máximo. E uma desvantagem psicológica: o dano a sua reputação de vencedor.

Havia mais alguma coisa sendo arriscada? O que Cox planejava fazer com a informação que Laski havia fornecido era decerto algo criminoso. Entretanto, como Laski realmente nada sabia a respeito, não poderia ser condenado por cumplicidade.

Ainda havia a questão da Lei dos Segredos Oficiais da Inglaterra — branda pelos padrões europeus, mas mesmo assim uma formidável peça de legislação. Era ilegal aproximar-se de um funcionário civil e obter dele dados confidenciais. Provar que Laski havia feito isso seria difícil, mas não impossível. Ele perguntara a Peters se ele tinha um dia cheio à frente e Peters respondera: "Um daqueles dias!" Então Laski dissera a Cox: "É hoje." Bem, se Cox e Peters pudessem ser persuadidos a testemunhar, então Laski seria condenado.

Peters, porém, nem sabia que havia revelado um segredo, e ninguém pensaria em perguntarlhe. Suponhamos que Cox fosse preso? A polícia inglesa tinha meios de arrancar informações das pessoas, mesmo sem usar bastões de jogar beisebol. Cox poderia dizer que havia obtido a informação de Laski, então iriam checar os movimentos de Laski durante o dia e poderiam descobrir que ele tomara o café da manhã com Peters...

Era uma possibilidade muito remota. Laski estava mais preocupado acerca de acabar com a transação da Hamilton.

O telefone tocou.

— Sim — atendeu Laski.

— É de Threadneedle Street, um Sr. Ley — informou Carol.

— Talvez seja sobre o Banco do Algodão. Mande-o ligar para o Jones — falou Laski, indeciso.

— Ele já se comunicou com o Banco do Algodão, e o Sr. Jones já foi para casa.

— Foi para casa? Muito bem: ponha o Sr. Ley na linha, eu atendo.

— O Sr. Laski está na linha — falou Carol para o Sr. Ley.

— Laski? — A voz tinha um tom alto e um sotaque arrastado de aristocrata.

— Sim.

— Aqui é Ley, Banco da Inglaterra.

— Como vai?

— Boa tarde. Olhe aqui, meu chapa — Laski virou os olhos a esse tratamento — você fez um cheque muito alto para a Fett & Cia.

Laski empalideceu:

— Por Deus, eles já o apresentaram?

— Bem, sim, chego até a pensar que a tinta ainda não estava bem seca... Agora a coisa é a seguinte: o sacado é o Banco do Algodão, como você obviamente sabe, e o pobre coitadinho do Banco do Algodão não pode cobri-lo. Está me entendendo?

— Naturalmente que estou entendendo você. — O maldito sujeito estava falando como se se dirigisse a uma criança. Nada irritava mais Laski. — É claro que minhas instruções para prover esses fundos não foram seguidas. Entretanto, talvez eu possa alegar que meu pessoal pode ter pensado muito bem que tinham um pouco de tempo para fazê-lo.

— Hum... Realmente o bonito é ter fundos antes de assinar um maldito cheque, apenas para jogar seguro, você não pensa assim?

Laski raciocinou rápido. Maldição! Isto não precisaria ter acontecido se o anúncio tivesse sido feito a tempo. E onde se metera Jones?

— Você deve ter imaginado que o cheque foi para pagamento pelo interesse controlador da Hamilton Holdings. Acho que essas ações seriam boas como garantia...

— Oh, meu querido, não, não — interrompeu Ley. — Assim a coisa não vai. O Banco da Inglaterra não está na praça para financiar especulações no mercado de ações.

Talvez não, pensou Laski, mas se o anúncio tivesse sido feito e você soubesse que a Hamilton Holdings agora tinha a concessão do poço de petróleo, não estaria fazendo esse estardalhaço todo. Ocorreu-lhe que talvez eles soubessem, e que a Hamilton não fora a indicada para a concessão do poço; daí o telefonema. Laski ficou zangado.

— Olhe aqui: vocês são um banco. Eu lhes pago os juros por 24 horas sobre o dinheiro...

— O banco não costuma se meter no mercado de dinheiro.

— Você sabe muito bem que posso dar cobertura àquele cheque com facilidade se me derem algum tempo! — falou Laski, exaltado.

— Se o devolverem, minha reputação está liquidada. Vocês vão arruinar-me por causa de uma porcaria de um milhão de libras por uma noite e de uma tola tradição?

— Sr. Laski, nossas tradições existem especificamente com o propósito de arruinar pessoas que assinam cheques que não podem honrar — retrucou Ley, secamente. — Se esse saque não puder ser coberto hoje, pedirei ao sacado que o reapresente. Isto quer dizer, efetivamente, que o senhor tem uma hora e meia para fazer um depósito em dinheiro de um milhão de libras em Threadneedle Street, bom dia!

— Vá para o inferno! — disse Laski, mas Ley já havia desligado. Ele arriou o fone com tanta força que quebrou o plástico. Sua cabeça disparou. Deveria haver uma maneira de levantar um milhão instantaneamente... será que não haveria?

O café que pedira tinha chegado enquanto estava ao telefone, e ele não notara que Carol entrara. Provou o café e fez uma careta.

— Carol! — gritou.

— Sim? — apareceu ela à porta. com o rosto vermelho e tremendo, ele jogou a xícara de porcelana na cesta de papéis, onde ela estilhaçou-se ruidosamente. E berrou:

— A porra do café está frio!

A moça virou-se e fugiu da sala.

Doas Horas da Tarde

O jovem Billy Johnson estava à procura de Tony Cox, mas a toda hora esquecia-se disso.

Havia saído de casa muito rápido após voltarem do hospital. A mãe estava-se lamentando em altos gritos, havia alguns policiais pela casa, e Jacko tinha sido levado para a delegacia, a fim de ajudar no interrogatório. Os vizinhos e parentes que continuavam a chegar aumentavam ainda mais a confusão. Billy gostava de sossego.

Ninguém parecia disposto a preparar-lhe o almoço ou a dedicarlhe qualquer atenção, de forma que ele comeu um pacote de biscoitos de gengibre e saiu pela porta dos fundos, dizendo à Sra. Glebe, que morava três portas adiante, que ia para casa da tia ver televisão colorida.

Enquanto caminhava, ele procurava entender como as coisas se haviam passado. Andar ajudava-o a pensar. Quando ficava confuso, podia parar e olhar para os carros, as pessoas e as lojas durante algum tempo, a fim de descansar a cabeça.

Primeiro Billy foi na direção da casa da tia, até lembrar-se que realmente não queria ir para lá; apenas dissera aquilo para evitar que a Sra. Glebe dificultasse sua saída. Agora precisava pensar para onde estava indo. Parou, olhando para a vitrina de uma loja de discos, lendo com dificuldade os títulos nas enfeitadas capas, e tentando correlacionálos com canções que ouvira no rádio. Tinha um toca-discos, mas faltavalhe dinheiro para comprar discos, e o gosto dos pais não combinava com o dele. Mamãe gostava de canções piegas, papai gostava de bandas com muitos metais, e Billy gostava de rock-and-roll. A única pessoa que ele conhecia e que gostava de rock-and-roll era Tony Cox...

Era isso! Ele estava à procura de Tony Cox.

Encaminhou-se para o lado que julgava ser aproximadamente a direção para Bethnal Green. Ele conhecia o East End muito bem — cada rua, cada loja, todos os lugares bombardeados, trechos de terrenos baldios, canais e parques — mas os conhecia aos pedaços. Passou por um lugar onde havia uma demolição e lembrou-se que a avó Parker vivera ali e temara em ficar sentada em sua sala da frente enquanto as velhas casas vizinhas eram derrubadas. Por fim pegou pneumonia e morreu, aliviando o bairro londrino de Tower Hamlets do problema do que fazer com ela.

Billy acompanhara a história com interesse; era como algo na televisão. Sim, ele conhecia cada pequena parte do panorama de East London, mas não podia juntá-las na mente. Conhecia a Commercial Road e conhecia a Mile End Road, mas não sabia que as duas se encontravam em Aldgate. Apesar disso, ele podia quase sempre encontrar o caminho para casa, mesmo que às vezes levasse mais tempo do que esperava; e se realmente se visse perdido, o Velho Bill levava-o de volta para casa num carro de patrulha. Todos os tiras conheciam seu papai.

Quando chegou a Wapping, já havia esquecido de novo o seu rumo, mas julgou que talvez fosse ver os navios. Entrou por um buraco na cerca; o mesmo buraco que tinha usado com Snowy White e Tubby Toms naquele dia em que pegaram um rato, e os outros disseram a Billy para levá-lo para casa para a mamãe porque ela gostaria de cozinhá-lo para o chá. Ela não tinha gostado nada da brincadeira; deu um pulo para o ar, deixou cair um pacote de açúcar e gritou. Mais tarde chorou, dizendo que eles não deviam zombar de Billy. As pessoas muitas vezes pregavam-lhe peças, mas ele não ligava, porque erabomter colegas.

Andou sem rumo durante algum tempo. Tinha a impressão de que costumava haver mais navios por ali, quando ele era menor. Hoje só podia ver um. Era um navio grande, bastante

afundado na água, com um nome no costado que ele não conseguia ler. Os homens estavam estendendo uma canalização do navio para um armazém.

Ficou olhando por algum tempo e depois perguntou a um dos homens:

— O que há dentro do navio?

O homem que usava boné e colete olhou para ele e disse:

— Vinho, companheiro.

— Dentro do navio? Tudo vinho? Cheio? — indagou Billy, surpreso

— Sim, companheiro. Chateau Marrocos, safra de cerca da última quinta-feira.

Todos os homens riram disso, mas Billy não entendeu. Os homens continuaram trabalhando por um tempo e depois aquele com quem ele havia falado indagou:

— Afinal de contas, o que está você fazendo por aqui? Billy pensou por um momento e depois disse:

— Esqueci...

O homem encarou-o e murmurou qualquer coisa para um dos outros. Billy ouviu parte da resposta:

—...ele é capaz de cair dentro da porra do mar. — E o primeiro homem foi para dentro do armazém.

Depois de algum tempo, chegou um policial das docas que perguntou aos homens:

— É esse o rapaz? — Eles disseram que sim com cabeça, e o policial dirigiu-se a Billy: — Você está perdido?

— Não — disse Billy.

— Para onde você vai?

Billy ia responder que não estava indo a parte alguma, mas essa pareceu-lhe a resposta errada. Subitamente lembrou-se:

— Bethnal Green.

— Muito bem, venha comigo que lhe ensino o caminho. Sempre preferindo seguir a linha de menor resistência, Billy caminhou ao lado do tira até o portão das docas.

— Onde é que você vive? — perguntou o policial.

— Yew Street.

— Sua mãe sabe onde você está?

Billy decidiu que o policial era uma outra Sra. Glebe, e estava na hora de pregar uma mentira.

— Sim, estou indo para casa de minha tia.

— Tem certeza que sabe o caminho?

— Sim.

Eles haviam chegado ao portão. O guarda olhou para ele especulativamente e depois decidiu-se.

— Muito bem, então, se mande! Não volte a perambular pelas docas; é mais seguro andar

pelo lado de fora.

— Obrigado — disse Billy. Quando estava em dúvida, ele agradecia às pessoas. E foi embora.

Estava ficando mais fácil lembrar-se das coisas. Papai estava no hospital. Ele ia ficar cego, e era por culpa de Tony Cox. Billy conhecia um homem cego... bem, dois, se contasse com Squint Thatcher, que só era cego quando ia para o Oeste com seu acordeão. Cego mesmo, só havia Hopcraft, que vivia sozinho numa casa malcheirosa na Ilha dos Cães e que andava com uma bengala branca. Será que papai precisaria usar óculos escuros e andar devagar, batendo com a bengala no meio-fio? Aquele pensamento perturbou Billy.

As pessoas pensavam que ele era incapaz de ficar perturbado porque nunca derramava lágrimas. Foi assim que descobriram, quando era um bebê, que ele era diferente: costumava machucar-se e não chorava. Mamãe às vezes dizia: "Ele sente as coisas mas nunca demonstra."

Papai costumava dizer que, de qualquer modo, mamãe ficava muito perturbada o suficiente para os dois...

Quando aconteciam coisas de fato horríveis, como a peça do rato que Snowy e Tubby pregaram nele, Billy sentia que ficava todo excitado por dentro e que desejava fazer qualquer coisa drástica, como gritar, mas isso nunca acontecia.

Ele matara o rato, e isto ajudara. Segurou-o com uma das mãos e com a outra bateu-lhe na cabeça com um tijolo até ele parar de contorcer-se.

Ele faria algo parecido com Tony Cox.

Ocorreu-lhe que Tony era bem maior que um rato; realmente ele era maior do que Billy. Aquilo desconcertou-o, de forma que afastou a ideia da memória.

Parou no fim de uma rua. A casa da esquina tinha uma loja no andar térreo, uma loja daquelas antigas, onde se vendia uma porção de coisas. Billy conhecia a filha do dono, uma bonita pequena de cabelos compridos chamada Sharon. Há cerca de dois anos ela deixara ele mexer nos peitinhos dela, mas depois disso ela fugiu e nunca mais quis falar com ele. Durante vários dias depois Billy não pensava noutra coisa a não ser naquelas saliências redondas debaixo da blusa dela e de como ele se sentira depois de tê-las tocado. Passado algum tempo, concluiu que a experiência era uma daquelas coisas gostosas que nunca acontecem duas vezes.

Entrou na loja. A mãe de Sharon estava atrás do balcão, usando um guarda-pó listrado. Ela não reconheceu Billy. Esboçando um sorriso, ele cumprimentou-a:

— Alo!

— Em que posso servi-lo? — Ela tinha um ar inquieto.

— Como vai Sharon? — perguntou Billy.

— Está bem, obrigada; no momento ela saiu. Você a conhece?

— Sim. — Billy correu os olhos pela loja, para o sortimento de gêneros, ferragens, livros, roupas, fumo e balas. Ele quis dizer: "Ela deixou-me apalpar os seios dela uma vez", mas sabia que isso não estaria certo. — Eu costumava brincar com ela.

Parecia ser a resposta que a mulher desejava; pareceu aliviada. Sorriu, e Billy viu que tinha os dentes manchados de fumo, como seu pai. Ela perguntou:

— Deseja comprar alguma coisa?

Houve um barulho de sapatos descendo uma escada e Sharon entrou na loja pela porta que ficava atrás do balcão. Billy ficou surpreso: parecia muito mais velha. Os cabelos dela eram curtos e os peitos bem grandes, movimentando-se por baixo da camiseta. Tinha as pernas longas e vestia jeans apertados.

— Até já, mãe — e virou-se para sair. Billy pôs-se à frente dela e cumprimentou-a:

— Alo, Sharon!

Ela parou e encarou-o. O reconhecimento estampou-se em seu rosto e ela disse:

— Oh! Alo, Billy. Preciso sair. — E depois desapareceu.

A mãe parecia embaraçada.

— Desculpe-me, esqueci-me que Sharon ainda estava lá em cima...

— Não faz mal; também me esqueço de muitas coisas.

— Bem. Posso servi-lo de alguma coisa? — repetiu a mulher.

— Quero uma faca.

Aquilo tinha surgido na cabeça de Billy vindo do nada, mas ele sabia imediatamente que estava certo. Não havia nenhuma possibilidade de bater na cabeça de um homem grande como Tony com uma pedra — ele apenas revidaria batendo nele. Então Billy precisava cravar-lhe uma faca nas costas, como um índio.

— Para você, ou para sua mãe?

— Para mim.

— Para que quer uma faca?

Billy sabia que não deveria dizer-lhe. Franziu a testa e disse:

— Para cortar coisas, corda e outras coisas.

— Oh! — A mulher procurou na vitrina e retirou uma faca dentro de uma bainha, semelhante às usadas pelos escoteiros.

Billy tirou todo o dinheiro que trazia no bolso da calça. Dinheiro era uma das coisas em que ele não era bom; sempre deixava o dono da loja tirar quanto era necessário.

A mãe de Sharon olhou e disse:

— Mas você só tem oito centavos.

— É o bastante?

— Não. Desculpe — respondeu ela, com um suspiro.

— Bem. Então posso comprar um chiclete de bola?

A mulher recolocou a faca na vitrina e pegou um pacote de chiclete de uma prateleira.

— São seis centavos.

Billy ofereceu-lhe a mão cheia de moedas e a mulher tirou algumas.

— Obrigado — disse Billy. Saiu para a rua e abriu o pacote. Gostava de pôr tudo na boca de uma só vez. Continuou a andar mascando os chicletes com prazer. Por um momento esquecera-se para onde ia.

Parou para ver alguns homens cavando um buraco na calçada, com as cabeças no mesmo

nível que os pés de Billy. Ele observou, interessado, que a parede da escavação mudava de cor à medida que se aprofundava. Primeiro havia a calçada, depois um material escuro como alcatrão, depois terra solta marrom, depois argila úmida. No fundo havia um tubo feito de concreto novo e limpo. Por que colocavam tubos debaixo da calçada? Billy não fazia a mínima ideia. Ele abaixou-se e indagou:

— Por que vocês estão pondo um tubo debaixo da calçada? Um trabalhador olhou para cima e respondeu:

— Estamos escondendo o tubo dos russos...

— Oh! — disse Billy, como se tivesse entendido. Depois de um momento continuou andando.

Sentia fome, mas havia alguma coisa que precisava fazer antes de ir para casa almoçar. Almoçar? Tinha comido um pacote de biscoitos porque o papai estava no hospital.

Isto tinha algo a ver com o motivo pelo qual estava aqui em Bethnal Green, mas de alguma forma não podia ligar os fatos.

Virou uma esquina, olhou para o nome da rua numa placa no alto de uma parede e viu que estava na Quill Street. Agora se lembrava: ali era onde vivia Tony Cox, no número 19. Ele iria bater na porta...

Não. Billy não sabia por quê, mas se sentia certo que deveria entrar às escondidas, pela porta dos fundos. Havia uma calçada por trás do terraço. Billy andou por ela até alcançar os fundos da casa de Tony.

O chiclete já havia perdido todo o gosto, então jogou-o fora antes de, em silêncio, abrir o trinco da porta dos fundos e entrar na casa furtivamente.

Tony Cox dirigia bem devagar ao longo do caminho esburacado, mais por preocupação com seu próprio conforto do que por consideração com o proprietário do carro "emprestado".

O caminho, que não tinha nome, ligava uma estrada com uma casa de fazenda e um celeiro.

O celeiro, a casa em ruínas e a área de meio hectare de terra árida que os cercavam pertenciam a uma companhia chamada Land Development Ltd., que por sua vez era propriedade de um inveterado jogador que devia a Tony muito dinheiro. O celeiro de vez em quando era usado para armazenar lotes de mercadorias danificadas por fogo, compradas a preços módicos, de forma que não era inusitado que um furgão e um carro de passeio entrassem no terreno da fazenda.

A porteira de cinco travessas no fim do caminho estava aberta, e Tony entrou. Não havia nenhum sinal do furgão azul, mas Jesse estava encostado na parede da casa de fazenda fumando um cigarro. Atravessou a estrada para abrir a porta do carro para Tony.

— As coisas não correram tão fácil, Tony — disse ele sem preâmbulo.

— O dinheiro está aqui? — perguntou Tony, ao sair do carro.

— Dentro do furgão — e fez um sinal com a cabeça, indicando o celeiro. — Mas as coisas não correram fáceis...

— Vamos lá para dentro; está muito quente aqui fora. — Tony abriu a porta do celeiro e entrou. Jesse seguiu-o. Uma grande quantidade de caixas ocupavam um terço da área do piso: continham uniformes e jaquetas excedentes das forças armadas, conforme Tony leu nas etiquetas de duas das caixas. O furgão azul estava no lado oposto à porta. Tony notou as placas

comerciais amarradas com corda sobre as originais. — com que andou você brincando? — perguntou, sem poder acreditar.

— Oh! Que droga, Tony. Espere até escutar tudo o que precisei fazer.

— Porra! Diga-me logo!

— Bem, dei um esbarrão; nada sério, apenas uma pequena trombada. Mas o calhorda saiu do carro dele e queria chamar a polícia. Então fiquei puto da vida, mas ele pôs-se de pé na frente de meu carro, e o atropelou.

Tony praguejou em voz baixa.

Agora o medo começou a transparecer no rosto de Jesse.

— Bem, eu sabia que a polícia iria procurar-me, é claro. Então parei naquela garagem, dei a volta pelos fundos para ir à privada e roubei as placas e este macacão.

— Balançou a cabeça para cima e para baixo como se para aprovar as ações que praticara. — Depois vim para cá.

Tony encarou-o admirado e depois explodiu numa risada:

— Seu filho da puta maluco! — disse, divertido. Jesse sentiu-se aliviado.

— Fiz o melhor possível, não foi? O riso de Tony cessou:

— Seu maluco filho de uma puta! — repetiu ele. — Imagine só você, com uma fortuna em dinheiro "quente" dentro do furgão e você pára... — aspirou profundamente e respirou com dificuldade, renovando a risada —...você pára numa garagem e rouba um macacão!

Jesse sorriu também, não que achasse graça, mas pelo prazer de um receio desaparecido. Depois ficou sério de novo.

— Mas há algumas notícias ruins de verdade.

— Por Deus, o que mais?

— O motorista do furgão tentou bancar o herói.

— Não vá me dizer que vocês o mataram? — indagou Tony, ansioso.

— Não, apenas demos-lhe uma cacetada na cabeça. Mas a espingarda de Jacko disparou no meio daquele arranca-rabo e o Surdo Willie foi atingido. Bem no focinho. Ele está mal, Tony.

— Oh! Que merda! — Tony sentou-se bruscamente num velho tamborete de três pernas. — Coitado do velho Willie. Eles o levaram para um hospital, certo?

Jesse fez que sim com a cabeça.

— É por isso que Jacko não está aqui. Foi ele que o levou. Se chegou lá vivo...

— A coisa foi tão grave assim?

Jesse, de novo, balançou a cabeça afirmativamente.

— Que merda! — Ele ficou calado por um momento. — Ele não tem sorte, o Surdo Willie. Já perdeu um ouvido, seu filho é doente mental e a esposa é uma megera... e agora mais essa. — Deu um estalido com a língua em sinal de pesar. — Nós lhe daremos uma cota dupla neste "serviço", mas isso não irá consertar-lhe a cara. — E Tony ficou de pé.

Jesse abriu o furgão, aliviado porque havia transmitido as más notícias sem incorrer na fúria de Tony.

— Bem, vamos dar uma olhada no que temos aqui — falou Tony, esfregando as mãos.

Havia nove cofres de aço cinzentos na parte de trás do furgão. Pareciam malas de metal chatas, cada uma com alças em ambos os lados e trancadas com fechadura dupla.

Eram pesadas. Os dois homens descarregaram-nas, uma a uma, e as alinharam no centro do celeiro.

Tony olhou para elas com um ar de cobiça; sua expressão mostrava um prazer quase sensual.

— É como Ali Babá e a porra dos quarenta ladrões, companheiro. Jesse estava pegando explosivo plástico, fios e detonadores de uma bolsa de lona num canto do celeiro.

— Gostaria que Willie estivesse aqui para fazer o banguê-banguê.

— Eu apenas gostaria que ele estivesse aqui... — disse Tony. Jesse preparou tudo para fazer explodir as fechaduras e abrir os cofres. Espalhou a gelatina explosiva em volta de todas elas, dispôs os detonadores e os fios, conectando cada pequena bomba com um disparador do tipo de êmbolo.

— Você parece saber o que está fazendo — comentou Tony, observando-o.

— Vi o Willie fazer isso muitas vezes. — Ele esboçou um sorriso.

— Talvez possa tornar-me o dinamitador da "firma"...

— Willie não está morto — interrompeu-o Tony, de cara amarrada. — Pelo menos até onde sabemos.

Jesse pegou o aparelho e, arrastando atrás dele os fios, levou-o para o lado de fora. Tony seguiu-o.

— Leve o furgão para o lado de fora, por causa da gasolina, entende o que quero dizer? — falou Tony.

— Não há perigo...

— Você nunca provocou uma explosão antes, e não quero correr riscos.

— Certo. — Jesse fechou as portas traseiras e deu marcha à ré no furgão, levando-o para fora. Depois abriu o capô e usou pegadores tipo jacaré para conectar o disparador com a bateria do carro.

— Prenda a respiração — disse ele e apertou o êmbolo. Ouviu-se uma explosão abafada.

Os dois entraram no celeiro. Os cofres continuavam em linha, mas com as tampas abertas em estranhos e tortos ângulos.

— Fez um bom serviço, Jesse.

Os cofres haviam sido caprichosamente arrumados, e com seu conteúdo bem apertado. Vinte pacotes de notas estavam empilhados no sentido do comprimento, dez no da largura e cinco no da altura: dez pacotes por cofre. Cada pacote continha cem notas, o que perfazia cem mil notas por cofre.

Os primeiros seis cofres continham notas de 10 xelins, obsoletas e sem valor.

— Meu Deus! — exclamou Tony.

O próximo continha notas de uma libra, mas não estava inteiramente cheio. Tony contou oitenta pacotes. O penúltimo cofre também continha notas de uma libra, e estava cheio.

— Isto é melhor; tudo de acordo — falou Tony. O último cofre estava cheio com notas de

dez.

— Deus nos ajude! — exclamou Tony.

— Quanto tem aí, Tony? — indagou Jesse, com os olhos arregalados.

— Um milhão, cento e oitenta mil libras esterlinas, meu filho.

— Estamos ricos! Estamos podres de ricos! — gritou Jesse, de alegria.

— Suponho que poderíamos queimar todas as notas de dez — falou Tony, com o rosto sombrio.

— O que é que você está dizendo? — Jesse olhou para ele como se Tony estivesse louco. — O que você quer dizer, queimá-las? Você está ficando biruta?

Tony voltou-se e agarrou o braço de Jesse, apertando-o com força.

— Diga-me uma coisa. Se você entrar no Rose and Crown, pedir cerveja e um pastelão de carne e pagar com uma nota de dez, e se fizer isso todos os dias durante uma semana, o que irão todos eles pensar?

— Pensarão que tive um grande palpite. Você está machucando meu braço, Tony.

— E quanto tempo levaria para um daqueles camaradas sujos que frequentam o pub ir até a delegacia e espalhar a notícia? Cinco minutos? — Ele largou o braço de Jesse.

— É muito dinheiro, Jesse. O seu problema é que você não pensa. Tanto dinheiro assim deve ser guardado em algum lugar... E se for guardado em algum lugar, o Velho Billl pode encontrá-lo.

Jesse achou que aquele ponto de vista era por demais radical para engolir.

— Mas você não pode jogar dinheiro fora!

— Você não está me escutando, está? Eles têm o Surdo Willie, não é? O motorista deles irá ligar Willie com o assalto, certo? E eles sabem que Willie pertence a minha "firma", então descobrirão quem "fez este "serviço", certo? Pode apostar sua vida que estarão em sua casa esta noite, rasgando os colchões e escavando seu canteiro de batatas. Agora, cinco mil em notas de uma libra pode ser a economia de sua vida, mas cinquenta mil em notas de dez é comprometedor, certo?

— Nunca pensei na coisa dessa maneira... — disse Jesse.

— A palavra para isso é "Não exagere!"

— Suponho que você não pode depositar toda essa grana no banco Abbey National. Qualquer pessoa pode ter uma noite de sorte nas corridas de cães, mas se ganha demais, isso prova que você soube de uma barbada, não é? — Jesse estava explicando a coisa de volta para Tony, como se para demonstrar que havia entendido. — É isso, não é?

— É. — Tony tinha perdido o interesse na exposição de Jesse. Procurava descobrir um meio inteiramente seguro de dispor de uma grande quantidade de dinheiro "quente".

— E você não pode entrar no Banco Barclay com mais de um milhão de "paus" e abrir umacaterneta de poupança, ou pode?

— Você está entendendo a coisa — disse Tony, sarcasticamente. De repente ele fixou o olhar atentamente em Jesse. — Ah! Mas quem pode entrar num banco com um monte de notas e não levantar suspeitas?

— Bem — Jesse estava perdido. — Ninguém pode.

— Tem certeza? — Tony apontou para as caixas de embalagem de roupas excedentes das forças armadas. — Abra duas dessas caixas. Quero ver você vestido como um marinheiro da Armada Real. Acabo de ter uma brilhante ideia.

Uma reunião de editores à tarde era rara. O editor-chefe às vezes dizia: "As manhãs são divertidas, as tardes são para trabalhar." Até a hora do almoço seus esforços eram gastos na produção de um jornal. Por volta das duas horas já era muito tarde para fazer qualquer coisa significativa: as matérias do jornal estavam mais ou menos determinadas, a maior parte das edições do dia já haviam sido impressas e distribuídas, e o editor concentrava-se agora no que ele chamava de lixo administrativo.

No entanto, devia permanecer ali, pois poderia aparecer alguma notícia urgente, que dependesse de uma decisão de nível superior. Arthur Cole acreditava que tal notícia havia surgido.

Cole, o subeditor de notícias, estava sentado do lado oposto da enorme mesa branca. À esquerda de Cole encontrava-se o repórter Kevin Hart, e à sua direita, Mervyn Glazier, o editor da Cidade.

O editor-chefe acabou de assinar um monte de cartas e levantou os olhos.

— Que é que temos?

— Tim Fitzpeterson vai viver — falou Cole. — A divulgação sobre a companhia escolhida para a concessão do poço de petróleo foi atrasada, os assaltantes do furgão com o dinheiro fugiram com mais de um milhão.

— E...?

— E está acontecendo alguma coisa.

O editor acendeu um charuto. Para falar a verdade, ele bem que gostava que seu lixo administrativo fosse interrompido por algo excitante como uma reportagem.

— Continue — disse ele.

— Você se lembra que Kevin entrou na sala durante a reunião da manhã, um pouco excitado acerca de um telefonema supostamente de Tim Fitzpeterson.

O editor esboçou um sorriso indulgente.

— Se os repórteres jovens não ficarem excitados, que diabos vão eles parecer quando ficarem mais velhos?

— Bem, é possível que Kevin estivesse certo quando disse que era uma coisa grande. Lembra-se dos nomes das pessoas que supostamente estavam chantageando Fitzpeterson?

Cox e Laski. — Cole virou-se para Kevin. — Certo. Fale você.

Kevin descruzou as pernas e inclinou-se para a frente.

— Recebi outra chamada, desta vez de uma mulher que deu seu nome e endereço. Disse que o marido, William Johnson, participou do assalto ao furgão, levou um tiro e ficou cego. Falou que aquilo foi um "serviço" de Tony Cox.

— Tony Cox? Você seguiu a pista? — perguntou o editor.

— Há um William Johnson no hospital com o rosto esfacelado por causa de chumbo. E na cabeceira da cama há um detetive esperando que ele recupere os sentidos. Fui ver a mulher dele, mas ela não quis falar.

O editor, que outrora fora repórter criminal, disse:

— Tony Cox é um figurão no mundo do crime. Acredito qualquer coisa dele. Não é de forma alguma umbosujeito. Continue.

— A próxima notícia é de Mervyn — anunciou Cole.

— Há um banco em dificuldades — falou o editor da Cidade. É o Banco do Algodão da Jamaica, um banco estrangeiro com filial em Londres. Faz muitos negócios com a Grã-Bretanha. De qualquer forma, o proprietário é um homem chamado Felix Laski.

— Como é que sabemos disso? — perguntou o editor. — Quero dizer, que o banco está em dificuldades?

— Bem, recebi uma dica de um contato. Telefonei para Threadneedle Street a fim de checar. Como é natural, eles não dão uma resposta direta, mas os ruídos que fizeram levam a confirmar a dica.

— Repita-me exatamente o que foi dito.

Mervyn puxou o bloco de anotações. Era rápido na estenografia, e suas anotações eram sempre imaculadas.

— Falei com um homem chamado Ley, que é provavelmente quem está tratando do caso. Acontece que o conheço, porque...

— Deixe de lado a propaganda comercial, Mervyn — interrompeu o editor. — Todos sabemos como os seus contatos são bons.

Glazier sorriu.

— Desculpe. Primeiro, perguntei a ele se sabia de algo acerca do Banco do Algodão da Jamaica. Ele disse: "O Banco da Inglaterra sabe de muita coisa sobre todos os bancos de Londres."

"Então eu lhe disse: "Então você sabe se o Banco do Algodão é solvente no momento."

"Ele me respondeu: "Naturalmente. O que não significa que vou contar a você."

"Perguntei: "Eles estão para afundar: verdade ou mentira?"

"Ele respondeu: "Passo..."

"Eu disse: "Vamos, Donald, isto não é um programa de perguntas e respostas de televisão; é o dinheiro de muita gente que está em jogo."

"Ele disse: "Você sabe que não posso falar sobre essa espécie de coisas. Os bancos são os nossos clientes. Respeitamos sua confiança."

"Eu disse: "vou publicar uma história dizendo que o Banco do Algodão está à beira da falência. Você está me dizendo ou não que tal história seria falsa?"

Ele respondeu: "Estou dizendo a você que primeiro cheque seus fatos." Isto foi tudo. — Glazier fechou o bloco de anotações. — Se o banco estivesse em boa situação, ele não me esconderia.

O editor balançou a cabeça:

— Jamais apreciei esta espécie de raciocínio, mas neste caso você provavelmente está certo. — Ele bateu a cinza do charuto num grande cinzeiro de vidro. — Aonde é que isto nos leva?

— Cox e Laski chantageiam Fitzpeterson, que tenta matar-se. Cox monta um assalto. Laski entra pelo cano — resumiu ele, e depois encolheu os ombros. — Há alguma coisa no ar!

— O que você quer fazer?

— Descobrir. Não é para isso que estamos aqui?

O editor levantou-se e foi até a janela, como se estivesse pedindo tempo para pensar. Fez um pequeno ajustamento nas venezianas, e a sala ficou um pouco mais clara.

Raios de sol apareceram no caro tapete azul, salientando o relevo de seu padrão. Ele voltou para a mesa e sentou-se.

— Não — disse ele. — Vamos abandonar esta pista, e lhes digo por quê. Primeiro: não podemos prever o colapso de um banco, porque nossa predição por si mesma seria o bastante para causar o colapso. Apenas fazer perguntas sobre a saúde financeira do banco já é o suficiente para fazer a City tremer. Segundo: não podemos tentar detectar os perpetradores de um assalto em transporte de dinheiro; isso é serviço da polícia. De qualquer maneira, o que descobrimos não pode ser publicado, pois pode prejudicar o julgamento. Quero dizer: se sabemos que é Tony Cox, a polícia também já descobriu, e, de acordo com a lei, se sabemos que uma prisão está iminente ou provável, a notícia fica sub judice. Terceiro: Tim Fitzpeterson não vai morrer. Se sairmos por Londres inteira indagando acerca de sua vida sexual, antes que percebamos, surgirão perguntas no Parlamento acerca de repórteres do Evening Post vasculhando o país para descobrir sujeiras sobre os políticos. Vamos deixar essa espécie de coisa para os pasquins dos domingos. Ele descansou as mãos na mesa, com as palmas para baixo.

— Desculpem-me, rapazes.

— Muito bem. Vamos voltar para o trabalho — falou Cole ao levantar-se.

Os três jornalistas saíram. Quando chegaram na sala de notícias, Kevin Hart disse:

— Se ele fosse o editor do Washington Post, Nixon ainda estaria ganhando eleições com uma bandeira de lei-e-ordem!

Ninguém achou graça.

Três Horas da Tarde

Smith & Bernstein ao telefone para o senhor, Sr. Laski.

— Obrigado, Carol. Ponha-o na linha. Alo, George?

— Felix, como vai?

Laski falou com um tom de voz de quem está sorrindo, o que não lhe foi fácil.

— No melhor dos mundos. Seu saque melhorou alguma coisa? George Bernstein jogava tênis.

— Nem um pouquinho. Sabia que eu estava ensinando George Junior a jogar?

— Sim, sabia.

— Agora ele me vence.

— E como está Rachel? — indagou Laski, com um sorriso.

— Não está mais magra... Estávamos falando sobre você à noite passada. Ela dizia que você deveria casar-se. Eu disse: "Você não sabia? Felix é gay." Ela retrucou: "Gay? Então por que não podem as pessoas alegres se casarem?" Eu disse: "Não, quero dizer que ele é homossexual, Rachel." Ela deixou cair o bordado que fazia. Acreditou em mim, Felix! Você crê?

Laski forçou outro sorriso. Não sabia por quanto tempo poderia sustentar aquela falsa alegria.

— Estou pensando nisso, George!

— Em casamento? Não faça isso! Não faça isso! Foi para dizerme isso que você telefonou?

— Não, isso é apenas um pensamento que anda esvoaçando por minha cabeça.

— Então, o que deseja?

— Uma coisinha pequena: quero um milhão de libras por 24 horas, e pensei em oferecer o negócio a você. — Laski suspendeu a respiração. Houve um pequeno silêncio.

— Um milhão. Há quanto tempo Felix Laski está no negócio de tomar dinheiro emprestado?

— Desde que descobri como fazer um bom lucro no over-night

— Ensine-me seu segredo, então.

— Muito bem; depois que me emprestar o dinheiro. Não estou brincando, George: você pode me ajudar?

— Certamente que podemos. Qual é sua garantia?

— Hum... Julguei que você normalmente não pedisse garantias para um empréstimo de 24 horas? — O punho de Laski agarrava o telefone com tanta força que os nós dos dedos ficaram inchados e brancos.

— Você está certo. E normalmente não emprestamos vultosas somas para bancos como o seu...

— Certo. Minha garantia são 510 mil ações da Hamilton Holdings.

— Espere um minuto.

Houve um silêncio. Laski imaginou a figura de George Bernstein: um homem atarracado com uma enorme cabeça e um permanente sorriso nos lábios, sentado numa velha mesa em um acanhado escritório com vista para a catedral de São Paulo, examinando cifras no The Financial

Times, os dedos tamborilando agilmente sobre as teclas de um computador de mesa.

Bernstein voltou de novo ao telefone.

— Aos preços de hoje não chega a ser suficiente, Felix.

— Ora, deixe de conversa, isso é uma formalidade. Você sabe que não vou prejudicá-lo. Aqui quem fala é Felix, seu amigo! — Ele secou a testa com a manga do paletó.

— Eu gostaria de atendê-lo, mas tenho um sócio.

— Seu sócio está dormindo tão profundamente que há um boato que ele já morreu...

— Um negócio como este iria acordá-lo mesmo que ele estivesse no túmulo. Procure Larry Wakely, Felix. Ele é capaz de fazer algo por você.

Laski já tinha tentado Larry Wakely, mas não o mencionou.

— Farei isso. Que tal um joguinho de tênis, neste fim de semana?

— Gostaria muito! — O alívio na voz de Bernstein era patente.

— Sábado de manhã no clube?

— A dez libras o game.

— Partirá meu coração tomar seu dinheiro.

— Até lá, George. Adeus.

— Cuide-se...

Laski fechou os olhos por um momento, com o telefone pendurado na mão. Sabia que Bernstein não iria emprestar-lhe o dinheiro; estava só experimentando qualquer coisa.

Passou a mão pelo rosto. Ainda não estava derrotado.

Apertou o descanso do telefone e ouviu o ruído de discar. Fez a chamada com um lápis de ponta róida.

O telefone chamado tocou por um longo tempo. Laski já ia discar de novo quando alguém atendeu.

— Ministério de Energia.

— Me ligue com o gabinete de imprensa — disse Laski.

— vou tentar.

— Gabinete de imprensa — disse outra voz de mulher.

— Boa tarde — falou Laski. — Pode dizer-me quando o ministro de Energia vai fazer a divulgação acerca do poço de...

— O ministro de Energia atrasou-se — interrompeu-o a mulher.

— A imprensa já foi avisada, e há uma explicação completa no telex que será encaminhado aos meios de comunicação — e desligou.

Laski recostou-se na cadeira. Começava a ficar com medo, o que não lhe agradava. Era seu papel dominar situações como esta: gostava de ser o único a saber, o manipulador que punha todo o mundo a dar voltas para descobrir o que estava acontecendo. Andar de chapéu na mão atrás de agiotas não era seu estilo.

O telefone tocou de novo.

— Um Sr. Hart na linha — anunciou Carol.

— Você sabe se eu o conheço?

— Não, mas ele diz que se refere ao dinheiro que o Banco do Algodão necessita.

— Ponha-o na linha. Alo, aqui é Laski.

— Boa tarde, Sr. Laski. — Era a voz de um homem jovem. Sou Kevin Hart, do Evening Post.

— Pensei que minha secretária tinha dito... Está bem — disse Laski, assustado.

— O dinheiro que o Banco do Algodão necessita... Sim, bem... um banco em dificuldades precisa de dinheiro, não é verdade?

Laski interrompeu-o:

— Não creio que deseje falar com você, moço.

— Tim Fitzpeterson — falou Hart, antes que Laski pudesse desligar.

Laski empalideceu:

— O quê?

— As dificuldades do Banco do Algodão têm alguma coisa a ver com a tentativa de suicídio de Tim Fitzpeterson?

Como poderiam eles descobrir? A cabeça de Laski funcionou com rapidez. Talvez não soubessem; poderiam estar supondo, jogando verde, como eles diziam — pretendendo saber de alguma coisa a fim de ver se as pessoas iriam negá-la.

— Seu editor sabe que você está fazendo esta chamada?

— Hum! Por certo que não.

Algo na voz do repórter disse a Laski que ele tocara num ponto que o intimidava.

— Não sei que espécie de jogo você está fazendo, jovem, mas se eu ouvir algo mais acerca desse disparate, saberei de onde os boatos se originaram — insistiu Laski.

— Qual é seu relacionamento com Tony Cox?

— Quem? Adeus, moço! — E Laski desligou.

Olhou para seu relógio: eram 15:15. Não havia como levantar um milhão de libras em quinze minutos. Parecia que estava tudo liquidado.

O banco iria falir; a reputação de Laski seria destruída, e ele provavelmente seria envolvido num processo criminal. Pensou em deixar o país naquela tarde. Não poderia levar nada com ele. Teria de recomeçar tudo, em Nova York ou em Beirute? Estava velho demais. Se ficasse, seria capaz de salvar o suficiente de seu império para alimentar-se para o resto da vida. Mas que diabo de espécie de vida seria aquela?

Girou a cadeira e olhou pela janela. O dia estava mais fresco; afinal de contas, ainda não era verão. Os arranha-céus da City projetavam longas sombras, e ambos os lados da rua lá embaixo estavam escuros. Laski observava o tráfego e pensava em Ellen Hamilton.

Hoje, exatamente hoje, havia decidido casar-se com ela. Era uma dolorosa ironia. Durante vinte anos ele poderia ter escolhido a mulher que quisesse: modelos, atrizes, debutantes, até mesmo princesas. E quando finalmente escolheu uma, estava arruinado. Um homem supersticioso tomaria isto como um sinal de que não deveria casar-se.

Aquela opção talvez não mais estivesse aberta para ele. Felix Laski, milionário e playboy era uma coisa; Felix Laski, ex-condenado e falido era outra inteiramente diversa. Sabia que seu relacionamento com Ellen não era a espécie de amor que poderia sobreviver àquele desastre. O amor entre eles era do tipo sensual, auto-indulgente, uma coisa hedonística, inteiramente diverso de uma devoção eterna como no Book of Common Prayer.

Pelo menos, sempre fora assim. Laski achava que uma afeição permanente viria, mais tarde, pelo simples fato de viverem juntos e desfrutarem das mesmas coisas; afinal de contas, a luxúria quase histérica que os havia aproximado decerto iria fenecer, a seu devido tempo.

Eu não deveria estar fazendo hipóteses teóricas, pensou; em minha idade, eu deveria ter certeza.

Naquela manhã, a decisão de casar-se com ela lhe parecera como uma escolha que ele podia fazer friamente, com despreocupação, quase clinicamente, calculando o que ele ganharia com aquilo, como se fosse mais um golpe no mercado. Agora, porém, não tinha mais o comando da situação, sabia — e esse pensamento atingia-o com um impacto físico — que precisava desesperadamente dela. Ele desejava devoção eterna; desejava alguém para cuidar dele, para gostar de sua companhia e para tocar em seu ombro com afeto quando passasse perto de sua cadeira; alguém que sempre estivesse ali, alguém que dissesse "eu te amo", alguém com quem compartilhasse sua velhice.

Vivera sozinho toda sua vida; já era tempo bastante.

Após admitir tudo aquilo para si mesmo, ele foi um passo adiante. Se pudesse tê-la, ele veria com animação seu império esboroar-se, o colapso do negócio da Hamilton Holdings, sua reputação destruída. Poderia até ir para a cadeia com Tony Cox se pensasse que ela estaria à sua espera quando fosse solto.

Desejava nunca ter encontrado Tony Cox.

Laski imaginara que seria fácil controlar um vigarista como Tony Cox. O homem poderia ser muito poderoso dentro de seu pequeno mundo e certamente não poderia atingir um respeitável homem de negócios. Talvez não; mas quando aquele homem de negócios entrava numa parceria — não importa quão informal — com o vigarista, ele deixava de ser respeitável. Era Laski, e não Cox, quem se comprometia com a associação.

Laski ouviu a porta do escritório abrir-se e, girando a cadeira, viu Tony Cox entrar.

Laski olhou-o boquiaberto; era como se visse um fantasma.

Carol apareceu por trás de Cox, seguindo-o como um cachorrinho, e falou para Laski:

— Pedi-lhe para esperar, mas ele não me ouviu, foi logo entrando!

— Está bem, Carol, eu trato disso — disse Laski. A moça saiu e fechou a porta.

— Que diabos está você fazendo aqui? Nada poderia ser mais perigoso! — explodiu Laski. — Os jornais já entraram em contato comigo perguntando-me acerca de você e de Tim Fitzpeterson... você sabia que ele tentou suicídio?

— Acalme-se. Fique frio — disse Cox.

— Acalmar-me? Meu negócio todo é um desastre. Perdi tudo, e se for visto com você acabarei na cadeia...

Cox deu um grande passo à frente, agarrou Laski pela garganta e sacudiu-o.

— Cale essa boca! — rosnou ele, e jogou-o de volta na cadeira.

— Agora, escute aqui: preciso de sua ajuda.

— De forma alguma — murmurou Laski.

— Cale-se! Preciso de sua ajuda, e você vai ajudar-me ou então não hesitarei em mandá-lo para a merda da cadeia! Você deve saber que fiz um "serviço" esta manhã... um furgão com dinheiro.

— Não sei de nada disso. Cox fingiu não ter ouvido.

— Muito bem: não tenho nenhum lugar onde esconder o dinheiro, de forma que vou colocá-lo em seu banco!

— Não seja ridículo! — disse Laski sem dar importância. Depois franziu a testa e indagou: — Quanto é?

— Pouco mais de um milhão.

— E onde está?

— No furgão, aí fora.

Laski de um pulo ficou em pé:

— Você tem um milhão de libras em dinheiro roubado, aqui do lado de fora, numa porra de um furgão!

— Sim.

— Você está maluco! — O pensamento de Laski disparara. — Em que forma está o dinheiro?

— Em notas usadas de diversos valores.

— Estão nas embalagens originais?

— Não sou assim tão estúpido. Foram transferidas para caixas de papelão de mercadorias.

— Os números de série estão fora de sequência?

— Aos poucos você está percebendo a ideia... Se não se mexer logo, eles vão rebocar o furgão por estar estacionado em local proibido.

Laski coçou a cabeça:

— Como você irá carregá-lo para dentro da casa-forte?

— Tenho seis dos rapazes comigo aí fora.

— Não posso deixar seis de seus capangas carregarem todo esse dinheiro para dentro de minha casa-forte. Os funcionários irão suspeitar...

— Eles estão uniformizados: túnica excedentes da Marinha, calças, camisas e gravatas. Parecem guardas de segurança, Felix. Se deseja fazer o jogo das vinte perguntas, deixe-o para depois, está bem?

— Muito bem, vamos nos mexer — decidiu-se Laski. Ele guiou Cox para fora do escritório e seguiu-o até a mesa de Carol. — Telefone para a casa-forte do banco. Diga-lhes que se preparem para receber imediatamente uma remessa de dinheiro. Tratarei pessoalmente da papelada. E me dê uma linha externa no meu telefone. — Voltou para seu escritório, pegou o telefone e ligou para o Banco da Inglaterra. Olhou para seu relógio. Eram 15:25. Chamou o Sr. Ley.

— Aqui é Laski.

— Ah! sim... — o banqueiro estava cauteloso. Laski fez um esforço para parecer calmo.

— Resolvi aquele pequeno problema, Ley. O dinheiro necessário está em minha casa-forte. Estou em condições de arranjar a entrega imediatamente, como você sugeriu hoje cedo, ou pode inspecioná-lo hoje e recebê-lo amanhã.

— Hum! — Ley pensou por um momento. — Não creio que nenhuma das duas coisas seja necessária, Laski. Seria muito incômodo para nós termos de contar todo esse dinheiro já no fim da tarde. Se você puder entregar pela manhã, nós liberamos o cheque amanhã.

— Obrigado. — Laski resolveu zombar um pouco do outro. Desculpe-me por havê-lo irritado tanto esta manhã.

— Talvez eu tenha sido um tanto brusco. Adeus, Laski.

Laski desligou. Ainda estava pensando rápido. Calculou que poderia arranjar cerca de 100 mil em notas até de manhã. Cox poderia provavelmente arranjar outro tanto em seus cassinos. Eles poderiam trocar esse dinheiro por duzentos mil das notas roubadas. Era apenas mais uma precaução; se todas as notas que entregasse na manhã seguinte estivessem gastas demais para serem reemitidas, alguém poderia associar aquilo ao roubo do furgão do banco. A mistura das notas em boas condições afastaria tal suspeita.

Ele parecia ter coberto tudo. Permitiu-se relaxar por um momento. Consegui de novo, pensou: venci! Um riso de puro triunfo escapoulhe da garganta.

Agora vamos à supervisão dos detalhes. Era melhor ir ao cofre e dar uma certa segurança a seus funcionários, sem dúvida um pouco assustados. Ele queria ver Cox e sua gangue fora dali o mais rápido possível.

Depois telefonaria a Ellen.

Ellen Hamilton ficara em casa quase o dia todo. A ida à cidade para fazer compras fora uma desculpa para Felix; precisava apenas de um pretexto para vê-lo. Sentia-se muito entediada. A viagem até Londres não levava muito tempo; na volta, ela mudara de roupa, arrumara o penteado do cabelo e levava muito mais tempo do que o necessário para preparar um almoço de queijo branco, salada, frutas e café preto sem açúcar. Lavara ela mesma os pratos, não vendo necessidade de usar a máquina para tão pouca louça, e mandara a Sra. Tremlett passar o aspirador no andar de cima. Viu o jornal na televisão e uma novela; começou a ler um romance histórico e largou-o depois de cinco páginas; andou de cômodo para cômodo na casa, arrumando coisas que não precisavam ser arrumadas; depois desceu para a piscina, a fim de nadar um pouco e mudou de ideia no último minuto.

Agora estava nua no piso de azulejos da agradável casa de verão, com o maiô numa das mãos e o vestido na outra, pensando: se não posso decidir se vou ou não nadar, como jamais encontrarei força de vontade para abandonar meu marido?

Deixou cair as roupas e abaixou os ombros desanimada. Havia um espelho de corpo inteiro na parede, mas não olhou para ele. Cuidava de sua aparência por escrúpulos, não por vaidade; achava os espelhos muito fáceis de serem resistidos.

Ficou pensando se seria gostoso nadar nua. Tais coisas eram impensáveis quando era moça; além disso, sempre fora muito inibida. Sabia disso e não lutava contra, pois na realidade gostava de suas inibições — davam a seu estilo de vida uma forma e uma constância de que ela necessitava.

O chão estava deliciosamente fresco. Ficou tentada a deitar-se nele e rolar para um lado e para o outro, gozando a sensação dos ladrilhos frios em sua pele quente.

Calculava o risco de Pritchard ou da Sra. Tremlet entrarem ali e a verem, e decidiu que era grande demais.

Vestiu-se outra vez.

A casa de verão era bem alta. De sua porta podia-se avistar a maior parte do terreno da casa, que tinha quase quatro hectares. Era um belo jardim, feito no princípio do século passado; formava uma paisagem fora do comum e era plantado com dezenas de espécies diferentes de árvores. Tinha-lhe proporcionado muito prazer, mas ultimamente perdera a graça para ela, como tudo o mais.

A casa era mais agradável na fresca da tarde. Uma brisa ligeira agitava o vestido estampado de algodão de Ellen como uma bandeira. Ela passou pela piscina e dirigiu-se a um pequeno bosque onde as folhas das árvores filtravam a luz do sol e faziam figuras móveis na terra seca.

Felix dizia que ela era desinibida mas, evidentemente, estava errado. Ela simplesmente criara um espaço em sua vida onde a constância fora sacrificada em benefício do prazer. Além disso, não era mais criticável ter um amante, desde que se fosse discreta, e isto ela o era ao extremo.

O problema era que ela gostava da sensação de liberdade. compreendia que estava numa idade perigosa. As revistas de mulher que folheava (mas nunca lia de fato) estavam constantemente a dizer-lhe que essa idade era quando as mulheres somavam os anos que ainda lhe restavam, verificavam que eles eram chocantemente poucos, e decidiam-se a enchê-los com todas as coisas que até então tinham deixado de fazer. Os escritores modernos e liberados avisavam-na de que os desapontamentos aguardavam-na naquela direção. Como saberiam eles? Estavam apenas dando palpites, como todo o mundo.

Suspeitava que nada tinha a ver com idade. Quando tivesse setenta anos, seria capaz de encontrar um nonagenário animado que sentisse um desejo ardente por ela, se ela então ainda ligasse para isso. Também nada tinha a ver com a menopausa, que já ficara muito para trás. Acontece que cada dia que passava achava Derek um pouco menos atraente e Felix um pouco mais. Chegara a um ponto em que o contraste era demais para suportar.

Ela fizera saber a ambos qual era a situação, à sua maneira indireta. Sorriu quando se lembrou como os dois haviam ficado pensativos quando lhes comunicara seu velado ultimato. Conhecia seus homens: cada um iria analisar as suas palavras, compreendê-las depois de algum tempo, e congratular-se por sua perspicácia. Nenhum dos dois saberia que estava sendo ameaçado.

Saiu do bosque e encostou-se numa cerca no extremo de um campo. Avistou um jumento e uma velha égua: o jumento estava ali para os netos e a égua porque em certa época fora a montaria de caça preferida de Ellen. Estava tudo bem com eles — não sabiam que estavam envelhecendo.

Cruzou o campo e subiu um barranco que dava acesso à linha de uma estrada de ferro abandonada. Máquinas a vapor bufavam por ali quando ela e Derek eram alegres ornamentos da sociedade, dançando ao som de jazz e bebendo champanha demais, oferecendo festas além de suas posses. Andou ao longo dos trilhos enferrujados, saltando de dormente em dormente, até que algo pequeno e coberto de pêlos escapou correndo debaixo da madeira escura e podre e assustou-a. Escorregou pelo barranco abaixo e andou em direção à casa, seguindo um regato que corria por um terreno acidentado e arborizado. Não queria ser de novo uma coisa jovem e

algre, mas ainda gostaria de se apaixonar.

Bem: havia posto as cartas na mesa, como se dizia, para os dois homens. A Derek dissera que seu trabalho estava afastando a esposa para fora de sua vida, e que ele tinha de mudar seus hábitos se não queria perdê-la. Felix fora alertado de que ela não iria ser apenas um capricho seu para sempre.

Ambos os homens poderiam inclinar-se ante a vontade dela, o que ainda a deixaria com o problema da escolha. Ou ambos poderiam decidir que podiam passar sem ela, em cujo caso nada restaria para ela a não ser ficar desolée, como uma jovem num romance de Françoise Sagan. E sabia que aquilo não a agradaria.

Suponhamos então que ambos estivessem preparados para fazer como ela desejava — qual dos dois escolheria? Quando chegou ao canto da casa, pensava: Felix, provavelmente.

Verificou com um choque que um carro estava em frente à casa, e que Derek saltava dele. Por que estava ele em casa tão cedo? Cumprimentou-a com um aceno de mão.

Parecia feliz.

Ellen correu para ele atravessando o caminho de cascalho e, cheia de remorso, beijou-o.

Kevin Hart deveria estar preocupado, mas, de alguma forma, parecia não poder reunir energia para isso.

O editor fora claro ao dizer-lhes para não investigarem o Banco do Algodão. Kevin desobedecera, e Laski perguntara: "Seu editor sabe que você está dando este telefonema?"

Essa pergunta era muitas vezes feita por pessoas entrevistadas que ficavam zangadas, e a resposta era sempre um despreocupado "Não" — a não ser que, naturalmente, o editor houvesse proibido o telefonema. Assim, se Laski resolvesse telefonar para o editor ou até mesmo para o presidente do conselho, Kevin estava em maus lençóis.

Então por que não se mostrava preocupado? Concluiu que não ligava mais tanto para seu emprego quanto havia ligado naquela manhã. O editor tinha boas razões para "matar" a reportagem; sempre havia boas razões para a covardia. Todo mundo parecia aceitar que "é contra a lei" era um argumento definitivo, mas os grandes jornais do passado sempre tinham violado as leis, que eram não só mais severas como aplicadas mais estritamente do que as de hoje. Kevin acreditava que os jornais deviam publicar e ser processados, ou até mesmo suspensos. Para ele era fácil pensar assim, pois não era um editor.

Assim ele ficou sentado na sala de notícias, próximo à mesa do editor, bebericando chá da máquina automática e lendo a coluna de fofocas de seu próprio jornal, compondo na mente o heróico discurso que gostaria de ter feito para o editor. Era o crepúsculo do dia no que concernia ao jornal; nada menos do que um importante assassinato ou um desastre com múltiplas mortes abriria espaço no jornal agora. A metade dos repórteres, os que trabalhavam em turnos de oito horas, já haviam ido para casa.

Kevin trabalhava dez horas, quatro dias por semana. O correspondente industrial, tendo tomado três litros de Guinness no almoço, estava dormindo num canto. Uma única máquina de escrever matraqueava irregularmente, usada por uma jovem repórter de jeans, que fazia uma reportagem sem atualidade para a primeira edição do dia seguinte.

Os anotadores de notícias discutiam sobre futebol, e os subeditores estavam compondo títulos jocosos para fotografias rejeitadas, rindo descontraídos com o espírito demonstrado por eles

próprios. Arthur Cole andava para um lado e para o outro, resistindo à tentação de fumar e secretamente desejando que irrompesse um incêndio no Palácio de Buckingham. De vez em quando ele dava uma parada e folheava as minutas de notícias no espeto em cima de sua mesa, como se estivesse preocupado de poder ter passado despercebida por ele a grande notícia do dia.

Depois de algum tempo, Mervyn Glazier saiu de seu próprio pequeno reinado, com a camisa para fora da calça.

Sentou-se ao lado de Kevin, acendeu um cachimbo com tubo de metal e descansou um sapato em cima da beira da cesta de papéis.

— O Banco do Algodão da Jamaica — disse ele a título de preâmbulo, falando muito devagar.

— Você também andou bancando o garoto desobediente? — indagou Kevin, com um sorriso.

— Não posso impedir que as pessoas me telefonem com informações. De qualquer maneira, se o banco alguma vez esteve em perigo, agora está a salvo — retrucou ele, com os ombros encolhidos.

— Como sabe disso?

— Meu contato discreto em Threadneedle Street. "Verifiquei com mais cuidado o Banco do Algodão desde sua chamada e descobri que ele está muito bem financeiramente."

Em outras palavras: foi silenciosamente salvo.

Kevin terminou o chá e amassou, barulhentemente, o copo de plástico.

— Aí termina esta história.

— Também escutei, de uma fonte diferente, que não fica a um milhão de quilômetros do conselho da Bolsa de Valores, que Felix Laski comprou o controle acionário da Hamilton Holdings.

— Ele não pode, então, estar sem dinheiro... O conselho está interessado?

— Não. Eles sabem e não estão ligando.

— Acha que fizemos um grande escândalo sobre coisa nenhuma?

— De forma alguma... — respondeu Mervyn, sacudindo a cabeça bem devagar.

— Nem eu — concordou Kevin.

O cachimbo de Mervyn apagara, e ele bateu com o forninho na cesta de papéis. Os dois jornalistas olharam com ar de desespero um para o outro por alguns segundos, depois Mervyn levantou-se e saiu.

Kevin voltou de novo sua atenção para a coluna de fofocas, mas não podia concentrar-se. Leu um parágrafo quatro vezes sem entendê-lo e depois desistiu. Alguma grande patifaria tinha acontecido hoje, e ansiava por saber o que fora; ainda mais porque sentia que andara perto de desvendá-la.

— Sente-se aqui à minha mesa enquanto vou ao lavatório, por favor — chamou-o Arthur.

Kevin rodeou a mesa de notícias e sentou-se atrás de um monte de telefones e de mesas de ligações do editor de notícias. Aquilo não lhe deu nenhuma emoção: recebera aquela missão porque, àquela hora do dia, ela não tinha qualquer importância, e Kevin era apenas o homem desocupado mais próximo.

Ficar sem fazer nada era a coisa mais comum num jornal, pensou Kevin. O pessoal tinha de ser em número suficiente para enfrentar um dia cheio, de forma que havia gente em excesso num dia normal. Em alguns jornais os empregados recebiam tarefas idiotas apenas para mantê-los ocupados: escrever reportagens tiradas de anúncios de publicidade e comunicações para a imprensa do governo local, notícias que jamais apareceriam no jornal. Era um trabalho desmoralizador, uma perda de tempo, e apenas os executivos de jornal mais inseguros o solicitavam."

Um mensageiro saiu da sala da teleimpressora trazendo uma reportagem do gabinete de imprensa numa longa folha de papel. Kevin pegou-a e relanceou os olhos por ela.

Leu-a com uma crescente sensação de choque e de exultação.

Uma corporação, encabeçada pela Hamilton Holdings, obteve hoje a concessão para fazer a prospecção da última reserva de petróleo do mar do Norte: o campo Shield.

O ministro da Energia, Sr. Cari Wrightment, anunciou o nome do concorrente vencedor numa entrevista coletiva, que sofreu um atraso devido à súbita enfermidade de seu vice-ministro, o Sr. Tim Fitzpeterson.

Esperava-se que o anúncio acarretasse um muito necessitado auxílio para as enfraquecidas ações do grupo Hamilton Holdings, cujos resultados semestrais, publicados ontem, foram desapontadores.

Estima-se que Shield contenha reservas de petróleo que em última análise cheguem a meio milhão de barris por semana.

Os parceiros do grupo Hamilton na corporação incluem a Scan, o gigante de engenharia, e a British Organic Chemicals.

Após divulgar o nome da companhia escolhida, o Sr. Wrightment acrescentou: "É com tristeza que me cabe comunicar-lhes a súbita doença de Tim Fitzpeterson, cujo trabalho na política de petróleo do governo tem sido tão valioso."

Kevin leu a história três vezes, dificilmente podendo acreditar em suas implicações. Fitzpeterson, Cox, Laski, o assalto, a crise do banco, a compra da Hamilton — tudo levando, num círculo assustador, de volta a Tim Fitzpeterson.

— Não pode ser isso... — disse ele, em voz alta.

— Que tem você aí? — A voz de Arthur surgiu nas suas costas.

— Vale um fudge! — Um fudge é o que o público chama de "Parada da Impressora"

Kevin passou-lhe a história e desocupou a cadeira dele.

— Penso — disse vagarosamente — que essa história irá persuadir o editor a mudar de ideia.

Arthur sentou-se para ler. Kevin observava-o atentamente. Ele queria ver o homem mais velho reagir, pular e gritar: "Suspendam a primeira página!", ou qualquer coisa parecida, mas Arthur Cole não demonstrou nenhuma reação.

Depois de um tempo deixou cair a folha de papel na mesa, olhou impassível para Kevin e disse:

— E daí?

— Não lhe parece óbvio? — perguntou Kevin, excitado.

— Não. Explique-me.

— Olhe aqui: Laski e Cox chantageiam Fitzpeterson para dizer-lhes quem ganhou a concessão de Shield. Cox, talvez com a ajuda de Laski, assalta o furgão do dinheiro e apodera-se de um milhão de libras. Cox dá o dinheiro a Laski, que o usa para comprar a companhia ganhadora da concessão para a exploração do pântano de petróleo.

— E o que deseja você que façamos com isto?

— Pelo amor de Deus! Podíamos fazer insinuações, montar uma investigação ou dizer à polícia... pelo menos dizer à polícia! Somos os únicos a saber de tudo... não podemos deixar os filhos das putas safar-se com tudo!

— Você não tem conhecimento de nada? — perguntou Arthur com amargor na voz.

— O que quer dizer com isso?

A voz de Arthur era tão sombria quanto um túmulo.

— A Hamilton Holdings é a companhia controladora do Evening Post. — Fez uma pausa e depois encarou Kevin nos olhos: — Felix Laski é seu novo patrão.

Quatro Horas da Tarde

Sentaram-se na pequena sala de jantar, em lados opostos da mesinha circular, e ele disse:

— Vendi a companhia.

— Derek, estou tão contente — comentou ela, calmamente, com um sorriso. Então, contra a sua vontade, as lágrimas vieram-lhe aos olhos e seu autocontrole de gelo enfraqueceu e desmoronou pela primeira vez desde o nascimento de Andrew. Viu, através das lágrimas, o choque na expressão dele ao compreender quanto aquilo representava para ela. Ellen levantou-se, abriu um armário e disse: — Acho que isso merece um drinque.

— Recebi um milhão de libras pela venda — disse ele, sabendo que Ellen não estaria interessada.

— Isso foi bom?

— Nas circunstâncias, sim. Porém há algo mais importante: é o bastante para permitir-nos viver confortavelmente por tanto tempo quanto é provável que vivamos.

Ellen preparou um gim-tônica para ela.

— Quer um drinque?

— Perrier, por favor. Decidi abster-me de beber por algum tempo. Ela entregou-lhe a bebida e sentou-se de novo a sua frente.

— O que fez você decidir-se?

— Não foi uma coisa só. Falando com você e com Nathaniel, tomou um gole de água mineral. — Principalmente com você. As coisas que você disse acerca de nosso estilo de vida.

— Quando a coisa se torna definitiva?

— Já é definitiva. Nunca mais irei ao escritório. — Desviou os olhos dela e correu-os pelo gramado através das janelas francesas. Pediu demissão hoje ao meio-dia, e desde então não mais senti a úlcera. Não é maravilhoso?

— Sim. — Ellen seguiu o olhar dele e viu o sol intenso e vermelho através dos galhos de sua árvore favorita, o pinheiro escocês. — Você já fez alguns planos?

— Julguei que poderíamos fazer isso juntos — e sorriu alegremente para ela. — Mas vou acordar tarde e comer três refeições por dia, sempre às mesmas horas; e ver televisão; e ver se posso lembrar-me de como pintar...

Ela anuiu com a cabeça. Sentia-se embaraçada; ambos sentiam-se assim. Subitamente surgia uma nova relação entre os dois, e estavam a experimentá-la, inseguros sobre o que dizer ou como se comportar. Para Derek a situação era simples: fizera o sacrifício que ela lhe pedira, dera-lhe sua alma; e agora queria que ela o reconhecesse, que aceitasse o presente com algum gesto. Para ela, porém, tal gesto significaria fazer Felix desaparecer de sua vida. Não posso fazer isso, pensou ela, e as palavras ressoaram-lhe na mente como o eco das sílabas de uma maldição.

— O que você gostaria que fizéssemos, Ellen?

Era como se ele soubesse do dilema dela e quisesse forçar-lhe a mão, fazê-la falar dos dois como um só.

— Gostaria que levássemos um bom tempo para decidir, Derek

— Boa ideia — e ele levantou-se. — vou mudar de roupa.

— Subirei com você — disse ela, pegando o drinque e seguindo-o. Ele ficou surpreso, e na verdade ela também estava um pouco chocada: fazia trinta anos desde que eles haviam perdido o hábito de ver-se ao se despirem.

Atravessaram o vestíbulo e subiram a escadaria principal juntos. Ele respirava ofegante com o esforço e disse:

— Dentro de seis meses subirei esta escada correndo.

Ele olhava para o futuro com tanta alegria, ela com tanto temor. Para Derek, a vida estava recomeçando. Se apenas tivesse feito isso antes de ela haver conhecido Felix!

Derek manteve a porta do quarto aberta para Ellen entrar, e o coração dela teve uma palpitação. Aquilo em certa época tinha sido um ritual, um sinal entre os dois, um código de amantes. Começara quando eram bem jovens. Ellen havia notado que ele se tornava cortês, quase de uma maneira embaraçada, quando sentia desejo sexual por ela, e dissera a título de brincadeira: "Você só abre portas para mim quando quer ir para a cama." Então, naturalmente, os dois pensavam em sexo toda vez que Derek abria a porta para ela, e aquilo tornou-se a forma que ele tinha de fazê-la saber que a desejava. Naquela época sentia-se a necessidade de tais sinais; hoje em dia Ellen sentia-se perfeitamente à vontade quando dizia para Felix: "Vamos dar uma trepada no chão?"

Será que Derek se lembrava? Estaria ele a dizer-lhe que aquilo era o reconhecimento que ele desejava? Fazia muitos anos, e Derek engordara tanto. Será que era possível?

Ele entrou no banheiro, e abriu as torneiras. Ellen sentou-se em frente à penteadeira e começou a escovar os cabelos. Pelo espelho, observou quando ele saiu do banheiro e começou a tirar a roupa. Ainda fazia isso da mesma forma: primeiro os sapatos, depois as calças, depois o paletó. Ele dissera a ela certa vez que aquela era a forma correta, pois as calças iam para o cabide antes do paletó e os sapatos deviam ser retirados antes de despir as calças. Ela comentara como parecia esquisito um homem de camisa, gravata e meias. Ambos haviam rido.

Derek tirou a gravata e desabotoou a camisa com um suspiro de alívio. Colarinhos sempre o incomodavam; talvez não precisasse usálos abotoados de novo.

Depois tirou a camisa, as meias, a camiseta e, por último, a cueca. Foi então que notou que ela o observava pelo espelho. Havia algo parecido com um desafio no olhar dele, como se estivesse dizendo: "Assim é a aparência de um homem velho, de forma que é melhor você acostumar-se com ela." Ela encarou-o por um momento e depois desviou o olhar. Derek entrou no banheiro, e Ellen escutou o barulho da água quando ele afundou na banheira.

Agora que ele desaparecera de sua vista, Ellen sentia-se com mais liberdade para pensar, como se antes o marido pudesse ter-lhe escutado os pensamentos. O dilema dela tinha-lhe sido apresentado da forma mais brutal: poderia ela, ou não, encarar a ideia de fazer sexo com Derek? Há alguns meses ela poderia — não, não "poderia", mas certamente "podia" — e com apetite, mas desde então havia sentido o corpo firme e musculoso de Felix e redescobriera seu próprio corpo na pura sensação física de seu relacionamento.

Fez um esforço para visualizar o corpo nu de Derek: o pescoço grosso, os peitos gordos, com chumaços de cabelos grisalhos e brancos nos mamilos, a enorme barriga com aquela quantidade de cabelos alargando-se na virilha e, finalmente... Bem, pelo menos ali Felix e ele eram mais ou menos iguais.

Imaginava-se na cama com Derek, e pensava como ele a acariciaria e a beijaria, e o que ela faria com ele — e subitamente compreendeu que podia fazê-lo e ter prazer naquilo, por causa do que significava: os dedos de Felix podiam ser peritos e conhecedores de segredos, mas as mãos de Derek eram as que ela havia segurado durante anos; podia arranhar os ombros de Felix nos arroubos da paixão, mas sabia que podia apoiar-se nos de Derek; Felix tinha as feições bonitas, mas no rosto de Derek havia anos de bondade e conforto, de compaixão e compreensão.

Talvez amasse Derek e talvez fosse simplesmente velha demais para mudar.

Ouviu quando ele saiu da banheira e entrou em pânico. Não tivera tempo suficiente; ainda não estava pronta para tomar uma decisão irrevogável. Não podia, ali e naquele momento, aceitar a ideia de nunca mais sentir Felix dentro dela. Era cedo demais.

Precisava falar com Derek. Precisava mudar de assunto, interromper a atitude deles. O que poderia ele dizer? Derek agora saíra da banheira, deveria estar secando-se com a toalha. Logo estaria ali.

— Quem comprou a companhia? — perguntou-lhe em voz alta. Não conseguiu entender a resposta dele, e naquele momento o telefone tocou.

— Quem comprou a companhia? — repetiu ela quando cruzava o quarto para atender. E levantou o fone do aparelho.

— Um homem chamado Felix Laski. Você o conheceu. Lembra-se dele? — respondeu-lhe, alto, Derek.

Ellen ficou gelada, com o fone encostado no ouvido, sem poder falar. Era demais para poder ser absorvido: as implicações, a ironia, a traição...

A voz no telefone disse bem no seu ouvido:

— Alo, alo! — Era Felix.

— Não! Pelo amor de Deus! — sussurrou ela.

— Ellen! — disse ele. — É você?

— Sim.

— Tenho muita coisa que falar com você. Podemos nos encontrar?

— Eu... eu acho que não — gaguejou ela.

— Não faça isso! — A voz grave dele, como de um ator representando Shakespeare, era como a música de um violoncelo. — Quero que você se case comigo.

— Oh! Meu Deus!

— Ellen, fale comigo! Quer casar-se comigo? Subitamente ela sabia o que desejava, e ao compreender aquilo começou a ficar calma. Inspirou profundo e disse:

— Não, certamente que não quero! — Em seguida desligou o telefone e ficou olhando para o aparelho por alguns segundos.

Bem devagar e de modo deliberado, despiu toda a roupa e colocou-a com cuidado em cima de uma cadeira.

Depois deitou-se na cama e ficou à espera do marido.

Tony Cox sentia-se um homem feliz. O rádio do carro tocava enquanto ele dirigia

vagarosamente o Rolls para casa através das ruas de East London. Ia pensando como as coisas haviam corrido bem e já se esquecia do que acontecera com o Surdo Willie. Tamborilava com os dedos na direção ao ritmo de uma canção pop com uma cadência saltitante. Agora estava mais fresco. O sol baixara no horizonte, e havia camadas de altas nuvens brancas num céu azul. O tráfego tornava-se mais congestionado à medida que se aproximava a hora do rush, mas Tony tinha toda a paciência do mundo naquela tarde.

Tudo no final dera certo. Os rapazes tinham recebido sua participação e Tony explicara-lhes como o restante do dinheiro tinha sido escondido em um banco e por quê.

Prometiera-lhes outro pagamento dentro de dois meses, e eles haviam ficado contentes.

Laski aceitara o dinheiro roubado mais rápido do que Tony esperara. Talvez o espertalhão pensasse que poderia apropriar-se de uma parte dele; que tentasse... Os dois juntos tinham de bolar algum esquema para esconder a procedência verdadeira de qualquer importância que Tony retirasse dos fundos. Isto não deveria ser difícil.

Naquela noite nada poderia ser difícil. Ficou pensando no que faria no resto da noite. Talvez fosse para um bar de gays pegar um amigo para a noite. Iria vestir-se bem, usar belas jóias e enfiar no bolso um maço de notas de dez. Iria encontrar um rapaz dois anos mais jovem do que ele e rodeá-lo de gentilezas: um belo jantar, um show, champanha — depois, de volta para o apartamento em Barbican. Ele lhe daria uns tapas só para amaciá-lo e depois...

Seria uma boa noite. Pela manhã o rapaz iria embora com os bolsos cheios de dinheiro, com algumas equimoses, mas feliz. Tony gostava de fazer as pessoas felizes.

Cedendo a um impulso, ele encostou ao lado de uma loja de esquina e entrou. Era uma loja de venda de jornais bem iluminada, com uma decoração moderna, e prateleiras novas ao longo das paredes para revistas e livros. Tony pediu a maior caixa de chocolates que houvesse na casa. A pequena atrás do balcão era gordinha, sarapintada e atrevida. Esticou-se na ponta dos pés para alcançar os chocolates, deixando que seu vestido de uniforme de náilon subisse quase até mostrar a bunda. Tony desviou os olhos.

— Quem é então a feliz pessoa que vai ganhar os chocolates? perguntou ela.

— Minha mãe.

— Invente outra história...

Tony pagou e saiu apressado. Não havia nada mais revoltante do que uma mulher oferecida.

Enquanto continuava a dirigir, pensava: realmente, com um milhão de libras, eu deveria fazer alguma coisa mais do que divertir-me uma noite na cidade. Mas não havia nada mais que desejasse. Poderia comprar uma casa na Espanha, mas lá fazia muito calor. Possuía muitos carros; cruzeiros internacionais enfadavam-no; não desejava uma mansão no campo; não colecionava nada. Dava-lhe vontade de rir quando pensava que se tornara milionário em um dia, e a única coisa que pensava em comprar era uma caixa de um quilo e meio de chocolates.

O dinheiro representava, no entanto, segurança. Se atravessasse um período ruim — até mesmo (que Deus não o permitisse) se passasse um tempo na cadeia — poderia cuidar dos rapazes por um bom tempo. O custeio da "firma" às vezes tornava-se caro. Havia cerca de vinte caras ao todo, e cada um deles procurava-o todas as sextas-feiras para alguns "cobres", quer eles tivessem tido bons palpites no jogo ou não. Suspirou. Sim, as responsabilidades dele agora pesariam menos; só por isso já havia valido a pena.

Estacionou em frente à casa da mãe. O relógio no painel indicava 16:35. A mãe logo teria o

chá pronto; talvez um pouco de requeijão numa torrada ou um prato de feijões assados; depois um bolo de frutas ou Battenberg; e pêras em conserva com creme de leite Ideal para arrematar. Ou ela poderia ter preparado para ele seu prato preferido: pão de minuto com geléia. De noite ele iria comer de novo; sempre tivera umbomapetite.

Entrou na casa e fechou a porta da frente. O corredor de entrada estava desarrumado. O aspirador de pó estava abandonado no meio das escadas, uma capa de chuva caíra do cabide da entrada no piso de ladrilhos, e havia qualquer coisa suja na porta da cozinha. Dava a impressão de que a mãe havia sido chamada subitamente; ele esperava que não fosse nenhuma notícia ruim.

Pegou a capa de chuva e pendurou-a no cabide. A cachorra também não estava em casa; não ouvira seu latido de boas-vindas.

Aproximou-se da cozinha e parou com um dos pés ainda no corredor.

A desarrumação era total. A princípio, não pôde perceber o que acontecera, mas então sentiu cheiro de sangue.

O sangue estava por toda parte: pelas paredes, no chão, no teto; por cima da geladeira, do fogão e da mesa da cozinha. Um mau cheiro de matadouro encheu-lhe as narinas, e sentiu-se enjoado. Mas de onde vinha tudo aquilo? O que o causara? Correu os olhos em volta desesperado à procura de alguma indicação, mas não havia nada; só o sangue.

Cruzou a cozinha em duas largas passadas e escancarou a porta dos fundos.

Então compreendeu.

Sua cachorra estava estendida de costas no meio da pequena área cimentada. A faca ainda estava enterrada nela, a mesma faca que ele havia afiado demais naquela manhã.

Tony ajoelhou-se ao lado do animal mutilado. O corpo da cadela parecia murcho, como um balão furado.

Uma enxurrada de palavrões e blasfêmias em voz baixa saíram dos lábios de Tony. Olhou para as múltiplas feridas e para os pedaços de pano entre os dentes da cadela e murmurou:

— Você deve ter lutado muito, pequena.

Foi até o portão do jardim e olhou para a rua, como se o assassino ainda pudesse estar por ali. Tudo o que pôde ver foi uma grande massa de chiclete no chão, cuspidos por alguma criança.

Obviamente aquilo acontecera quando a mãe estava fora, o que fora uma sorte. Tony decidiu-se a limpar tudo antes que ela voltasse.

Pegou uma pá na casinha do jardim. Entre a área e o portão do jardim havia um pequeno trecho de terreno com terra que o velho costumava cultivar intermitentemente.

Agora o capim crescera. Tony tirou o paletó, marcou um pequeno quadrado no chão, e começou a escavar.

Não demorou muito e a cova ficou pronta. Ele era forte e estava revoltado. Jogou a pá no chão com violência e pensou no que faria com o assassino se o encontrasse.

E iria encontrá-lo. O filho da puta fizera aquilo por maldade, e quando as pessoas faziam coisas assim acabavam comentando com alguém. Ele conhecia o tipo. Alguém ouviria algum comentário e diria a um dos rapazes, pensando numa recompensa.

Pensou que talvez o Velho Bill estivesse por trás daquilo. Não era provável: aquele não era o

estilo deles. Quem, então? Tinha muitos inimigos, mas nenhum deles possuía o ódio ou o apetite para fazer uma coisa daquelas. Quando Tony encontrava alguém com tanta disposição, em geral contratava o sujeito.

Embrulhou a cadela no seu paletó e colocou-a delicadamente no buraco. Jogou a terra de volta na cova e alisou a superfície com as costas da pá. Não se diziam orações para cachorros? Não.

Voltou até a cozinha. A confusão era total. Não havia como limpá-la sozinho. A mãe estaria de volta dentro de minutos — era um maldito milagre que ela ficasse fora de casa tanto tempo. Ele precisava de alguém para ajudá-lo. Decidiu telefonar para a cunhada.

Atravessou a cozinha, tentando não espalhar mais o sangue. Parecia haver muito sangue, mesmo para um boxer.

Foi até a sala de estar para usar o telefone, e lá estava ela.

Com certeza, ela tentara alcançar o telefone. Uma trilha fina de sangue corria da porta da cozinha até o corpo, que estava inteiramente esticado no tapete. Fora apunhalada apenas uma vez, mas a facada fora fatal.

O horror congelado no rosto de Tony foi-se mudando vagarosamente à medida que suas feições se contorciam, como uma almofada amassada, numa expressão de desespero.

Levantou os braços bem devagar e apertou as palmas das mãos contra o rosto, com a boca aberta.

Por fim vieram-lhe palavras à boca, e urrou como um touro ferido.

— Mãe — berrou ele. — Oh, meu Deus! Mãe! — Caiu de joelhos ao lado do corpo e chorou, com gemidos altos, vindos do fundo do peito, como os de uma criança em total desespero.

Na rua muita gente reunia-se em volta da janela da sala, mas ninguém ousava entrar.

O clube de tênis da cidade era um estabelecimento que nada tinha a ver com tnis, e tudo a ver com tomar uns drinques à tarde. Kevin Hart ficava muitas vezes intrigado com a implausibilidade de seu título. Numa viela que desembocava na Fleet Street, apertado entre uma igreja e um edifício de escritórios, não havia espaço nem para jogar tênis de mesa. Se tudo o que eles desejavam era uma desculpa para servir bebidas quando os pubs estavam fechados — pensava Kevin — poderiam certamente ter achado algo mais verossímil, como filatelia ou miniaturas de estradas de ferro. Como a coisa estava, o mais próximo a que podiam chegar de tênis era uma máquina automática, acionada por moeda, que mostrava numa tela de televisão uma quadra de tênis em miniatura, na qual se movimentava o jogador acionando uma alavanca.

Entretanto, tinha três bares e um restaurante, e era um bom lugar para se encontrar com gente do Daily Mail ou do Mirror, que poderiam um dia oferecer-lhe emprego.

Kevin chegou lá pouco antes das cinco. Comprou um copo de cerveja e sentou-se a uma mesa, conversando negligentemente com um repórter do Evening News, o qual conhecia de vista. Sua mente, porém, não estava na conversa, pois por dentro ainda estava fervendo. O repórter foi-se embora depois de um tempo, e Kevin viu Arthur Cole entrar e ir até o bar.

Para surpresa de Kevin, o subeditor de notícias trouxe seu drinque para o lado oposto da mesa onde ele estava e sentou-se.

— Que dia tivemos! — comentou Arthur.

Kevin concordou com um gesto de cabeça. Realmente não desejava a companhia do homem mais velho; desejava ficar sozinho, para analisar como se sentia.

Arthur virou a metade da sua cerveja de uma só vez e descansou o copo na mesa com um ar de satisfação.

— Na hora do almoço não bebi nada — explicou ele.

— Você estava segurando a barra sozinho — comentou Kevin, só para ser polido.

— É mesmo. — Arthur tirou do bolso um maço de cigarros e um isqueiro e colocou-os em cima da mesa. — Me abstive dessas coisas durante todo o dia; gostaria de saber até quando resistirei.

Kevin olhou disfarçadamente para seu relógio e ficou pensando em transferir-se para o El Vino.

— Você provavelmente está pensando que cometeu um erro escolhendo esta profissão — disse Arthur.

Kevin ficou espantado. Não havia creditado a Cole uma tal perspicácia.

— Estou — respondeu.

— Pode ser que esteja certo.

— Isto é muito encorajador!...

— Pois então saiba que este é o seu problema — suspirou Arthur.

— Você surge sempre com estas observações inteligentes...

— Se tenho de lamber botas, estou na profissão errada. Arthur ia apanhar um cigarro, depois mudou de idéia.

— Você aprendeu algo hoje, não aprendeu? Está começando a compreender o que é a imprensa, e se aprendeu alguma coisa, foi a adquirir um pouco de humildade.

Kevin estava zangado pelo tom protetor do outro.

— Admira-me que depois do que aconteceu hoje não haja ninguém por aqui com uma sensação de fracasso!

Arthur deu um riso amargo, e Kevin compreendeu que havia acertado num ponto fraco: o sentimento de fracasso de Arthur deveria ser mais ou menos permanente.

— Vocês são de uma geração nova, e suponho que necessitamos de vocês. A moda antiga... fazer todo mundo começar por baixo e galgar a escala devagar... era melhor para produzir repórteres do que executivos. Deus sabe que existe carência de boas cabeças na gerência dos jornais. Espero que você continue conosco. Quer outra cerveja?

— Obrigado.

Arthur foi até o bar. Kevin estava perplexo. Nunca recebera outra coisa senão críticas de Arthur, no entanto o homem agora estava a pedir-lhe que permanecesse na carreira de jornalista e se tornasse gerente. Aquilo não estava nos planos dele, mas apenas porque nunca havia pensado nisso. Não era o que desejava: gostava de descobrir coisas, escrever, trabalhar pela verdade. Não tinha certeza; iria pensar a respeito.

Quando Arthur voltou com as cervejas, Kevin disse:

— Se isso é o que acontece quando acerto com uma grande história, como é que vou chegar

a algum lugar?

Arthur deu outra vez aquele riso amargo:

— Pensa que está sozinho? Você já considerou que eu era o editor de notícias hoje? Para você, pelo menos, haverá outra história. Ele esticou o braço para o maço de cigarros, e desta vez acendeu um.

Kevin observou-o aspirar o fumo. Sim, pensou ele, para mim haverá outra história. Para Arthur, não

Fim.